RESPOSTA DE UM ANARQUISTA AOS ÚLTIMOS MOICANOS DO MARXISMO E DO LENINISMO, ASSIM COMO AOS INÚMEROS PINTAINHOS DA DEMOCRACIA.

Ed. Sotavento, Faro (Portugal), 1991.

RÉPONSE D'UN ANARCHISTE AUX DERNIERS MOHICANS DU MARXISME-LÉNINISME, AINSI QU'AUX INNOMBRABLES POUSSINS DE LA DÉMOCRATIE.

Éd. Sotavento, Faro, 1991.

- 1 -

SOBRE A TEORIA DO DOMÍNIO

Pelo simples enunciado do vosso arrazoado se topa logo o primeiro e decisivo obstáculo contra o qual, impotente, o vosso pensamento esbarra: será que não tendes uma *teoria do domínio?* Não compreendestes ainda que as aludidas classes sociais, não redutíveis aliás à dinâmica duma dialéctica banalmente bipolar, antes hierarquizadas no interior duma pirâmide em que o explorador de um é por via de regra o explorado doutro, têm que ser dominadas antes de ser exploradas e que a categoria do domínio é mais vasta do que a da exploração, decorrendo historicamente uma da outra?

Seria aconselhável, se não fosseis tão dogmáticos nos vossos pensamentos fósseis, que pudésseis informar-vos um pouco sobre as sociedades ditas primitivas («*as primeiras sociedades de abundância*»), a génese do Estado, do fenómeno guerreiro ou predador, da mitologia e da religião e, muito especialmente, sobre a «*servidão voluntária*» — fenómeno escalpelizado há séculos por Étienne de LA BOÉTIE. Não, não é questão de que esqueçais o problema da produção material e do tubo digestivo que precisa de comer para defecar, como qualquer glutão ou grevista da fome sabe; é tão somente questão de que possais evoluir de um materialismo grosseiro e estomacal para formas (e conteúdos) mais elaborados de materialismo... Que diabo!, falar-se de Deus e do Estado, da teologia e da política, e no triste papel por elas desempenhado na mistificação da humanidade, não equivale nem a ser-se deísta nem a ser-se estatista! Nem a uma tentativa desespera-

- 1 -

SUR LA THÉORIE DE LA DOMINATION

Dès l'énoncé de votre argument, le premier et décisif obstacle auquel votre pensée se heurte, impuissante, apparaît clairement: n'avez-vous donc aucune théorie de la domination? N'avez-vous pas encore compris que les classes sociales susmentionnées, qui ne se réduisent pas à la dynamique d'une dialectique bipolaire banale, mais sont plutôt hiérarchiquement organisées au sein d'une pyramide où l'exploiteur des uns est, en règle générale, l'exploité des autres, doivent être dominées avant d'être exploitées, et que la catégorie de domination est plus large que celle d'exploitation, les deux découlant historiquement l'une de l'autre?

Si vous n'étiez pas si dogmatiques dans votre pensée figée, il serait judicieux de vous renseigner un peu sur les sociétés dites primitives («*les premières sociétés d'abondance*»), la genèse de l'État, le phénomène du guerrier ou du prédateur, la mythologie et la religion, et surtout sur la «*servitude volontaire*» – un phénomène analysé il y a des siècles par Étienne de LA BOÉTIE. Non, il ne s'agit pas d'oublier le problème de la production matérielle et du système digestif qui a besoin de manger pour déféquer, comme tout glouton ou gréviste de la faim le sait; il s'agit simplement d'évoluer d'un matérialisme grossier et nauséabond vers des formes (et des contenus) de matérialisme plus élaborées… Quelle horreur! Parler de Dieu et de l'État, de théologie et de politique, et du rôle déplorable qu'ils jouent dans la mystification de l'humanité, ce n'est être ni déiste ni étatiste! Ce n'est pas non plus, croyez-

da, podeis crer, de obscurecimento dos mecanismos do domínio e da exploração...

Na conformidade, não se pode atacar eficazmente «*Das Kapital*» sem se atacar o Estado. Não esta ou aquela forma de Estado, - Estado esclavagista, feudal, burguês ou «*proletário*»; Estado democrático, constitucional e de Direito ou Estado ditatorial , -mas o Estado sem adjectivos e substancial, o grande mediador, a instituição das instituições, o exemplo por excelência da organização hierarquizada e piramidal da sociedade, em que contam tanto as pequenas unidades básicas de enquadramento quanto os grandes conjuntos desumanizantes. O Estado, em suma, corporizado nos seus larguíssimos milhares de funcionários, burocratas, tecnocratas, gestores, deputados, ministros, autarcas, magistrados, polícias e militares, funcionando sempre de cima para baixo e do centro para a periferia, por mais democrático e descentralizado que se autoproclamé.

É que o Estado, «*criador e criatura*» de privilégios, como dizia Malatesta, tanto defende os interesses das classes possidentes existentes em determinado momento histórico como gera nas suas entranhas e circuitos novos interesses e novas classes dominantes e, por conseguinte, exploradoras. Até na sociedade capitalista aparentemente mais «*liberal*», com o Estado reduzido ao ínfimo papel de polícia e o factor económico mais autonomizado possível, «*o Estado tem uma vitalidade própria e constitui com os seus componentes estáveis ou electivos, com os seus funcionários e magistrados, com os seus polícias e clientes, uma verdadeira e própria classe social àparte...*» (Luigi Fabbri). A coisa é tão evidente que «*se o capitalismo fosse destruído e se deixasse subsistir um governo, este governo, mediante a concessão de toda a espécie de privilégios, criá-lo-ia de novo...*» (Congresso de Bolonha da *União Anarquista Italiana,* Julho de 1920). O rótulo, como se depreende, pouco importa, podendo esse hipotético governo intitular-se canhoto, esquerdino, ambidestro, popular, proletário, socialista (com o ou com u) ou comunista...

Contudo, tal como os marxistas, leninistas e restantes funâmbulos da derradeira religião revelada — a do socialismo ou comunismo autoritário —, sois incapazes de ver a questão social com esta limpeza. Consequentemente, caís, em meu entender, num duplo erro:

1- Por um lado, como achais que a vida social está economicamente condicionada (o que está certo) e descambais no economicismo (o que está errado), tendes tendência para ver no Estado apenas

(*) Alusão a termos idiomáticos antigos ou, muito provavelmente, locais. *(Observação A.M.)*.

moi, une tentative désespérée de masquer les mécanismes de domination et d'exploitation...

Par conséquent, on ne peut s'attaquer efficacement au «*Capital*» sans s'attaquer à l'État. Non pas à telle ou telle forme d'État, – État esclavagiste, féodal, bourgeois ou «*prolétarien*»; État démocratique, constitutionnel et de droit, ou État dictatorial, – mais à l'État dans son essence même, sans adjectifs ni substance, le grand médiateur, l'institution des institutions, l'exemple par excellence de l'organisation hiérarchique et pyramidale de la société, où comptent aussi bien les petites unités de base que les vastes structures déshumanisantes. L'État, en somme, incarné par ses milliers de fonctionnaires, bureaucrates, technocrates, gestionnaires, députés, ministres, maires, magistrats, policiers et militaires, fonctionnant toujours du sommet à la base et du centre à la périphérie, aussi démocratique et décentralisé qu'il puisse se proclamer.

Le fait est que l'État, «*créateur et progéniteur*» de privilèges, comme le disait Malatesta, défend les intérêts des classes possédantes à un moment historique donné tout en engendrant, au sein de ses entrailles et de ses circuits, de nouveaux intérêts et de nouvelles classes dominantes et, par conséquent, exploiteuses. Même dans la société capitaliste en apparence la plus «*libérale*», où l'État est réduit au rôle minimal de police et à l'autonomie économique la plus totale, «*l'État possède sa propre vitalité et constitue, avec ses composantes stables ou élues, avec ses fonctionnaires et magistrats, avec sa police et ses clients, une véritable classe sociale à part entière…*» (Luigi Fabbri). Le phénomène est si évident que «*si le capitalisme était détruit et qu'un gouvernement était autorisé à subsister, ce gouvernement, en octroyant toutes sortes de privilèges, le recréerait…*» (Congrès de Bologne de l'*Union anarchiste italienne*, juillet 1920). L'étiquette, comme on le voit, importe peu. Ce gouvernement hypothétique pourrait se qualifier de gauche, gauchiste, ambidextre, populaire, prolétarien, socialiste (avec un o ou un u (*)), ou communiste...

Cependant, à l'instar des marxistes, des léninistes et autres funambules de la religion révélée ultime – celle du socialisme ou du communisme autoritaire –, vous êtes incapable d'appréhender la question sociale avec cette lucidité. Par conséquent, à mon avis, vous commettez une double erreur:

1- D'une part, puisque vous croyez que la vie sociale est conditionnée économiquement (ce qui est exact) et que vous sombrez dans l'économisme (ce qui est faux), vous tendez à considérer l'État comme une simple superstructure, une méga-ma-

(*) Allusion à des vocables idiomatiques anciens, ou locaux, selon toute vraisemblance. *(Note A.M.)*.

uma superstrutura, uma mega-máquina que, em melhores mãos (nas vossas, obviamente), até pode dar melhores frutos. Assim, a uma geringonça tão providencial e tão instrumentalizável até podeis confiar novas atribuições, para além das que lhe são tradicionalmente cometidas pela burguesia: a expropriação dos expropriadores, por exemplo, convertendo-se o vosso modelar e canonizável Estado «*proletário*» no expropriador único.

2- Por outro (erro de sinal contrário), por muito economicistas e materialistas que vos digais, quando não soçobrais na expectativa e no determinismo de tipo fatalista (a pêra há-de cair de madura, as contradições íntimas e objectivas do sistema hão-de fazer com que ele se autodestrua, etc...), tendes da revolução social uma noção perfeitamente golpista e politicante. É assim que continuais a manipular, agitando-o antes de usá-lo, o conceito especioso de «*ditadura do proletariado*», ditadura essa, segundo o vosso superior critério, «*de modo nenhum posta em causa mas confirmada pela derrota da revolução russa*», porquanto, para vossorias, «*foi por a ditadura do proletariado ser tão débil que o poder de Estado passou para o controlo duma burguesia burocrática e a revolução se afundou*».

No meio de toda essa balbúrdia para vós extremamente operacional e sobretudo insusceptível de vos levar a erros práticos, achais que os anarquistas consubstanciam «*uma corrente de pensamento que não consegue ver mais do que Homens abstractos face a princípios abstractos, como Igualdade, Liberdade, Autoridade*». Um escol de patetas, resumindo e concatenando, «*como aqueles pobres das aldeias que ainda não se deixam enganar com histórias sobre viagens interplanetárias...*». Precisamente porque, «*ao verem o inimigo não na classe burguesa mas no Estado em geral, os anarquistas passam ao lado da questão aferidora de todas as correntes políticas: como fazer sair os trabalhadores da prisão do Estado burguês? como derrubar a burguesia?*».

Mas que «*infantilismo*» (a expressão é vossa), não é verdade? Resta é saber se tal infantilismo nos é imputável, a nós que somos incrédulos — até porque o ateismo, em política, dá pelo nome de anarquismo — ou a vós que, na vossa qualidade de arquistas, ainda acreditais no pai natal ou na história da carochinha.

---

chine qui, entre de meilleures mains (les vôtres, manifestement), pourrait même produire de meilleurs résultats. Ainsi, vous pouvez même attribuer à cette machine providentielle et instrumentalisable de nouvelles attributions, en plus de celles que la bourgeoisie lui attribue traditionnellement: l'expropriation des expropriants, par exemple, transformant votre État «prolétarien», modèle et canonisable, en unique expropriant.

2- D'un autre côté (erreur de signe opposé), aussi économistes et matérialistes que vous puissiez vous prétendre, lorsque vous ne cédez pas à l'attente et au déterminisme fataliste (la poire tombera quand elle sera mûre, les contradictions intrinsèques et objectives du système entraîneront son autodestruction, etc...), vous vous retrouvez avec une conception parfaitement putschiste et politiste de la révolution sociale. C'est ainsi que vous continuez à manipuler, en l'agitant avant de l'utiliser, le concept spécieux de «*dictature du prolétariat*», une dictature qui, selon vos critères supérieurs, «*n'a nullement été remise en question mais au contraire confirmée par la défaite de la révolution russe*», car, pour vous, «*c'est parce que la dictature du prolétariat était si faible que le pouvoir d'État est passé aux mains d'une bourgeoisie bureaucratique et que la révolution a sombré*».

Au milieu de tout ce bavardage, si pratique pour vous et surtout si peu susceptible de vous induire en erreur, vous pensez que les anarchistes incarnent «*un courant de pensée incapable de voir autre chose que des hommes abstraits confrontés à des principes abstraits, tels que l'Égalité, la Liberté, l'Autorité*». Une bande d'imbéciles, pour résumer, «*comme ces pauvres gens des villages qui ne se laissent toujours pas berner par les histoires de voyages interplanétaires…*». Précisément parce que, «en voyant l'ennemi non pas dans la bourgeoisie mais dans l'État en général, les anarchistes passent à côté de la question cruciale pour tous les courants politiques: comment libérer les travailleurs de la prison de l'État bourgeois? comment renverser la bourgeoisie?».

Mais quelle «*puérilité*» (l'expression est de vous), n'est-ce pas? Reste à savoir si cette puérilité nous est imputable, à nous qui sommes incroyants – d'autant plus que l'athéisme, en politique, se fait appeler anarchisme – ou à vous qui, en tant qu'*archistes*, croyez encore au Père Noël ou aux contes de fées.

SOBRE O MODO DE PRODUÇÃO ASIÁTICO

Em primeiro lugar, contrariando a fábula do Estado demasiado super-strutural, digno de figurar nos museus da sociedade anarquista do futuro, *«ao lado da roca de fiar e do machado de bronze»* (ENGELS, *«A origem da família, da propriedade e do Estado»*), temos logo a teoria do *«modo de produção asiático»*, mais ou menos elaborada pelo próprio MARX.

Efectivamente, que pensar de um modo de produção em que o Estado é o *«empresário universal»*, dirige os grandes trabalhos públicos, gere o sistema de irrigação, do qual depende toda a terra arável, sem que todavia haja uma rede de proprietários privados? Pois foi o que aconteceu em grandes franjas de todo o Oriente e durante largos séculos: não havia uma propriedade privada com trabalho escravo subjacente, como na antiguidade clássica ocidental; não havia o feudo com as obrigações aviltantes dos servos da gleba, como no feudalismo; e menos ainda havia uma élite de capitães de indústria e de *«peritos»* financeiros, como no capitalismo. O Estado já então igual a si próprio, com todos os seus tentáculos e a sua rede de burocratas, os seus privilegiados e as suas clientelas, os seus cargos, prebendas e mordomias, era dono de tudo; confundia os seus próprios interesses com os interesses da comunidade e, segundo ENGELS, agrupava-se à volta de três *«ministérios»*: finanças ou pilhagem do interior, guerra ou pilhagem do interior e do exterior e, enfim, trabalhos públicos ou *«ministério da reprodução»*.

MARX e ENGELS, pleonasticamente imbuídos de *«marxismo»*, não levaram, porém, a sua descoberta até ao fim. Como não tinham uma teoria do domínio consequente, não podiam compreender que a burocracia tivesse entre mãos e exercesse uma forma de poder e opressão não derivada de outras classes sociais mais importantes. O que seria dar demasiada razão aos anarquistas, os quais sempre defenderam que as formas de domínio e de exploração não seriam apenas e sempre redutíveis a formas capitalistas ou pré-capitalistas arcaicas... E para cúmulo do (vosso) azar, parece que até as modernas ciências sociais vêm dar razão à genial intuição dos acratas, o que já não é assim tão mau, atendendo a que se trata duma confraria de pobres *«utópicos»*. Diz, por exemplo, muito a propósito Ralf DAHRENDORF: *«De um ponto de vista sociológico, a propriedade não é de facto a única forma de autoridade. Por conseguinte, quando se tenta definir a autoridade com base na propriedade, acaba-se por definir o geral com base no particular, o que constitui um evidente erro de lógica. Em qualquer caso em que esteja presente a proprie-*

- 2 -

À PROPOS DU MODE DE PRODUCTION ASIATIQUE

Tout d'abord, pour contredire la fable de l'État hyper-structuré, digne d'être exposé dans les musées de la société anarchiste future, *«aux côtés du rouet et de la hache de bronze»* (ENGELS, *«L'Origine de la famille, de la propriété privée et de l'État»*), on trouve immédiatement la théorie du *«mode de production asiatique»*, plus ou moins élaborée par MARX lui-même.

En effet, que penser d'un mode de production où l'État est *«l'entrepreneur universel»*, dirige les grands travaux publics, gère le système d'irrigation dont dépend toute terre arable, sans pour autant qu'il existe un réseau de propriétaires privés? Car c'est ce qui s'est produit dans de vastes régions de tout l'Orient et pendant de nombreux siècles: point de propriété privée sous-jacente au travail servile, comme dans l'Antiquité classique occidentale; point de fief avec les obligations dégradantes des serfs, comme dans le féodalisme; et encore moins d'une élite de capitaines d'industrie et d'*«experts»* financiers, comme dans le capitalisme. L'État, déjà égal à lui-même, avec tous ses tentacules et son réseau de bureaucrates, ses privilégiés et sa clientèle, ses offices, ses sinécures et ses avantages, possédait tout; il confondait ses propres intérêts avec ceux de la communauté et, selon ENGELS, s'organisait autour de trois *«ministères»*: les finances ou le pillage de l'intérieur, la guerre ou le pillage de l'intérieur et de l'extérieur, et enfin les travaux publics ou *«ministère de la reproduction»*.

MARX et ENGELS, imprégnés de *«marxisme»*, n'ont cependant pas poussé leur découverte jusqu'à son terme. Faute d'une théorie de la domination cohérente, ils ne pouvaient comprendre comment la bureaucratie pouvait exercer une forme de pouvoir et d'oppression qui ne provenait pas d'autres classes sociales plus importantes. Ce serait accorder trop de crédit aux anarchistes, qui ont toujours soutenu que les formes de domination et d'exploitation ne se réduisent pas uniquement et systématiquement à des formes capitalistes ou pré-capitalistes archaïques… Comble de l'ironie, il semble que même les sciences sociales modernes confirment aujourd'hui la brillante intuition des anarchistes, ce qui n'est pas si mal, étant donné qu'il s'agit d'une confrérie de pauvres *«utopistes»*. Par exemple, Ralf DAHRENDORF affirme très justement: *«D'un point de vue sociologique, la propriété n'est en réalité pas la seule forme d'autorité. Par conséquent, lorsqu'on tente de définir l'autorité à partir de la propriété, on finit par définir le général à partir du particulier, ce qui constitue une erreur logique manifeste. Dans tous les cas où la propriété est présente, l'autorité l'est aussi ; mais… toutes les*

dade, estará também a autoridade; mas... nem todas as manifestações de autoridade pressupõem a propriedade: a autoridade é uma relação social de carácter mais geral».

Dentro desta ordem de ideias e em última análise, poderíamos apresentar mais de mil casos edificantes, apanágio e pendão da formosa sociedade em que vivemos. Alguns bastam. Já reparastes, por exemplo, na tirania que existe dentro das próprias empresas capitalistas? Qualquer organograma nos mostra, antes de mais, a relação e a estrutura de poder existentes. Dos lacaios, empregados e operários até aos grandes directores e gestores, passando pelos pequenos, médios e grandes colarinhos brancos, todos ocupam o seu lugar na pirâmide hierárquica, com os correspondentes vencimentos, honorários, emolumentos e outros unguentos, directamente proporcionais à altura dos respectivos poleiros. E os nossos honrados democratas representativos, que ainda na véspera mendigaram o boletim de voto ao «*povo soberano*», no dia seguinte, ao descerem ao terreiro, acham perfeitamanto natural que a «*liberdade*» campeie na «*sociedade civil*», enquanto a opressão reina no local de trabalho. E acaso vistes, no quadro da recomposição e reajustamento das classes dominadoras e exploradoras, a inelutável substituição das velhotas que vivem dos rendimentos e dos gordos e luzidios latifundiários alentejanos pelos elegantes e buliçosos «*golden boys*», grandes manejadores de homens e capitais, com evidentes acessos aos créditos chorudos e bonificados (ou a fundo perdido) e aos centros de decisão? É só olhar para a velocidade com que passam do sector público para o privado e vice-versa. E será puro bambúrrio que no «*ranking*» das grandes fortunas mundiais, acima até dos multimilionários texanos, encontremos alguns rajás, marajás, sultões, xeiques, entre outros mandarins, além de sua graciosa majestade britânica? Finalizando este breve inventário heteróclito e quase surrealista, mas de maneira alguma exaustivo, chamamos a vossa atenção para a distribuição democrática dos tachos no quadro sempre a edificar, mas edificante!, do mercado comum europeu e do seu super--Estado. Já registastes a maneira como os eurocratas se abocanham? Dir-se-ia que as formas obsoletas da propriedade e da posse cedem o lugar à função e ao cargo, no quadro da estrutura tecno-burocrática mundial. Por enquanto, esses malandros inquinam apenas a Terra, mas dêem-lhes tempo e «*asas*» e eles contaminarão toda a galáxia...

Mas não percamos já de vista o modo de produção asiático, embrenhando-nos demasiado ostensivamente pelos meandros da selva urbana moderna. Na senda de Marx e Engels, Lénine e Trotsky e, depois, Staline e seus asseclas e pintainhos tentaram levar para a prática o que os mestres-pensadores haviam analisado. Como bons «*déspotas orientais*»,

manifestations de l'autorité ne présupposent pas la propriété: l'autorité est une relation sociale de nature plus générale».

Dans cette optique, et en définitive, nous pourrions présenter plus d'un millier d'exemples édifiants, véritables emblèmes de la belle société dans laquelle nous vivons. Quelques-uns suffisent. Avez-vous remarqué, par exemple, la tyrannie qui règne au sein même des entreprises capitalistes? Tout organigramme révèle, avant tout, les rapports de force et la structure en place. Du simple exécutant à l'ouvrier, en passant par les directeurs et les cadres supérieurs, sans oublier les employés de bureau de toutes tailles, chacun occupe sa place dans la pyramide hiérarchique, avec des salaires, des honoraires, des émoluments et autres avantages proportionnels à son rang. Et nos honorables représentants démocrates, qui la veille encore imploraient le «*peuple souverain*» de leur accorder le bulletin de vote, trouvent le lendemain, en descendant sur la place publique, parfaitement naturel que la «*liberté*» règne dans la «*société civile*», tandis que l'oppression règne sur le lieu de travail. Avez-vous remarqué, dans le cadre de la recomposition et du réajustement des classes dominantes et exploiteuses, l'inévitable remplacement des vieilles femmes vivant des revenus du peuple et des riches propriétaires terriens de l'Alentejo par d'élégants et bruyants «*golden boys*», d'habiles gestionnaires d'hommes et de capitaux, bénéficiant d'un accès privilégié à des prêts importants et subventionnés (voire non remboursables) et aux centres de décision? Voyez la rapidité avec laquelle ils passent du secteur public au secteur privé et inversement. Et est-il vraiment absurde que, dans le «*classement*» des plus grandes fortunes mondiales, même au-dessus des multimillionnaires texans, on trouve des rajahs, des maharajas, des sultans, des cheikhs, et autres mandarins, outre sa gracieuse majesté britannique? Pour conclure ce bref inventaire hétéroclite, presque surréaliste, mais loin d'être exhaustif, nous attirons votre attention sur la répartition démocratique des postes au sein du cadre en constante expansion, et pourtant constructif, du marché commun européen et de son super-État. Avez-vous remarqué comment les eurocrates s'empilent les uns sur les autres ? Il semblerait que les formes obsolètes de propriété et de possession cèdent la place à la fonction et au bureau au sein de la structure techno-bureaucratique mondiale. Pour l'instant, ces scélérats ne font que polluer la Terre, mais donnez-leur le temps et les «*moyens*», et ils contamineront la galaxie entière…

Mais ne perdons pas de vue le mode de production asiatique, en nous perdant trop ostensiblement dans les méandres de la jungle urbaine moderne. À la suite de Marx et Engels, Lénine et Trotsky, puis Staline et ses acolytes, on a tenté de mettre en pratique ce que les grands penseurs avaient analysé. À l'instar des bons «*despotes orientaux*», dignes

dignos discípulos dos faraós e de quantos mandaram construir as pirâmides, bem como dos guerreiros do império assírio-babilónico e dos senhores da guerra dos desertos e dos altos planaltos da Arábia, da Pérsia ou da índia, lançaram-se a milénios de distância no projecto demente e liberticida de edificação do Estado expropriador e, em princípio, proprietário único, único banqueiro, grande planificador, grande inquisidor, sumo-sacerdote, marechal supremo e super-bufo. À sua maneira, tentavam *«acabar com a História»,* edificando o Estado-Moloch, sem nos explicarem todavia como é que esse derradeiro expropriador seria a seu turno expropriado. Brandindo o chicote dos comissários do povo, usando e abusando do jus vitae necisque sobre as massas escravizadas, estatizando a pequena propriedade familiar mediante a simples aplicação do termo *kulak* — termo aliás desprovido de qualquer significação jurídico-económica —, matando à fome e deportando milhões de camponeses, criminalizando o dissenso, proibindo todos os partidos e todas as tendências, transformando os sovietes e os sindicatos em simples câmaras de registo e correias de transmissão, ilegalizando as greves porque susceptíveis de fazerem o jogo da reacção e porque a *«vanguarda dirigente»* se ocuparia de tudo — esses cavalheiros levaram por diante a mais brutal acumulação capitalista de todos os tempos...

Mas frente à realidade insustentável, até conceitos como *«acumulação capitalista primitiva»* ou *«capitalismo burocrático de Estado»* são controversos e problemáticos, incapazes de fornecer uma explicação séria à realidade social descrita. Pois se o regime do trabalho assalariado, a prisão moderna do salariato, constitui a base económica e a mola real da organização capitalista do *tripalium* (antigo instrumento de tortura, do qual deriva a palavra *trabalho*), que pensar das dezenas de milhões de pobres larvas humanas que durante décadas trabalharam à borla, em inúmeros campos de concentração, para os novos czares? Entre muitos outros pensionistas sempre caluniados pelos sacerdotes de esquerda e outros meninos que, como Barreirinhas Cunhal, achavam que nunca havia *«elementos suficientes»* para julgar a situação, o insuspeito Valentim Gonzalez, mais conhecido por *«El campesino»* e general comunista durante a guerra civil espanhola, no livro *«Vida e morte na U.R.S.S.»*, conta como as coisas se passavam no universo concentracionário. Milhões de homens e mulheres, em condições incríveis, em zonas situadas próximo do círculo polar ártico ou nos confins da Sibéria, personificavam a

(*) Álvaro Barreirinhas Cunhal (1913-2005), Secretário-Geral do *Partido comunista português* de 1961 a 1992. *(Nota A.M.)*

(**) Valentín González (1904-1983), conhecido por *«El Campesino»*, comunista e militar espanhol; denunciou o sistema de campos de concentração russos na década de 1950 e, posteriormente, tornou-se social-democrata. *(Nota A.M.)*.

disciples des pharaons et de tous ceux qui ont ordonné la construction des pyramides, ainsi que des guerriers de l'empire assyro-babylonien et des seigneurs de guerre des déserts et des hauts plateaux d'Arabie, de Perse ou d'Inde, ils se sont lancés, des millénaires plus tard, dans le projet insensé et destructeur de liberté de bâtir un État expropriant, en principe propriétaire unique, banquier unique, grand planificateur, grand inquisiteur, grand prêtre, maréchal suprême et informateur suprême. À leur manière, ils ont tenté de *«mettre fin à l'Histoire»*, en construisant l'État-Moloch, sans toutefois nous expliquer comment cet expropriant ultime serait à son tour exproprié. Brandissant le fouet des commissaires du peuple, usant et abusant du droit à la vie sur les masses asservies, nationalisant la petite propriété familiale par la simple application du terme *koulak* — terme, de surcroît, dépourvu de toute signification juridique et économique —, affamant et déportant des millions de paysans, criminalisant la dissidence, interdisant tous les partis et toutes les tendances, transformant les soviets et les syndicats en simples chambres d'enregistrement et courroies de transmission, interdisant les grèves car elles risquaient de faire le jeu des réactionnaires et parce que *«l'avant-garde dirigeante»* s'occuperait de tout — ces messieurs ont perpétré l'accumulation capitaliste la plus brutale de tous les temps...

Mais face à cette réalité insoutenable, même des concepts comme *«l'accumulation capitaliste primitive»* ou le *«capitalisme d'État bureaucratique»* se révèlent controversés et problématiques, incapables d'expliquer sérieusement la réalité sociale décrite. Car si le salariat, cette prison moderne qu'est le salariat, constitue le fondement économique et le véritable moteur de l'organisation capitaliste du *tripalium* (un ancien instrument de torture dont dérive le mot *«travail»*), que penser des dizaines de millions de pauvres larves humaines qui, pendant des décennies, ont travaillé gratuitement dans d'innombrables camps de concentration pour les nouveaux tsars? Parmi tant d'autres retraités constamment calomniés par des prêtres de gauche et d'autres jeunes hommes qui, comme Barreirinhas Cunhal **(*)**, estimaient qu'il n'y avait jamais *«suffisamment de preuves»* pour juger la situation, l'insoupçonné Valentim Gonzalez **(**)**, plus connu sous le nom d'*« El Campesino »*, général communiste durant la guerre civile espagnole, raconte dans son livre *«Vie et mort en URSS»* comment les choses se sont déroulées dans l'univers des camps de concentration. Des millions d'hommes et de femmes, dans des conditions incroyables, aux abords du cercle polaire arctique

(*) Álvaro Barreirinhas Cunhal (1913-2005), Secréaire général du *Parti communiste portugais* de 1961 à 1992. *(Note A.M.)*.

(**) Valentín González (1904-1983), dit *«El Campesino»*, communiste espagnol, militaire; dénonça l'univers concentrationnaire russe dans les années 50, puis devint social-démocrate. *(Note A.M.)*.

criação (no sentido de se criar gado, só que o gado era mais bem alimentado!) e a educação (pelo tripalium!) do «*homem novo*», essa criatura tão celebrada pelo pensamento judaico-cristão e marxista-leninista. Extraíam petróleo, níquel, carvão e ferro, trabalhavam sem qualquer protecção em indústrias químicas perigosas, em fábricas de armamento, em fundições, fábricas de conservas, koikhoses, indústrias madeireiras, construíam estradas, vias férreas e imensos canais que ligam os mares interiores... e eram devorados por milhões de piolhos, percevejos e mosquitos e morriam como moscas! Segundo *El Campesino*, por altura da morte de Staline (1953), vegetariam em dezenas de campos de concentração cerca de 19 milhões de soviéticos e 4 milhões de estrangeiros. Mais milhão, menos milhão, o que não terá sido nos anos trinta, durante o consulado de Iejov, chefe da polícia política, e do seu antecessor Iagoda, especializado em drogas e grandes obras públicas?! Estaremos, portanto, ante algo tipificado anteriormente como «*modo de produção asiático*» ou «*despotismo oriental*» ou ante um mero deslize, um simples «*desvio*» à devoradora ortodoxia? Pela parte modesta que me cabe, já escolhi, conquanto Friedrich Engels nos tivesse asseverado, do alto da sua cátedra e da sua sabicheza, que o Estado «*revolucionário*» e «*transitório*» (a que também se podia chamar eufemisticamente *Gemeinwesen*, isto é, *comunidade*) iria definhando aos poucos, até murchar completamente e metamorfosear-se na mais rematada anarquia... Mas que artista, que prestidigitador, não achais?! Só um campeão da dialéctica podia conceber semelhante salto qualitativo: no auge do seu império e da sua pujança, exorcizado e afastado qualquer perigo contra-revolucionário, absorvida e digerida toda e qualquer forma de capital, submetida e subjugada toda a população, o Estado decidia subitamente, num acesso de modéstia irrefreável, deixar a cena da história na ponta dos pés... Ou então, decidindo sujar as mãos pela última vez, desta feita com o próprio sangue, suicidava-se pateticamente, à japonesa, fazendo haraquiri!

No meio de tudo isto, já nos primórdios dos gloriosos e míticos anos vinte. Lénine ironizava, frente ao anarco-sindicalista Angel Pestana, sobre a liberdade «*abstracta*», entendida como «*preconceito burguês*». Antes, já tivera o mesmo comportamento frente ao guerrilheiro anarquista ucraniano Nestor Makhno, a quem os bolchevistas e o *Exército vermelho* tanto ficaram a dever, quando os exércitos brancos constituíam uma ameaça, e depois traíram miserável e jesuiticamente, na fase de consolidação do poder. Ajudando à festa, Trotsky, num livro vergonhoso intitulado «*Terrorismo e comunismo*» (homónimo do de Kautsky, mas de sinal contrário), apontava a «*militarização do trabalho*» como evidente «*método fundamental e indispensável para organizar as nossas forças de trabalho*». Achava

ou aux confins de la Sibérie, incarnaient la création (au sens de l'élevage, sauf que le bétail était mieux nourri!) et l'éducation (par le *tripalium*!) de «*l'homme nouveau*», cette créature si célébrée par la pensée judéo-chrétienne et marxiste-léniniste. Ils extrayaient du pétrole, du nickel, du charbon et du fer; ils travaillaient sans aucune protection dans des industries chimiques dangereuses, des usines d'armement, des fonderies, des conserveries, des kolkhozes, des scieries; ils construisaient des routes, des voies ferrées et d'immenses canaux reliant les mers intérieures… et ils étaient dévorés par des millions de poux, de punaises et de moustiques et mouraient comme des mouches! Selon *El Campesino*, à la mort de Staline (1953), environ 19 millions de Soviétiques et 4 millions d'étrangers croupissaient dans des dizaines de camps de concentration. À un million près, quelle somme cela devait-il représenter dans les années 1930, sous le règne d'Iejov, chef de la police politique, et de son prédécesseur Iagoda, spécialiste des stupéfiants et des grands travaux publics?! Sommes-nous donc face à ce qu'on a d'abord qualifié de «*mode de production asiatique*» ou de «*despotisme oriental*», ou à un simple faux pas, une simple «*déviation*» de l'orthodoxie dévorante? Pour ma part, j'ai déjà fait le choix, bien que Friedrich Engels nous ait assuré, du haut de son professorat et de sa sagesse, que l'État «*révolutionnaire*» et «*transitoire*» (qu'on pourrait aussi appeler, par euphémisme, *Gemeinwesen*, c'est-à-dire *communauté*) dépérirait peu à peu, jusqu'à disparaître complètement et se métamorphoser en une anarchie totale… Mais quel artiste, quel prestidigitateur, n'est-ce pas?! Seul un champion de la dialectique pouvait concevoir un tel saut qualitatif: au sommet de son empire et de sa puissance, après avoir exorcisé et banni tout danger contre-révolutionnaire, après avoir absorbé et digéré toute forme de capital, après avoir soumis et assujetti toute la population, l'État décida soudain, dans un accès d'irrépressible modestie, de quitter la scène de l'histoire sur la pointe des pieds… Ou bien, décidant de se salir les mains une dernière fois, cette fois avec son propre sang, il se suicida pathétiquement, à la japonaise, en pratiquant le hara-kiri!

Au milieu de tout cela, au début des glorieuses et mythiques années 1920, Lénine, avec ironie, tenait des propos à l'anarcho-syndicaliste Angel Pestana sur la liberté «*abstraite*», qu'il percevait comme un «*préjugé bourgeois*». Il avait auparavant adopté la même attitude envers le guérillero anarchiste ukrainien Nestor Makhno, à qui les bolcheviks et l'*Armée rouge* devaient tant lorsque les armées blanches représentaient une menace, et qu'ils trahirent ensuite misérablement, voire avec une cruauté jésuite, lors de la consolidation du pouvoir. Comble du spectacle, Trotsky, dans un ouvrage honteux intitulé «*Terrorisme et communisme*» (homonyme de celui de Kautsky, mais au sens inverse), présentait la «*militarisation du travail*» comme une méthode «*fondamentale et indispensable pour organiser nos forces de travail*». Il considérait que condamner le travail for-

que condenar o trabalho forçado e falar da sua fraca produtividade era uma atitude tipicamente conservadora e arrogava-se o direito de deportar qualquer produtor para qualquer sítio em que a sua actividade fosse socialmente necessária. Tal era o receituário do chamado «*comunismo de guerra*». E STALINE, como bom «*trotskista*», limitou-se a levar para a prática e em larga escala os ensinamentos do mestre. Com os homens da *agitprop* (agitação e propaganda, uma espécie de agência publicitária da época), lançou o fenómeno STAKHANOV — o tal mineiro que produzia 10 ou 20 vezes mais que os seus camaradas —, açulou os operários e os camponeses para aquilo a que em 1975 se chamava em Portugal as «*batalhas da produção*» e proclamou que o homem (concreto ou abstracto?) era o «*capital mais precioso*».

Pelo exposto se vê que, muito embora só se empreste aos ricos, como dizem os banqueiros, STALINE não pode ser considerado o único responsável e o bode expiatório de um sistema que, ao fim e ao cabo, o produziu. Sem de maneira alguma manejar o paradoxo, posso dizer que STALINE foi um TROTSKY que triunfou e TROTSKY um STALINE que falhou na conquista e conservação de um poder que lhe escorregou entre os dedos. Pois não foi TROTSKY inclusive quem exterminou os guerrilheiros anarquistas ucranianos, liquidou a *makhnovitchina* e organizou expedições punitivas contra os camponeses livres? E quem, ao esmagar em 1921 o último soviete livre, foi apodado «*GALLIFFET de Kronstadt*», sendo equiparado ao general que, em 1871, tinha afogado em sangue a *Comuna de Paris*?

---

cé et déplorer sa faible productivité relevait d'une attitude typiquement conservatrice, et s'arrogeait le droit de déporter tout producteur là où son activité était jugée socialement nécessaire. Telle était la recette du soi-disant «*communisme de guerre*». Et STALINE, en bon «*trotskiste*», n'a fait que mettre en pratique à grande échelle les enseignements du maître. Avec les hommes de l'*agitprop* (l'agitation et la propagande, une sorte d'agence de publicité de l'époque), il a lancé le phénomène STAKHANOV – le mineur qui produisait 10 ou 20 fois plus que ses camarades –, incité les ouvriers et les paysans à ce qu'on appelait en 1975 au Portugal les «*batailles de la production*», et proclamé que l'homme (concret ou abstrait?) était le «*capital le plus précieux*».

De ce qui précède, il ressort clairement que, même si les prêts ne sont accordés qu'aux riches, comme le disent les banquiers, STALINE ne peut être considéré comme le seul responsable et le bouc émissaire d'un système qui, en fin de compte, l'a engendré. Sans exploiter le paradoxe, je peux dire que: STALINE était un TROTSKY qui a triomphé et TROTSKY un STALINE qui n'a pas réussi à conquérir et à conserver un pouvoir qui lui a échappé. N'est-ce pas TROTSKY qui extermina les guérilleros anarchistes ukrainiens, liquida la *Makhnovchtchina* et organisa des expéditions punitives contre les paysans libres? Et qui, après avoir écrasé le dernier soviet libre en 1921, fut surnommé «*GALLIFFET de Kronstadt*», assimilé au général qui, en 1871, fit couler le sang de la *Commune de Paris*?

SOBRE A DITADURA DO PROLETARIADO

Em segundo lugar, se bem que a ditadura dita do proletariado seja para vossências a grande panaceia de transição de um presente abominável para um futuro radioso, - o que parece um aborto lógico e ético e uma total inadequação dos meios a empregar aos fins a atingir, -vejo-me obrigado a considerá-la mais uma velha mézinha da velha panóplia burguesa. As suas raízes mergulham na revolução francesa, mais concretamente no período que vai até 1793, quando a burguesia jacobina (terrorista e centralista) impunha o seu diktat, através do controle do *Comité de salvação pública* e do *Comité de segurança geral*. Robespierre, o tal que achava que: *«o pão não é uma questão política»*, mas que Lénine e os bolchevistas admiravam tanto, pensava cortar todas as pontes com o passado e com o *«Ancien régime»*, mas não fez mais do que preparar a reacção de thermidor, o regresso dos dantonistas e o advento de vigaristas ainda piores, entre os quais o imperador Napoleão Bonaparte. A contra-revolução devorava os seus próprios filhos, o Estado jacobino não rompia o círculo vicioso do domínio.

Foi a idealização deste período e a sua insuficiente análise e crítica por parte das escolas autoritárias (e reformistas) do socialismo e do comunismo que deu vida a um monstro: o mito da *«ditadura popular»* e do *«poder revolucionário»*. Em vez de pensarem que nunca ninguém conquistou o poder, mas que este é que conquistou todos os seus conquistadores, e que a relação política de comando-obediência não pode ser mantida, mas tem que ser abolida; Babeuf e a *«Conjura dos Iguais»*, insuficientemente emancipados do ascendente intelectual da burguesia jacobina, desenvolveram a ideia da ditadura transitória e da estatização da propriedade. O comunismo que propunham, aliás, situava-se a meio caminho, entre o convento e a caserna.

Depois foi a vez de Blanqui e das minorias belicosas e aguerridas, substituindo-se à máxima que a Associação Internacional dos Trabalhudores consagraria: *«A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores»*. Com meia dúzia de canhões e de barricadas resolveriam o problema, após o que o bom povo lhes agradeceria como pudesse, enquanto eles se serviriam dos poderes discricionários entrementes postos à sua disposição...

A seguir, veio Marx com o seu *«proletariado organizado em classe dominante» («Manifesto do partido comunista»), exercendo uma «ditadura revolucionária»* durante a *«fase inferior do comunismo»* em que cada um seria remunerado *«segundo o seu trabalho»*, enquanto se aguardaria pela *«fase su-*

- 3 -

SUR LA DICTATURE DU PROLÉTARIAT

Deuxièmement, bien que la prétendue dictature du prolétariat soit pour vous la panacée idéale pour passer d'un présent abominable à un avenir radieux, – ce qui me semble une aberration logique et éthique, et une totale inadéquation des moyens employés aux fins visées, – je me vois contraint de la considérer comme un simple remède de la vieille panoplie bourgeoise. Ses racines plongent dans la Révolution française, plus précisément dans la période précédant 1793, lorsque la bourgeoisie jacobine (terroriste et centralisatrice) imposa son diktat par le biais du *Comité de salut public* et du *Comité de sûreté générale*. Robespierre, celui qui pensait que: *«le pain n'est pas une question politique»*, mais que Lénine et les bolcheviks admiraient tant, croyait rompre tout lien avec le passé et avec l'*Ancien régime*, mais il ne fit rien d'autre que préparer la réaction thermidorienne, le retour des dantonistes et l'avènement de pires imposteurs encore, parmi lesquels l'empereur Napoléon Bonaparte. La contre-révolution a dévoré ses propres enfants; l'État jacobin n'a pas brisé le cercle vicieux de la domination.

C'est l'idéalisation de cette période, ainsi que son analyse et sa critique insuffisantes par les écoles autoritaires (et réformistes) du socialisme et du communisme, qui ont donné naissance à un monstre: le mythe de la *«dictature populaire»* et du *«pouvoir révolutionnaire»*. Au lieu de considérer que nul n'a jamais conquis le pouvoir, mais que le pouvoir a conquis tous ses conquérants, et que le rapport politique de commandement et d'obéissance ne peut être maintenu mais doit être aboli, Babeuf et la *«Conjuration des Égaux»*, insuffisamment affranchis de l'ascendant intellectuel de la bourgeoisie jacobine, ont développé l'idée d'une dictature transitoire et de la nationalisation de la propriété. Le communisme qu'ils proposaient, de surcroît, restait à mi-chemin entre le couvent et la caserne.

Puis vinrent Blanqui et les minorités belliqueuses et combatives, remplaçant la maxime que l'*Association internationale des travailleurs* consacrerait: *«L'émancipation des travailleurs sera l'œuvre des travailleurs eux-mêmes»*. Avec une demi-douzaine de canons et des barricades, ils régleraient le problème, après quoi les braves gens les remercieraient autant qu'ils le pourraient, tout en faisant usage des pouvoirs discrétionnaires mis entretemps à leur disposition...

Vint ensuite Marx avec son *«prolétariat organisé en classe dirigeante » («Manifeste du Parti communiste»)*, exerçant une *«dictature révolutionnaire»* durant le *«stade inférieur du communisme»*, où

perior do comunismo» em que a remuneração seria *«de cada um segundo as suas capacidades e a cada um segundo as suas necessidades» («Crítica do programa de Gotha»)*. Como entretanto, segundo o livro 1 de *«O Capital»*, há que distinguir entre o *«trabalho complexo»* (por exemplo, o dum engenheiro) e o *«trabalho simples»* (por exemplo, o dum operário sem títulos académicos e com fraca qualificação profissional), os quais seriam respectivamente remunerados de maneira complexíssima e de maneira simplória, já estamos a ver em que é que o *«comunismo inferior»* e a fórmula aparentemente justiceira *«a cada um segundo o seu trabalho»* desembocam: justificação e manutenção das desigualdades, através da *«ditadura transitória»*.

chacun serait payé *«selon son travail»*, en attendant le *«stade supérieur du communisme»* où la rémunération irait *«de chacun selon ses capacités, à chacun selon ses besoins» («Critique du programme de Gotha»)*. Or, selon le livre 1 du *«Capital»*, il convient de distinguer le *«travail complexe»* (par exemple, celui d'un ingénieur) du *«travail simple»* (par exemple, celui d'un ouvrier sans diplôme universitaire et aux qualifications professionnelles limitées), qui seraient rémunérés respectivement de manières très complexe ou simpliste. On perçoit déjà où mènent le *«communisme inférieur»* et la formule en apparence juste *«à chacun selon son travail»*: la justification et le maintien des inégalités par une «dictature transitoire».

SOBRE O LENINISMO

Com Lénine e a teoria dos *«revolucionários profissionais»* e do *«centralismo democrático» («Que fazer?»),* atingir-se-ia *o point de non retour,* ponto esse largamente corroborado por *«O Estado e a Revolução»* ou por outras pérolas teórico-teocráticas como *«O esquerdismo, doença infantil do comunismo»*.

No primeiro desses livros, publicado logo em 1902 e verdadeira bíblia de qualquer candidato sério a ditador, LÉNINE baseia tudo na oposição mecanicista e bem pouco dialéctica, para empregar o vosso calão pseudo-científico, entre espontaneidade e organização. Na sua óptica, há que estender fio para desacreditar totalmente a espontaneidade e apresentá-la como algo demasiado nebuloso, subconsciente ou inconsciente, descabelado ou redundantemente *«espontâneo»* para ser real e caminhar com os próprios pés. Parece o discorrer de um teólogo sobre o aparecimento da vida na terra! E quem acreditar na espontaneidade, filha do caos e da balbúrdia, não irá para o paraíso bolchevista, pois, como arengará mais tarde STALINE: *«LÉNINE foi o primeiro na história do pensamento marxista a pôr a nu até às raízes as origens ideológicas do oportunismo, mostrando que elas consistiam antes de mais em inclinarmo-nos ante a espontaneidade do movimento operário e em diminuirmos a importância da consciência socialista nesse movimento»*.

Ora todo o barbeiro bolchevista sabe que, para o autor de *«Que fazer?»*, *«contando só com as suas forças a classe operária não pode chegar mais longe do que à consciência trade-unionista, quer dizer, à convicção que tem que se unir em sindicatos, bater-se contra os patrões, reclamar ao governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários... etc... Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, económicas, elaboradas pelos representantes cultivados das classes possidentes, pelos intelectuais»*. Passado este atestado de estupidez e menoridade permanente aos oprimidos e explorados, - o que é logo desmentido pelas organizações operárias de tipo anarco-sindicalista como a C.N.T. espanhola, a velha C.G.T. portuguesa, a F.O.R.A. argentina, a velha C.G.T. francesa ou a U.S.I. italiana, entre outras, - Lénine pode concluir imperturbavelmente: *«A consciência política de classe só pode ser levada ao operário a partir do exterior»*. Uma espécie de prenda de Natal, como taxativamente se depreende, oferecida pelos donos dos livros ao desgraçado proleta cujo bestunto rude tenha mais ou menos assimilado os ensinamentos e mandamentos da cartilha vulgarizadora... É que a elitista e colossal inteligência de Lénine nunca foi capaz de compreender que

- 4 -

SUR LE LÉNINISME

Avec Lénine et la théorie des *«révolutionnaires professionnels»* et du *«centralisme démocratique» («Que faire ?»)*, le point de non-retour serait atteint, un point largement corroboré par *«L'État et la Révolution»* ou par d'autres joyaux théoriciens-théocratiques tels que: *«Le gauchisme, la maladie infantile du communisme»*.

Dans le premier de ces ouvrages, publié dès 1902 et véritable bible pour tout aspirant dictateur sérieux, LÉNINE fonde tout sur une opposition mécaniste et peu dialectique – pour reprendre votre jargon pseudo-scientifique – entre spontanéité et organisation. À ses yeux, il faut déployer des efforts considérables pour discréditer complètement la spontanéité et la présenter comme quelque chose de trop nébuleux, subconscient ou inconscient, désordonné, ou encore redondant de *«spontanéité»* pour être réelle et se suffire à elle-même. On croirait entendre un théologien disserter sur l'apparition de la vie sur Terre! Et quiconque croit en la spontanéité, fruit du chaos et du désordre, n'accédera pas au paradis bolchevique, car, comme STALINE le dira plus tard: *«LÉNINE fut le premier dans l'histoire de la pensée marxiste à exposer à la racine les origines idéologiques de l'opportunisme, démontrant qu'elles consistaient avant tout à s'incliner devant la spontanéité du mouvement ouvrier et à minimiser l'importance de la conscience socialiste au sein de ce mouvement»*.

Or, tout barbier bolchevique sait que, selon l'auteur de *«Que faire?»*, *«ne comptant que sur ses propres forces, la classe ouvrière ne peut aller au-delà de la conscience syndicaliste, c'est-à-dire la conviction qu'elle doit s'unir en syndicats, lutter contre le patronat, exiger du gouvernement les lois nécessaires aux travailleurs... etc... Quant à la doctrine socialiste, elle est née des théories philosophiques, historiques et économiques élaborées par les représentants cultivés des classes possédantes, par les intellectuels»*. Cette attestation de stupidité et d'immaturité permanente est transmise aux opprimés et aux exploités – ce que réfutent aussitôt les organisations ouvrières anarcho-syndicalistes telles que la C.N.T. espagnole, l'ancienne C.G.T. portugaise, la F.O.R.A. argentine, l'ancienne C.G.T. française ou l'U.S.I. italienne, entre autres. Lénine pouvait ainsi conclure imperturbablement: *«La conscience politique de classe ne peut être apportée à l'ouvrier que de l'extérieur»*. Une sorte de cadeau de Noël, comme on le comprend aisément, offert par les propriétaires de livres au malheureux prolétaire dont l'esprit rudimentaire a plus ou moins assimilé les enseignements et les préceptes du manuel vulgarisant... L'intelligence élitiste et colossale de Lénine n'a jamais été capable de comprendre que spontanéité et organisation ne

espontaneidade e organização não se opõem nem podem opor-se e que a auto-organização operária de tipo anarco-sindicalista, ao bater-se na prática e no quotidiano contra o capital e o Estado, não separa a luta económica da luta política, ultrapassa completamente o trade-unionismo e as suas reivindicações reformistas e alimentares, por um lado, bem como a politiquice e as suas lutas eleiçoeiras ou golpistas, por outro, adquirindo deste modo, de maneira imanente e não derivada, uma consciência insubstituível e digna desse nome.

E já que da consciência insubstituível assim forjada estamos a falar, não resistimos à menção da série de substituições que a concepção organizativa leninista, recheada de profissionais e cada vez mais centralista, origina: a classe (termo aparentemente mais preciso, mas que, em meu entender, não engloba a totalidade dos expoliados) substitui-se às massas mais vastas e aos diferentes estratos da pirâmide social; o partido substitui-se à classe, com a sua arguta «*consciência de classe*», criando uma espécie de «*proletariado substituto*»; depois o aparelho de enquadramento e comando substitui-se ao partido (refiro-me ao *bric à brac* dos pequenos militantes de base repartidos por celas ou células e sempre prontos a pagar as cotizações, colar cartazes, distribuir panfletos e aplaudir nos comícios); depois o *Comité central* substitui-se ao aparelho, até porque os profissionais de segunda devem mandar nos funcionários de terceira; a seguir a *Comissão política* substitui-se ao *Comité central,* para que os revolucionários de segunda reconheçam a superioridade das cabecinhas privilegiadas de primeira; e o ditador supremo - que até pode ser o *Secretário-geral* - substitui-se, por fim, à *Comissão política*. Depois, num acesso de narcisismo ou de solipsismo, este até pode subir para cima dum estrado ou do trono, gritando que é o maior; após o que, muito tranquilamente, poderá dedicar-se ao onanismo, ejaculando copiosamente a sua substantiva essência sobre o objecto dos seus amores obsessionais: a sua augusta pessoa...

Quanto aos que desculpam as taras congenitais do «*glorioso partidão*», em nome da sua pretensa eficácia e do papel que terá desempenhado num passado longínquo e idealizado como D. Sebastião, é só lembrar-lhes algumas evidências: a revolução de 1905, com a sua erupção totalmente espontânea de sovietes, foi o primeiro desmentido às teses leninistas e as duas de 1917 (a de Fevereiro e a de Outubro) seguiram-lhe na peugada. Os bolchevistas limitaram-se a caminhar para o *Palácio de Inverno,* local simbólico do poder, e a desagregação do exército czarista à pressa pintado de vermelho, a estupidez belicista de Kerensky (estava-se na fase final da guerra de 14-18), a paz separada com os alemães (tratado de Brest-Litovsk) e as súbitas conversões ao marxismo-leninismo fizeram o resto. Já se podia

s'opposent pas et ne peuvent être opposées, et que l'auto-organisation ouvrière de type anarcho-syndicaliste, dans la lutte concrète et quotidienne contre le capital et l'État, ne sépare pas la lutte économique de la lutte politique, dépassant complètement le syndicalisme et ses revendications réformistes et alimentaires, d'une part, ainsi que les manœuvres politiques et ses luttes électorales ou putschistes, d'autre part, acquérant ainsi, de manière immanente et non dérivée, une conscience irremplaçable digne de ce nom.

Et puisque nous parlons de cette conscience irremplaçable ainsi forgée, nous ne pouvons nous empêcher de mentionner la série de substitutions engendrées par la conception organisationnelle léniniste, peuplée de professionnels et de plus en plus centralisatrice: la classe (un terme apparemment plus précis, mais qui, à mon avis, n'englobe pas la totalité des exploités) remplace les masses populaires et les différentes strates de la pyramide sociale; le parti remplace la classe, avec sa «*conscience de classe*» si perspicace, créant une sorte de «*prolétariat de substitution*»; puis l'appareil d'organisation et de commandement remplace le parti (je fais référence à ce bric-à-brac de petits militants de base divisés en cellules et toujours prêts à payer leurs cotisations, à coller des affiches, à distribuer des tracts et à applaudir lors des rassemblements); puis le *Comité central* remplace l'appareil, car des professionnels de second ordre doivent commander des fonctionnaires de troisième ordre; enfin, la *Commission politique* remplace le *Comité central*, de sorte que les révolutionnaires de second ordre reconnaissent la supériorité des esprits privilégiés de premier ordre. Et le dictateur suprême – qui pourrait même être le *Secrétaire général* – finit par remplacer la *Commission politique*. Puis, dans un accès de narcissisme ou de solipsisme, il peut même monter sur une estrade ou un trône, en criant qu'il est le plus grand; après quoi, très calmement, il peut se livrer à la masturbation, éjaculant abondamment son essence sur l'objet de ses amours obsessionnelles: sa personne auguste...

Quant à ceux qui excusent les défauts inhérents au «*glorieux parti*» au nom de sa prétendue efficacité et du rôle qu'il aurait joué dans un passé lointain et idéalisé, à l'instar du roi Sébastien, il suffit de leur rappeler quelques faits: la révolution de 1905, avec l'irruption totalement spontanée des soviets, fut la première réfutation des thèses léninistes, et les deux révolutions de 1917 (celles de février et d'octobre) suivirent. Les bolcheviks marchèrent simplement vers le Palais d'Hiver, siège symbolique du pouvoir, et la désintégration rapide de l'armée tsariste, la stupidité belliqueuse de Kerenski (dans la phase finale de la guerre de 1914-1918), la paix séparée avec les Allemands (traité de Brest-Litovsk) et les conversions soudaines au marxisme-léninisme firent le reste. Il était désormais possible

fazer tábua rasa da participação de todos os outros (dos anarquistas e dos socialistas revolucionários, por exemplo) e virar todas as forças disponíveis para o «*inimigo interior*». Primeiro urgia conquistar e conservar o poder «*revolucionário*», a construção do «*socialismo*» ficava para depois das calendas gregas.

E quanto aos serafins que crêem na eficiência da organização dos revolucionários na luta contra a *Okhrana* (a polícia política do czar), é só lembrar-lhes que, em 1912, se conheciam oficialmente 17 agentes que trabalhavam no meio dos socialistas revolucionários e 20 que estavam infiltrados no interior da ag emiação leninista. Nomes como os de Veresky, Júlia Orestovina, Jacob Jitomirsky e Romanov são sobejamente conhecidos. E que pensar do quiçá mais célebre de todos os provocadores. Roman Malinovski, dirigente de primeiríssimo plano e protegido pessoal de Lénine e de Krupskaia? Como o partido dispunha de poucos operários nos postos de chefia e ele podia exibir um pedigree proletário, foi catapultado até ao Comité central e chegou a ser candidato às eleições para a Duma. Entusiasmado, Lénine escreveu o discurso de abertura da sessão parlamentar. E referindo-se a Malinovski, disse: «*É a primeira vez que há entre nós na Duma um leader operário de primeiro plano. Há-de ser ele quem lerá a proclamação*». A eficácia do partido era, de facto, um espanto!

No que aos dois outros livros supracitados respeita, o primeiro deles, «*O Estado e a Revolução*», escrito em 1917, entre as duas revoluções, foca ainda mais especificamente o sempiterno problema da ditadura do proletariado. Ulianov vai exumar todos os textos operacionais de Marx, do *Manifesto* (1848) à *Crítica do programa de Gotha* (1875), passando por «*A luta de classes em Franca*» (1850), por certa correspondência, por «*A guerra civil de França*» (1871), etc... Procurava provar aos sociais-democratas menchevistas que a ditadura fora a grande ideia fixa de toda a vida do profeta e atirar-lhes à cara o seu reformismo parlamentar. No auge do esforço exegético-casuístico, chega a murmurar que, durante anos a fio, os anarquistas haviam sido os únicos que não tinham caído na armadilha do parlamentarismo, mas para logo acrescentar que tal acontecera não por mérito próprio dos acratas, mas porque os marxistas tinham esquecido as sagradas escrituras. Mais uma vez evidenciava, como adiante veremos, que nunca compreendera que ditadura e democracia saíram da mesma cepa espúria e são perfeitamente fungíveis, de jeito nenhum cobrindo o espectro das opções a sério.

E na derradeira obra que aqui trazemos à colação, «*O esquerdismo, doença infantil do comunismo*» (1920), Ulianov, que na prática estava a refrear a revolução russa, cerceando-lhe toda a autono-

de faire abstraction de la participation de tous les autres (anarchistes et socialistes révolutionnaires, par exemple) et de concentrer toutes les forces disponibles contre «*l'ennemi intérieur*». Il fallait d'abord conquérir et conserver le pouvoir «*révolutionnaire*»; la construction du «*socialisme*» pouvait attendre la fin des calendes grecques.

Quant aux séraphins qui croient en l'efficacité de l'organisation révolutionnaire dans la lutte contre l'*Okhrana* (la police politique du tsar), il suffit de leur rappeler qu'en 1912, on recensait officiellement 17 agents connus parmi les socialistes-révolutionnaires et 20 infiltrés au sein de l'organisation léniniste. Des noms comme Veresky, Julia Orestovina, Jacob Jytomyrsky et Romanov sont bien connus. Et que dire du plus célèbre de ces provocateurs, Roman Malinovski, cadre dirigeant et protégé personnel de *Lénine* et Kroupskaïa? Le parti comptant peu de cadres ouvriers et fort de ses origines prolétariennes, il fut propulsé au Comité central et même candidat aux élections de la Douma. Enthousiaste, Lénine rédigea le discours d'ouverture de la session parlementaire. Et, évoquant Malinowski, il déclara: «*C'est la première fois que nous avons parmi nous, à la Douma, un dirigeant ouvrier de premier plan et de la plus haute qualité. C'est lui qui lira la proclamation*». L'efficacité du parti était, en effet, stupéfiante!

Concernant les deux autres ouvrages mentionnés plus haut, le premier, «*L'État et la Révolution*», écrit en 1917, entre les deux révolutions, s'intéresse plus précisément encore au problème récurrent de la dictature du prolétariat. Oulianov exhume tous les textes opérationnels de Marx, du *Manifeste* (1848) à la *Critique du programme de Gotha* (1875), en passant par «*La Lutte des classes en France*» (1850), une certaine correspondance, «*La Guerre civile française*» (1871), etc... Il cherchait à démontrer aux sociaux-démocrates menchéviks que la dictature avait été l'idée centrale et immuable du prophète tout au long de sa vie et à discréditer leur réformisme parlementaire. Au plus fort de son effort exégétique et casuistique, il murmure même que, pendant des années, les anarchistes furent les seuls à ne pas être tombés dans le piège du parlementarisme, ajoutant aussitôt que cela n'était pas dû au mérite des anarchistes eux-mêmes, mais au fait que les marxistes avaient oublié les textes sacrés. Une fois encore, comme nous le verrons plus loin, il démontre qu'il n'a jamais compris que dictature et démocratie proviennent d'une même souche fallacieuse et sont parfaitement interchangeables, ne couvrant en rien l'éventail des options sérieuses.

Dans le dernier ouvrage que nous présentons ici, «*Le gauchisme, maladie infantile du communisme*» (1920), Oulianov, qui, dans les faits, réprimait la Révolution russe, en restreignant toute autonomie

mia e tentando confiscá-la em proveito do centro de decisão único, dá provas do seu novo-riquismo político e confirma praticamente o velho ditado: *Queres conhecer o vilão? Então põe-lhe o pau na mão!* Como já tinha transformado, por decreto, o partido social-democrata bolchevista em partido dito comunista, o que com o registo da patente lhe dava toda a autoridade obviamente científica para denunciar todo e qualquer acto de «*anticomunismo primário*», como soe dizer-se, arrogava-se o direito de delinear toda a política interna do seu vasto país e de gizar a própria estratégia do movimento internacional. No fundo, já agia como um chefe de Estado plenipotenciário, em demanda de boas relações com os outros Estados. Apoiando-se na novíssima classe constituída pelos quadros superiores do partido, pelos tchekistas, pelos militares de altapatente e polos chefes das empresas estatizadas, achava que a 3ª Internacional, nascida sob o signo do equívoco e das 21 condições, e sobre os escombros da desacreditadíssima 2ª Internacional (socialista), devia limitar-se a um papel bem modesto, verdadeira negação do verdadeiro espírito internacionalista: defesa da geopolítica e da geoestratégia da U.R.S.S., a que Staline chamará depois a «*pátria do socialismo*», ao defender a teoria do «*socialismo num só país*»... É que como 1920 é também o ano das ocupações de fábricas e terras na Itália, movimento esse que teve como figura de proa um certo Errico Malatesta, havia que cortar as asas a qualquer veleidade que escapasse ao controle demente do centro único de decisão. Foi assim que, nas vésperas do 2° congresso da Internacional comunista, Ulianov se viu constrangido a constranger, rabiscando à pressa essa pequena obra-prima sobre a «*doença infantil*», na qual eram condenados sem apelo nem agravo e sumariamente executados quantos pretendessem escapar à sua férula: os esquerdistas alemães e ingleses, os tribunistas holandeses, os anarquistas e anarco-sindicalistas dos países latinos, etc... Mas quem sabe vigiar e punir, também sabe distribuir rebuçados e recompensar. É deste modo que Lénine, no mesmíssimo livro, defende a acção parlamentar e a entrada nos sindicatos reformistas e burocratizados, pondo de sobreaviso os bons congressistas contra a influência deletérica dos anti-parlamentares e antipolíticos. Para Ulianov, todo este «*realismo táctico*», longe de ser incompatível, era absolutamente indispensável à prossecução duma boa ditadura do proletariado, isto é, da arte de manejar o cacete e a cenoura...

Há ainda que dizer, aos que não crêem no centralismo, jacobinismo, maquiavelismo e espírito doentiamente tortuoso de Lénine, que, para o infalível mestre, «*o jacobino ligado indissoluvelmente à organização do proletariado consciente de ora avante dos seus interesses de classe é justamente o social-democrata revolucionário*» («*Um passo em*

et en tentant de la confisquer au profit d'un pouvoir décisionnel unique, fait preuve d'une attitude de nouveau riche politique et confirme en pratique le vieil adage: «*Vous voulez connaître le méchant ? Donnez-lui le bâton!*». Ayant déjà transformé, par décret, le *Parti social-démocrate bolchevique* en un soi-disant *parti communiste* – ce qui, avec l'enregistrement du brevet, lui conférait toute l'autorité, manifestement scientifique, pour dénoncer tout acte d'«*anticommunisme primaire*», comme on le qualifie souvent, – il s'arroge le droit de définir toute la politique intérieure de son vaste pays et d'élaborer la stratégie même du mouvement international. En substance, il agissait déjà comme un chef d'État plénipotentiaire, cherchant à entretenir de bonnes relations avec les autres États. S'appuyant sur la toute nouvelle classe composée des hauts cadres du parti, des tchékistes, des officiers supérieurs de l'armée et des dirigeants des entreprises d'État, il estimait que la *Troisième Internationale*, née sous le signe de l'ambiguïté et des 21 conditions, et sur les ruines de la *Deuxième Internationale (socialiste)* discréditée, devait se limiter à un rôle très modeste, une véritable négation du véritable esprit internationaliste: la défense de la géopolitique et de la géostratégie de l'URSS, que Staline appellerait plus tard la «*patrie du socialisme*», lorsqu'il défendrait la théorie du «*socialisme dans un seul pays*»... Parce que 1920 était aussi l'année des occupations d'usines et de terres en Italie, un mouvement mené par un certain Errico Malatesta, il fallait brider toute initiative qui échappait au contrôle dément du centre décisionnel unique. Ainsi, à la veille du 2ème Congrès de l'*Internationale communiste*, Oulianov se trouva contraint de contraindre autrui, griffonnant à la hâte ce petit chef-d'œuvre sur la «*maladie infantile*», où tous ceux qui osaient échapper à son emprise étaient condamnés sans appel et sommairement exécutés: gauchistes allemands et anglais, tribunistes néerlandais, anarchistes et anarcho-syndicalistes des pays latins, etc... Mais celui qui sait surveiller et punir sait aussi distribuer des friandises et récompenser. C'est ainsi que Lénine, dans ce même ouvrage, défend l'action parlementaire et l'adhésion aux syndicats réformistes et bureaucratisés, mettant en garde les bons parlementaires contre l'influence néfaste des antiparlementaires et des antipoliticiens. Pour Oulianov, tout ce «*réalisme tactique*», loin d'être incompatible, était absolument indispensable à la poursuite d'une bonne dictature du prolétariat, c'est-à-dire à l'art de manier la carotte et le bâton.

Il faut également préciser, à ceux qui ne partagent pas le centralisme, le jacobinisme, le machiavélisme et l'esprit tortueux de Lénine, que pour le maître infaillible, «*le jacobin indissolublement lié à l'organisation du prolétariat conscient de ses intérêts de classe est précisément le social-démocrate*

frente, dois passos atrás»), e a definição de política, eminentemente exequível para um operário cansado e embrutecido pelo trabalho, também é jeitosa e reveladora: algo que se parece «*mais com a álgebra do que com a aritmética e mais com as matemáticas superiores do que com as matemáticas elementares*».

De toda esta exposição, mais longa do que aquilo que inicialmente pretendia, concluo que, se não há qualquer diferença qualitativa, mas apenas de grau e intensidade, entre TROTSKY e STALINE, também não há qualquer cesura ou corte epistemológico entre leninismo e stalinismo. Todos mamaram pela mesma teta... E que pensar de um sistema que tom à cabeça um regime em que, dos cinco chefes máximos da sua policia política (DZERJINSKY, MENJINSKY, IAGODA, IEJOV e BÉRIA), no período que vai dos primórdios até à morte de STALINE, apenas um morreu de morte natural (DZERJINSKY), muito possivelmente porque vitimado por uma epidemia de tifo? É certo que num país que se especializara e já dera ao mundo tantas polícias secretas, do mesmo modo que outros países se distinguem na tecnologia de ponta, o czarismo já criara a *Opritchnina* (no tempo de Ivan, o Terrível), depois a *Terceira secção* (no tempo de Nicolau-1°) e, finalmente, a Okhrana, dirigida pelo inquiétante e sinistro ZUBATOV. Mas que é isso comparado com a Tcheka, depois o G.P.U., a seguir o N.K.V.D. e, por fim, o K.G.B.? Só um homem como o incrível Iejov pode ser considerado, sem contestação séria, o maior assassino da história de todas as Rússias! E o «*revisionista*» KRUCHTCHEV, entre muitas coisas mais, poderá ler, no «*Relatório secreto ao 20°congresso do partido comunista da União Soviética*» (1956), conquanto referindo-se apenas ao pessoal dirigente da sua agremiação: «*Foi demonstrado que, dos 139 membros e suplentes do Comité central do Partido, que tinham sido eleitos no 17° Congresso, 98 tinham sido presos e fuzilados, quer dizer, 70%, na maior parte em 1937-1938*». Ou ainda: «*Sorte idêntica foi reservada, não só aos membros do Comité central, mas também à maioria dos delegados ao 17° Congresso; dos 1.966 delegados, quer com direito de voto quer com voz consultiva, 1.108 pessoas, quer dizer, nitidamente mais do que a maioria simples, foram presas sob a acusação de crimes contra-revolucionários*». Na minha opinião, vocês deviam pôr de lado determinados pruridos, despir-se de certos postulados apriorísticos e ver ou rever o vosso «*revisionista*»...

---

révolutionnaire » (« Un pas en avant, deux pas en arrière »), et que la définition de la politique, parfaitement réalisable pour un ouvrier las et brutalisé par le travail, est aussi astucieuse et révélatrice: quelque chose qui ressemble «*davantage à l'algèbre qu'à l'arithmétique, et aux mathématiques supérieures qu'aux mathématiques élémentaires*».

De cet exposé, plus long que prévu initialement, je conclus que, s'il n'y a pas de différence qualitative, mais seulement une différence de degré et d'intensité, entre TROTSKY et STALINE, il n'y a pas non plus de rupture épistémologique entre le léninisme et le stalinisme. Ils ont tous tété le même pis... Que penser d'un système dirigé par un régime où, sur les cinq chefs suprêmes de sa police politique (DZERJINSKI, MENJINSKI, IAGODA, IEJOV et BERIA), de ses débuts jusqu'à la mort de STALINE, un seul mourut de causes naturelles (DZERJINSKI), probablement des suites d'une épidémie de typhus? Certes, dans un pays qui s'était spécialisé dans la création de nombreuses polices secrètes, et qui en avait déjà donné au monde tant, tout comme d'autres pays se distinguent par leurs technologies de pointe, le tsarisme avait déjà créé l'*Opritchnina* (sous Ivan le Terrible), puis la *Troisième section* (sous Nicolas-1er), et enfin l'*Okhrana*, dirigée par l'inquiétant et sinistre ZOUBATOV. Mais qu'est-ce que cela représente comparé à la *Tchéka*, puis au G.P.U., suivi du N.K.V.D., et enfin au K.G.B. ? Seul un homme comme l'incroyable Iejov peut être considéré, sans contestation sérieuse, comme le plus grand meurtrier de toute l'histoire de la Russie! Et KHROUCHTCHEV, le «*révisionniste*», pouvait notamment lire dans le «*Rapport secret au 20ème Congrès du Parti communiste de l'Union soviétique*» (1956), bien que ne concernant que les principaux dirigeants de son organisation: «*Il a été démontré que, sur les 139 membres et suppléants du Comité central du Parti, élus au 17ème Congrès, 98 avaient été arrêtés et fusillés, soit 70%, principalement en 1937-1938*». Ou encore: «*Un sort similaire fut réservé non seulement aux membres du Comité central, mais aussi à la majorité des délégués au 17ème Congrès; sur les 1.966 délégués, qu'ils aient le droit de vote ou un rôle consultatif, 1.108 personnes – soit bien plus que la majorité – furent arrêtées pour crimes contre-révolutionnaires*». À mon avis, vous devriez mettre de côté certains scrupules, vous défaire de certaines idées préconçues et reconsidérer votre point de vue de «*révisionniste*»...

SOBRE OS CONSELHOS OPERÁRIOS

Estamos, por conseguinte, a ver o que é a ditadura do proletariado: a ditadura duma transição que nunca mais acaba; a metamorfose da concepção materialista ou monista da história, com as suas pretensas leis do desenvolvimento histórico, em concepção policial da história; se não uma «*viagem interplanetária*», segundo a vossa fraseologia catita, certamente um ovni (objecto voador não identificado) de geometria variável. Basta que se diga que, no fim deste longo e indesfiável rosário ou calvário, em que cada um a quer cozinhar «*à maneira*», como dizem os taberneiros, ainda nos aparecem alguns conselhistas marxistas que, insatisfeitos com os partidos de matriz leninista, querem deslocar a famigerada ditadurazinha do partido dos revolucionários profissionais para os conselhos operários, atribuindo-lhes «*todo o poder*», tal como um certo Ulianov, com o seu costumeiro oportunismo, em 1917. Como não conseguem conceber uma sociedade aberta e auto-regulada e vêem sempre no poder o grande regulador social, não conseguem viver sem ele, como os grandes apaixonados. Deste modo, levando ao extremo a sua incoerência aparentemente coerente, acham que os sovietes são uma espécie de panaceia e órgãos espontâneos de poder, uma espécie de autogestão do poder ou de jogo sado-masoquista em que se é, simultaneamente, prisioneiro e carcereirol.

Acontece, porém, que a problemática dos sovietes é mais antiga do que aquilo que se julga, remontando aos tempos da *Federação regional espanhola da 1ª Internacional*, onde já se falava de *buntos* ou de *consejos de trabajo*. Contudo, foi na Rússia que eles surgiram pela primeira vez, em 1905, mostrando na prática o que podiam ser e até onde podiam ir, antes de serem completamente desfigurados. Voline, num capitulo absolutamente histórico e desmistificador de «*A revolução desconhecida*», vai mesmo ao ponto de nos contar como nasceu o primeiro conselho, em janeiro-fevereiro de 1905, no rescaldo do movimento *gaponista* e como associação de autodefesa e apoio às numerosas vitimas da repressão, e não no fim desse mesmo ano como pretende a historiografia oficial. Com toda a honestidade, conta-nos ainda quão grande é o embaraço de inúmeros rabiscadores de papel impresso, quando são obrigados a mencionar o seu nascimento completamente endógeno e enraizado nas camadas mais profundas do tecido social. E Voline sabia, em primeirissima mão, daquilo de que falava, já que fora ele e não outrém o convidado para presidente do primeiro soviete autónomo, função que não pôde aliás desempenhar, desempenhando-a Nossar, mais um sem-partido, em seu lugar.

- 5 -

SUR LES CONSEILS OUVRIERS

Nous voyons donc là la véritable nature de la dictature du prolétariat: la dictature d'une transition qui ne finit jamais; la métamorphose de la conception matérialiste ou moniste de l'histoire - avec ses lois prétendues du développement historique - en une conception policière de l'histoire; si ce n'est un «*voyage interplanétaire*», pour reprendre leur phraséologie accrocheuse, certainement un O.V.N.I. (objet volant non identifié) à géométrie variable. Il suffit de dire qu'au terme de cette longue et interminable litanie, ou épreuve, où chacun veut cuisiner à «*sa sauce*», comme disent les tenanciers de taverne, nous rencontrons encore certains marxistes conseillistes qui, insatisfaits des partis de type léniniste, souhaitent transférer l'infâme petite dictature du parti de révolutionnaires professionnels aux conseils ouvriers, en leur accordant «*tout le pouvoir*» - tout comme le fit un certain Oulianov en 1917, avec l'opportunisme qui le caractérisait. Incapables de concevoir une société ouverte et autorégulée, et considérant le pouvoir comme le grand régulateur social, ils ne peuvent s'en passer, à l'instar d'amoureux obsessionnels. Ainsi, poussant à l'extrême leur incohérence en apparence cohérente, ils voient dans les soviets une sorte de panacée et des organes spontanés de pouvoir, une forme d'autogestion du pouvoir, ou un jeu sadomasochiste où l'on est à la fois prisonnier et geôlier.

Toutefois, la question des soviets est antérieure à ce que l'on croit généralement; elle remonte à l'époque de la *Fédération régionale espagnole de la 1ère Internationale*, où il était déjà question de «*juntes*» ou de «*conseils du travail*». C'est pourtant en Russie qu'ils ont vu le jour en 1905, démontrant concrètement leur nature et leur potentiel avant d'être totalement dénaturés. Dans un chapitre véritablement historique de «*La Révolution inconnue*», ouvrage qui bat en brèche les idées reçues, Voline relate précisément la naissance du premier conseil: celui-ci est apparu en janvier-février 1905, dans le sillage du mouvement *gaponien* et en tant qu'organisation d'autodéfense et de soutien aux nombreuses victimes de la répression, et non à la fin de cette même année comme le prétend l'historiographie officielle. Il décrit sans détour l'embarras d'innombrables plumitifs contraints de reconnaître les origines purement endogènes de ce conseil, profondément ancré dans le tissu social. Voline parlait en connaissance de cause, ayant été invité à présider le premier soviet autonome, rôle qu'il ne put finalement assumer, Nossar (une autre figure indépendante de tout parti) prenant sa place.

Na minha opinião, contudo, os sovietes têm limitacões évidentes: só de longe e fragmentariamente configuram a formula do velho SAINT-SIMON: «*passar do governo dos homens à administração das coisas*», e só imperfeitamente consubstanciam a negação de qualquer orma de poder; têm ainda por cima, num mundo em que tudo é desvirtuado, vocação para se transformar em parlamentos operários, vogando ao sabor das maiorias, e para cair nas mãos ou dos socialistas revolucionários ou dos menchevistas ou dos bolchevistas; no fundo, estão mais próximos da *democracia directa* do que da genuína acracia. Não obstante, em ideia e a nível das intenções, estiveram sempre muito afastados, na Revolução russa, daquilo em que a contra-revolucão bolchevista os converteu, até atingirem hoje (e nos tempos de STALINE) os elevados cumes da suprema irrisão, o *Soviete supremo*...

Mas já que de conselhos operários estamos a falar e, por conseillante, de conselhos de produtores, porque não falarmos antes de conselhos de consumidores? Não constituirão os consumidores, ao englobarem todos os que trabalham, já trabalharam ou hão-de trabalhar, uma categoria mais ampla do que a dos produtores? Não me refiro, como facilmente se depreende, aos opressores e exploradores; falo tão somente dos trabalhadores no activo, dos reformados e das crianças e dos jovens, e penso que não esqueci ninguém. Na sociedade do futuro, o consumo deve guiar a produção, fora, claro está, da filosofia consumista e dos padrões aliénantes da produção mercantil. Os produtores no activo só terão a última palavra a dizer sobre as suas condições materiais de trabalho.

Não o entendem, contudo, assim os últimos abencerragens **(*)** da *Internacional situacionista* que, na esteira de um pretenso «*marxismo libertário*» e doutras extravagâncias pseudo-heterodoxas, tentaram debalde matrimoniar certes aspectos de um anarquismo mal assimilado com o doutrinarismo e a arrogância do socialismo dito científico. Um pouco como o conúbio, o contubérnio impossivel, entre a carpa e o coelho! Virados mais para a estética do que para a critica da politica, esses cavalheiros, mais *dandies* e diletantes do que outra coisa qualquer, pensam fazer faísca corn fórmulas vazias e contraditórias como o «*poder absoluto dos conselhos operários*» (7ª conferência sobre a definição mínima das organizações revolucionárias) que, no parecer deles, é a única forma possivel de «*ditadura antiestatal do proletariado*». Quanto a

(*) O que diz a Wikipedia.pt?: «*Abencerragens, foi uma linhagem de origem norte-africana que governou Granada durante a época do Reino Nacérida, antes da conquista deste reino pelos Reis Católicos na Guerra de Granada. Opunham-se rivalmente aos Zegris*». *(Observação A.M.).*

À mon sens, toutefois, les soviets présentent des limites évidentes: ce n'est que de loin et de manière fragmentaire qu'ils incarnent la formule du vieux SAINT-SIMON: «*passer du gouvernement des hommes à l'administration des choses*», - et ce n'est qu'imparfaitement qu'ils réalisent la négation de toute forme de pouvoir; en outre, dans un monde où tout est dénaturé, ils ont tendance à se transformer en parlements ouvriers, au gré des majorités, et à tomber aux mains des socialistes-révolutionnaires, des mencheviks ou des bolcheviks; en fin de compte, ils se rapprochent davantage de la *démocratie directe* que d'une véritable *acratie*. Néanmoins, par l'idée et l'intention, ils étaient bien éloignés, durant la Révolution russe, de ce que la contre-révolution bolchevique en a fait, pour aboutir finalement (tant aujourd'hui qu'à l'époque de STALINE) aux sommets vertigineux de la dérision suprême: le *Soviet suprême*...

Mais puisqu'il est question de conseils ouvriers, et, par extension, de conseils de producteurs, pourquoi ne pas parler plutôt de conseils de consommateurs? En englobant tous ceux qui travaillent, ont travaillé ou travailleront, les consommateurs ne constituent-ils pas une catégorie plus vaste que celle des producteurs? Je ne fais pas allusion, cela va de soi, aux oppresseurs et aux exploiteurs; je ne parle que des travailleurs en activité, des retraités, des enfants et des jeunes, et je crois n'avoir oublié personne. Dans la société de l'avenir, la consommation devrait orienter la production, bien entendu, toutefois, en dehors du cadre de la philosophie consumériste et des schémas aliénants de la production marchande. Les producteurs en activité n'auraient le dernier mot qu'en ce qui concerne leurs conditions matérielles de travail.

Telle n'est pourtant pas la conception qu'en ont les derniers «*abencérages*» **(*)** de l'*Internationale situationniste;* dans le sillage d'un soi-disant «*marxisme libertaire*» et autres extravagances pseudo-hétérodoxes, ils ont tenté en vain de marier certains aspects d'un anarchisme mal assimilé au doctrinarisme et à l'arrogance du socialisme dit scientifique. C'est un peu comme l'union, l'impossible cohabitation, d'une carpe et d'un lapin! Davantage soucieux d'esthétique que de critique politique, ces messieurs, plus dandys et dilettantes qu'autre chose, s'imaginent faire des étincelles avec des formules creuses et contradictoires telles que le «*pouvoir absolu des conseils ouvriers*» (issu de la 7ème conférence sur la définition minimale des organisations révolutionnaires), qui représente à leurs yeux la seule forme possible d'une «*dictature anti-étatique du prolétariat*». Quant à moi, j'en reste bouche bée: comment une dictature peut-elle

(*) Selon Wikipedia.fr: ***«****Les Abencérages sont une tribu maure du royaume de Grenade au 15ème siècle, établie dans la péninsule ibérique depuis le 7ème siècle. Elle était opposée à celle des Zégris ou Zésrites. Les querelles de ces deux factions ensanglantèrent Grenade de 1480 à 1492 et hâtèrent la chute du royaume». (Note A.M.).*

mim, fico boquiaberto: como é que uma ditadura pode ser antiestatal e, se são assim tão antiestatais, porque é que esses traquinas se apegam tanto à ditadura? Pela amostragem, penso francamente, como diria o dr. FRANKENSTEIN, que estamos perante uma neurose obsessiva ou ansiosa, uma psicose sem qualquer possibilidade de transferêneia, um tique nervoso, um vicio redibitório (oculto, mas indisfarçável), um beco sem saída, uma crise mística ou um delirio ideológico tipico... Que monstruosidade!

Com os seus poderes absolutos e os seus absolutismos estético--doutrinários, os situacionistas são mesmo muito relativamente revolucionários. Não evoluíram desde os tempos em que MARX e ENGELS, mau grado continuarem substancialmente iguais a si mesmos, ficaram tão impressionados com a *Comuna de Paris* - por BAKUNINE considerada uma *«negação audaciosa do Estado»* - que já nem atinavam com as formulas contraditórias a empregar: o primeiro balbuciava, em *«A guerra civil em França»*, que o proletariado francês não se tinha limitado a fazer o Estado mudar de mãos, mas o tinha inclusive quebrado; e o eterno segundo, numa carta a August BEBEL, a propósito do programa de Gotha, mas tendo em mente os anrquistas, que os andavam a acossar cada vez mais, rabiscava que *«conviria abandonar toda essa tagarelice sobre o Estadodo, sobretudo depois da Comuna, que já não era um Estado no sentido próprio»*. Mas nenhum desses propósitos piedosos impediria ENGELS de voltar à sua mania favorita e de, paralelamente, exclamar: *«Olhai a Comuna de Paris, era a ditadura do proletariado...»*. Do mosmo modo que não impediria MARX de aconselhar a introdução do artigo 7° nos estatutos da *Primeira international*: *«Como os senhores da terra e do capital se servem sempre dos seus privilégios políticos para defender e perpetuar os seus monopólios e subjugar o trabalho, a conquista do poder politico torna-se o grande dever do proletariado»*. Entrementes, os anarquistas e as federações rebeldes da A.I.T. consideravam essa *«pretensão tão absurda como reaccionária»* e que *«a destruição de qualquer poder político é o primeiro dever do proletariado»*. Mas é no atabalhoamento marxista que os enormíssimos inovadores da situacionice vão beber. Admirável clareza!

Finalizando, por ora, esta passeata pelos meandros quase insondáveis da vossa *libido dominandi*, só me resta dizer que a refutação prática e teórica do vosso discurso monotemático, aporrinhante e obsessional foi feita há muito e à saciedade pelos anarquistas das mais variadas tendências. Nem preciso de vos citar os pensadores libertários dos séculos 19 ou 20, de vos falar de PROUDHON ou de BAKUNINE, de KROPOTKINE ou de MALATESTA, de Luigi FABBRI ou de Camillo BERNERI, de Gustav LANDAUER ou de Max NETTLAU, de Rudolf ROCKER ou de MERCIER-VEGA. Para quê? Como comecei pelo autori-

être anti-étatique? Et s'ils sont si hostiles à l'État, pourquoi ces drôles de lascars s'accrochent-ils avec tant de ténacité à l'idée de dictature? À en juger par les faits, je pense franchement, comme dirait le docteur FRANKENSTEIN, que nous avons affaire à une névrose obsessionnelle ou anxieuse, à une psychose sans possibilité de transfert, à un tic nerveux, à une faille fatale (cachée mais indéniable), à une impasse, à une crise mystique ou à un délire idéologique typique... Quelle monstruosité!

Avec leurs pouvoirs absolus et leurs absolutismes esthético-doctrinaux, les situationnistes ne sont, en fait, que très relativement révolutionnaires. Ils n'ont pas évolué depuis l'époque où MARX et ENGELS, tout en restant au fond inchangés, furent si impressionnés par la *Commune de Paris* (considérée par BAKOUNINE comme une *«négation audacieuse de l'État»*) qu'ils peinèrent à trouver les mots justes pour la décrire: le premier balbutiait, dans *«La Guerre civile en France»*, que le prolétariat français n'avait pas simplement fait changer l'État de mains mais l'avait bel et bien brisé; tandis que l'éternel second, dans une lettre à August BEBEL concernant le programme de Gotha, mais en pensant aux anarchistes qui le harcelaient de plus en plus, griffonnait qu'*«il vaudrait mieux abandonner tout ce bavardage sur l'État, surtout après la Commune, qui n'était plus un État au sens propre»*. Pourtant, aucune de ces pieuses intentions n'empêcha ENGELS de revenir à son obsession favorite et de s'exclamer: *«Regardez la Commune de Paris; c'était la dictature du prolétariat...»*. Tout comme cela n'empêcha pas MARX de préconiser l'inclusion de l'article 7 dans les statuts de la *Première internationale*: *«Attendu que les maîtres de la terre et du capital utilisent toujours leurs privilèges politiques pour défendre et perpétuer leurs monopoles et pour asservir le travail, la conquête du pouvoir politique devient le grand devoir du prolétariat»*. Pendant ce temps, les anarchistes et les fédérations rebelles de l'A.I.T. considéraient cette revendication comme *«aussi absurde que réactionnaire»*, soutenant au contraire que *«la destruction de tout pouvoir politique est le devoir premier du prolétariat»*. Or, c'est précisément de ce fatras marxiste que les énormissimes innovateurs du situationnisme tirent leur inspiration. Quelle admirable clarté!

Pour clore, pour l'instant, cette incursion dans les dédales quasi insondables de votre *«soif de domination»*, il me suffit de dire que la réfutation, tant pratique que théorique, de votre discours monothématique, irritant et obsessionnel a été accomplie depuis longtemps, et de manière exhaustive, par des anarchistes de toutes obédiences. Point n'est besoin de citer les penseurs libertaires du 19ème ou du 20ème siècle, d'évoquer PROUDHON ou BAKOUNINE, KROPOTKINE ou MALATESTA, Luigi FABBRI ou Camillo BERNERI, Gustav LANDAUER ou Max NETTLAU, Rudolf ROCKER ou MERCIER-VEGA. À quoi bon? Puisque j'ai commencé par l'autoritarisme jacobin, il suffit de

tarisme jacobino, basta que vos cite o «*enragé*» Jean VARLET, um acrata *ante litteram* do século 17, que exclamava em pleno desvio sectário da Revolução francesa: «*Que monstruosidade social, que obra-prima de maquiavelismo, com efeito, é este governo revolucionário. Para todo o ser que raciocina, governo e revoiução são incompativeis...*».

---

citer l'«*Enragé*» Jean VARLET, un libertaire «*avant la lettre*» qui s'exclamait, en pleine dérive sectaire de la Révolution française: «*Quelle monstruosité sociale, quel chef-d'œuvre de machiavélisme que ce gouvernement révolutionnaire! Pour tout être doué de raison, gouvernement et révolution sont incompatibles...*».

SOBRE A ABSTRACÇÃO E OS HOMENS ABSTRACTOS

Passando á acusação de abstraeção que fazeis aos anarquistas e a propósito dos «*Homens abstractos*» que estes só vislumbrariam e situariam, como alucinados, trente a «*principios abstractos*» como «*Liberdade*» e «*Igualdade*» versus «*Autoridade*» (tudo, evidentemente, com maiúsculas, para que, quanto mais maiúsculas puserdes, mais possais pensar que mais nos estais a amesquinharl); e ás acusações de «*gosto moralizante pela utopia*» ou de incapacidade que neles deslindais para serem construtivos, positives e propositivos e indicarem concretamente aos trabalhadores como sair da «*prisão do Estado burguès*» ou como «*derrubar a burguesia*» — vamos por partes, conquanto sem perder a totalidade de vista...

Antes de mais, lamento que confundais abstracção, por exemple, com radicalismo. É apanágio do pensamento conservador - e o vosso é muito mais conservador do que aquilo que pensais, apesar do estilo façanhudo, fanfarrão e ferrabrás que utilizais, vos servir para encobrir o reformisme básico - considerar abstracto, vago ou demasiado finaliste tudo quanto ultrapasse o nivel meramente reivindicativo ou quantitative. Douvos dois exemples, um micro e o outro macrossocial.

Analisando o pensamento unidimensional, MARCUSE cita-nos o caso de determinado operário que, descontente com a vida de autómato que leva e o trabalho desinteressante que executa, começa a ter ideias «*abstractas*» e demasiado radicais e a desencaminhar os companheiros, reatando com o pensamento bi ou pluridimensional. É claro que os seus superiores hiererquicos, reagindo muito solicita e democraticamente, discutem com ele, aconselham-lhe um psiquiatra e acabam por lhe demonstrar que, em última anelise, ele estava apenas com o «*astral*» ou o «*bioritmo*» um bocado por baixo, como diriam os modernos charlatáes, tudo motivado por pequenas discrepáncias familiares e um salario levemente desajustado, o que o levava a pór em causa, quixotescamente, a divisão social hierarquizada do trabalho e toda a nossa harmoniosa sociedade. Terapia a aplicar: atarraxamento dos parafusos da celula familiar, aumento salarial e concessão de outras pequenas benesses, liquidação da tentação «*abstraccionista*» e reinserção do nosso homem no «*real*», no «*concreto*» e no supracitado pensamento unidimensional.

Outro exemplo: Maio de 68 foi um movimento não apenas estudantil, mas também e sobretudo operário, que culminou com uma gréve geral e um movimento de ocupações, levados por diante

- 6 -

SUR L'ABSTRACTION ET LES HOMMES ABSTRAITS

Pour en venir au reproche d'abstraction que vous adressez aux anarchistes - visant tout particulièrement ces «*hommes abstraits*» qu'ils imagineraient et placeraient, tels des fous, face à des «*principes abstraits*» comme la «*Liberté*» et l'«*Égalité*» opposées à l'«*Autorité*» (le tout en majuscules, bien entendu, comme si l'accumulation de majuscules suffisait à nous rabaisser) - ainsi qu'aux accusations d'un «*goût moralisateur pour l'utopie*» ou d'une prétendue incapacité à se montrer constructifs, positifs et proactifs en indiquant concrètement aux travailleurs comment échapper à la «*prison de l'État bourgeois*» ou «*renverser la bourgeoisie*»... procédons par étapes, sans perdre de vue la perspective d'ensemble...

Tout d'abord, je regrette que l'on confonde l'abstraction avec le radicalisme, par exemple. C'est le propre de la pensée conservatrice - et la vôtre l'est bien plus que vous ne le réalisez, en dépit du style véhément, fanfaron et belliqueux que vous adoptez pour masquer votre réformisme sous-jacent - que de qualifier d'abstrait, de vague ou d'excessivement téléologique tout ce qui dépasse le simple plan revendicatif ou quantitatif. Je vous en propose deux exemples: l'un à l'échelle micro, l'autre à l'échelle macrosociale.

Dans son analyse de la pensée unidimensionnelle, MARCUSE cite le cas d'un ouvrier qui, insatisfait de la vie d'automate qu'il mène et du travail inintéressant qu'il accomplit, se met à nourrir des idées «*abstraites*» et excessivement radicales — égarant ainsi ses camarades et renouant avec une pensée bi- ou multidimensionnelle. Naturellement, ses supérieurs - réagissant avec une grande sollicitude et dans un esprit démocratique - discutent de la question avec lui, lui conseillent de consulter un psychiatre et finissent par lui démontrer qu'en dernière analyse, son «*aura*» ou son «*biorythme*» était simplement un peu bas (pour reprendre le jargon des charlatans modernes) - tout cela étant dû à de menues tensions familiales et à un salaire quelque peu insuffisant, - ce qui l'avait conduit à remettre en question, de manière chimérique, la division sociale hiérarchique du travail ainsi que l'harmonie de notre société tout entière. Le traitement à appliquer: resserrer les boulons de la cellule familiale, accorder une augmentation de salaire ainsi que quelques autres avantages mineurs, éliminer la tentation de l'«*abstractionnisme*» et réintégrer notre homme dans le «*réel*», le «*concret*» et ladite pensée unidimensionnelle.

Autre exemple: Mai 68 fut un mouvement non seulement porté par les étudiants, mais aussi - et surtout - impulsé par les travailleurs; il a abouti à une grève générale et à une vague d'occupations

contra a vontade dos Estados-maiores partiderios e sindicais, os quais sempre se esforçaram por circunscrever e isolar o movimento e por impedir todo e qualquer contacto entre grévistes e grupos radicais, tentando debalde tudo fazer descambar nas reivindicações categoriais e corporativas. Por isso, pode-se falar da revolução de Maio como de uma imensa explosão libertária. Infelizmente, contrariamente ao que o anarco-sindicalismo sugere e poria em prática na Espanha revolucionaria de 1936, os operários ocuparam as fábricas, mas cruzaram os braços e não puseram a economia a funcionar para eles, além de não organizanim om circuitos de distribuição e a solidariedade prática (salvo raras e honroaas excepções), o que até podia ter um efeito de curto-circuito sobre o capitalismo e o Estado, o quai seria não obstante necessário idrontar, para que o capitão de indústria não saisse pela porta e o policia ou o militar não entrasse pela janela. Valha, porém, a verdade: os operários franceses (e emigrantes) também estavam afectados pela abelhuda «*abstracção*». Numa altura em que a economia até nem estava muito mal e eles até não auferiam salários situados no limiar da miséria, não se pondo sequer o problema da mera reivindicação alimenter, o que eles efectivamente queriam, muito mais do que um simples aumento do nivel de vida, era uma mudança do próprio estilo de vida. Os burocratas do *partido comunista francès* e, muito especialmente, os patrões da sua correia de transmissão, a C.G.T., interlocutores ideais do Estado e do patronato, logo se encarregariam, porém, com a perseverança rotineira que os caracteriza, de os trazer de volta às «*realidades concretas*», impondo-lhes os electrochoques dos banais aumentos salariais determinados pelos vergonhosos acordos de Grenelle.

No que aos «*Homens abstractos*» concerne - homens de inicial maiúscula e calça comprida, - talvez não seja despiciendo lembrar-vos, meus meninos, que quem opunha esse grande Homem a Deus, dizendó que o Homem é o deus do Homem e que Deus só ocupou o seu lugar, porque o Homem se despojara de todas as qualidades humanas para as projectar de maneira hiperbólica e suprema no fantasma divino, era FEUERBACH, na obra «*A essência do cristianismo*». Ele é que combatia a religião com as armas da religião e, apesar de reais méritos analíticos, criava a religião humaniste como objecte de culto e a oferecia á devoção da multidão dos homùnculos. Enganaste-vos, portante, de alvo. E quem é que, no seio da esquerda hegeliana, onde pontificavam não obstante expoentes como MARX, ENGELS ou Bruno BAUER, criticou com o maior acerto e acerbo o velho Ludwig e o seu humanitarisme religioso? Pois foi precisamente Max STIRNER, precursor das correntes do anarquismo individualista e autor de «*O único e a sua propriedade*» (1843). Foi ele quem reabilitou os individuos concretos, de

menées à l'encontre de la volonté des directions des partis et des syndicats. Ces directions se sont constamment efforcées de contenir et d'isoler le mouvement ainsi que d'empêcher tout contact entre les grévistes et les groupes radicaux, tentant vainement de réduire l'ensemble de la lutte à des revendications étroites, sectorielles et corporatistes. Ainsi, la révolution de Mai peut être décrite comme une immense explosion libertaire. Malheureusement - et contrairement à ce que l'anarcho-syndicalisme préconisait et mettait en pratique dans l'Espagne révolutionnaire de 1936, - les travailleurs ont occupé les usines mais sont restés les bras croisés; ils n'ont pas réussi à faire tourner l'économie pour leur propre compte ni à organiser des réseaux de distribution et une solidarité concrète (à de rares et honorables exceptions près). De telles actions auraient pu court-circuiter le capitalisme et l'État - des forces qu'il fallait pourtant affronter pour éviter que le capitaine d'industrie ne sorte par la porte pour laisser entrer le policier ou le militaire par la fenêtre. Il faut toutefois reconnaître que les travailleurs français (ainsi que les immigrés) furent eux aussi touchés par cette «*abstraction*» importune. À une époque où l'économie ne battait pas de l'aile et où les salaires ne stagnaient pas au seuil de la pauvreté, - la question ne se résumait donc pas à une simple revendication de pain, - ce qu'ils désiraient véritablement, bien plus qu'une simple amélioration de leur niveau de vie, c'était un changement de leur mode de vie même. Pourtant, les bureaucrates du *Parti communiste français,* - et surtout les dirigeants de sa courroie de transmission, la C.G.T. (interlocuteurs privilégiés de l'État et du patronat), - allaient bientôt s'employer, avec cette obstination routinière qui les caractérise, à les ramener aux «*réalités concrètes*» en leur administrant les décharges électriques de banales hausses de salaires, telles que prescrites par les honteux accords de Grenelle.

Quant aux «*Hommes abstraits*», - ces hommes en lettres majuscules et pantalons longs, - il n'est peut-être pas superflu de vous rappeler, mes garçons, que celui qui opposait ce grand Homme à Dieu, affirmant que l'Homme est le dieu de l'Homme et que Dieu n'occupait sa place que parce que l'Homme s'était dépouillé de toutes ses qualités humaines pour les projeter de façon hyperbolique et suprême sur le fantôme divin, n'était autre que FEUERBACH, dans son ouvrage «*L'Essence du christianisme*». C'est lui qui combattait la religion avec les armes de la religion et qui, malgré de réels mérites analytiques, créa une religion humaniste comme objet de culte et l'offrit à la dévotion d'une multitude d'homoncules. Vous vous trompiez donc de cible. Et qui, au sein de la gauche hégélienne, où des figures telles que MARX, ENGELS ou Bruno BAUËR exerçaient néanmoins une influence considérable, critiqua avec la plus grande justesse et la plus grande amertume le vieux Ludwig et son humanitarisme religieux? C'est précisément Max STIRNER, précurseur des courants de l'anarchisme individualiste et auteur de «*L'Unique et sa propriété*» (1843), qui a réhabilité les individus concrets, de chair et de sang,

carne e sangue, genética e idiossincraticamente únicos, que lutam e labutam, e a sua necessária associação para o derrube da velha sociedade. Foi ainda ele quem impediu que a concretissima palavra individuo, conspurcada pelo comunismo gregário e pelo socialismo de caserna — um e outro autênticas camas de Procusta, - se afundasse nas águas turvas do caldo da ementa liberalóide. Até porque os liberais, por muito «*individualistes*» que se autoproclamem, só se interessam pelas «*altas individualidades*», como soe dizer-se, pelos vistos mais individualizadas do que o comum dos mortais, e pela «*liberdade*» sim, mas das velhas raposas dentro da capoeira. Ao invés, Stirner, opondo-se a que o nosso vocabulário ficasse mais pobre, ensinava-nos que só caminhando do particular para o geral, do individual para o comunitário, se podia afirmar tanto a autonomie individual como a força colectiva, sem totalitarismes nem mas-sificações. Quem o não compreende? Até alguns «*marxistas libertários*» ou situacionistas que gostam de se nos adesivar, quando a coisa lhes convém, o reconhecem. Um tal Jean-Pierre Courty, por exemplo, que tem a jactância de prefaciar uma colectânea de textos do individualista libertário Zo d'Axa (Éditions Champ Libre), chega mesmo a balbuciar: «*O movimento comunista que se aproxima, anuncia-se como uma gigantesca conjura dos egos*».

---

génétiquement et idiosyncratiquement uniques, qui luttent et travaillent, et leur association nécessaire au renversement de l'ancienne société. C'est également lui qui a empêché le mot très concret d'«*individu*», souillé par le communisme grégaire et le socialisme de caserne, – deux véritables lits de Procuste, – de sombrer dans les eaux troubles de l'idéologie libéraloïde. Car les libéraux, si autoproclamés «*individualistes*» soient-ils, ne s'intéressent qu'aux «*grandes individualités*», comme ils disent, apparemment plus individualisées que le commun des mortels, et à la «*liberté*», certes, mais seulement pour les vieux renards dans le poulailler. Stirner, s'opposant à l'appauvrissement de notre vocabulaire, nous a appris que seul le passage du particulier au général, de l'individuel au collectif, permet d'affirmer à la fois l'autonomie individuelle et la force collective, sans totalitarisme ni massification. Qui ne le comprend pas? Même certains «*marxistes libertaires*» ou situationnistes, qui aiment se rallier à nous quand cela les arrange, le reconnaissent. Un certain Jean-Pierre Courty, par exemple, qui se vante d'avoir écrit la préface d'un recueil de textes de l'individualiste libertaire Zo d'Axa (Éditions Champ Libre), balbutie même: «*Le mouvement communiste qui s'annonce se présente comme une gigantesque conspiration d'égos*».

SOBRE A LIBERDADE, A LIBERTAÇÂO, AS LIBERDADES E A DEMOCRACIA

Passando à «*Liberdade*» igualmente conspícua e abstracta que nos imputais - liberdade essa que, para nós, é uma necessidade, como respirar, e para vós, certamente, um luxo, -permiti-me que vos diga que Albert Camus nos considerava «*os últimos combatentes da liberdade*» e que o vosso parente afastado Karl Korsch não pensava o mesmo que vós a nosso respeito quando, nas suas «*Teses sobre o marxismo*», confessava que, depois de Bakunine, não tinha aparecido mais nenhuma teoria radical sobre a liberdade. E é normal! Ao contrário de vossências, nós temos uma autêntica teoria do domínio e sabemos qual tem sido o papel histórico do Estado, de todos os Estados, com todos os seus segredos e todas as suas razões. Também sabemos, evidentemente, que, com toda a sua carga antes de mais negativa, a liberdade é liberdade de «*não fazer*», liberdade da Maria não ir com as outras, do indivíduo não uivar com a alcateia. Onde existir uma instituição ou um corpo constituído com a força ou o direito (são sinónimos) de constranger e de punir, não haverá liberdade; inversamente, onde a liberdade tiver medrado e dado os seus frutos, que vão desde a autonomia dos indivíduos à efectiva solidariedade voluntária entre eles, terá sido onde já não existia qualquer instituição com os supracitados atributos para a condicionar. Estado e liberdade são, de facto, incompatíveis e alérgicos, não fazendo qualquer sentido o hífen copulativo que entre «*liberdade*» e «*democracia*» estabelecem demagogos, proxenetas eleitoralistas e outros «*animais políticos*» oriundos sabe-se lá de que bestiário, durante as suas impagáveis bregas politiqueiras. Onde houver democracia, evidentemente indirecta ou representativa (como, aliás, a ditadura, sua irmã gémea), com os fenómenos típicos da delegação de poderes e do discricionarismo encapotado dos eleitos do «*povo soberano*», estará passada a certidão de óbito à liberdade.

Com a sua extraordinária intuição, o seu formidável instinto libertário, misto de lucidez e de salutar ebriedade, de claridade apolínea e de embriaguez dionísiaca, Bakunine põe logo o dedo na ferida, dizendo que a liberdade é indivisível, não se podendo amputá-la ou cortar-lhe qualquer bocado, sem a matar completamente. Sempre abundando no nosso sentido e corroborando o acima exposto, desenvolve o seu pensamento e dá-nos uma explicação cabal: «*Essa pequena parte que cortais, é a própria essência da minha liberdade, é o todo. Por um movimento natural, necessário e irresistível, toda a minha liberdade se concentra precisamente na parte, por muito pequena que seja, que dela cortais*». E deitando mão a dois exemplos míticos,

SUR LA LIBERTÉ, LA LIBÉRATION, LES LIBERTÉS ET LA DÉMOCRATIE

En ce qui concerne cette «*liberté*» que vous nous prêtez, notion tout aussi manifeste qu'abstraite, liberté qui est pour nous une nécessité vitale telle la respiration, mais assurément pour vous un luxe, - permettez-moi de rappeler qu'Albert Camus voyait en nous «*les derniers combattants de la liberté*» et que votre lointain parent Karl Korsch ne partageait pas votre point de vue à notre sujet lorsqu'il reconnaissait, dans ses «*Thèses sur le marxisme*», qu'aucune théorie radicale nouvelle sur la liberté n'avait vu le jour depuis Bakounine. Et à juste titre! Contrairement à vous, nous possédons une théorie authentique de la domination et comprenons le rôle historique de l'État, de tous les États, avec leurs secrets et leurs logiques. Nous savons aussi, bien entendu, qu'au-delà de ses connotations essentiellement négatives, la liberté est celle de «*ne pas agir*»: la liberté pour Marie de ne pas suivre la foule, pour l'individu de ne pas hurler avec la meute. Là où existe une institution ou un corps constitué disposant du pouvoir ou du droit (termes synonymes) de contraindre et de punir, il n'y a pas de liberté; inversement, partout où la liberté a prospéré et porté ses fruits, de l'autonomie individuelle à une solidarité authentique et volontaire entre les êtres, elle l'a fait là où aucune institution dotée de tels attributs ne subsistait pour l'entraver. L'État et la liberté sont, en fait, incompatibles et s'opposent mutuellement; le trait d'union placé entre «*liberté*» et «*démocratie*» par les démagogues, les proxénètes électoraux et autres «*animaux politiques*», sortis on ne sait de quel bestiaire au cours de leurs pitreries politiques aussi coûteuses que vulgaires, est totalement dénué de sens. Partout où existe la démocratie, manifestement de indirecte ou représentative (tout comme sa sœur jumelle, la dictature), avec les phénomènes propres à la délégation de pouvoirs et à l'exercice dissimulé d'un pouvoir discrétionnaire par les élus du «*peuple souverain*», l'acte de décès de la liberté aura été signé.

Fort de son intuition extraordinaire et de son formidable instinct libertaire, alliage de lucidité et d'ivresse salutaire, de clarté apollinienne et de frénésie dionysiaque, Bakounine va droit à l'essentiel en affirmant que la liberté est indivisible; on ne saurait en amputer ou en retrancher la moindre parcelle sans la tuer tout entière. S'inscrivant pleinement dans notre perspective et corroborant ce qui a été énoncé plus haut, il développe sa pensée et en livre une explication définitive: «*Cette petite partie que vous retranchez, c'est l'essence même de ma liberté; c'est le tout. Par un mouvement naturel, nécessaire et irrésistible, la totalité de ma liberté se concentre précisément dans cette partie, si infime soit-elle, que vous en détachez*». Évoquant ensuite deux exemples illustra-

para facilidade de exposição, mas sintomáticos, Bakunine acrescenta: *«É a história da mulher do Barba Azul, que teve todo um palácio à sua disposição com a liberdade plena e inteira de penetrar por todo o lado, de ver e de mexer em tudo, excepto um infeliz quartinho, que a vontade soberana do seu terrível marido lhe tinha proibido de abrir, sob pena de morte. Pois bem, desviando-se de todas as magnificências do palácio, o seu ser concentrou-se inteiro nesse infeliz quartinho: abriu-o, e teve razão em abri-lo, porque foi um acto necessário da sua liberdade, enquanto que a proibição de nele entrar era uma violação flagrante dessa mesma liberdade. E ainda a história do pecado de Adão e Eva: a proibição de saborear o fruto da árvore da ciência, sem mais razões para além do facto de que tal era a vontade do Senhor, era da parte do bom Deus um acto de horroroso despotismo; e se os nossos primeiros pais tivessem obedecido, toda a raça humana ficaria mergulhada na mais humilhante escravidão. A sua desobediência, pelo contrário, emancipou-nos e salvou-nos. Foi, miticamente falando, o primeiro acto da humana liberdade» («Federalismo, socialismo e antiteolo-gismo»).*

É que, se há maiorias democráticas, digníssimas e impolutas, que dizem respeitar o «direito à diferença», mas no fundo não vêem que o gesto de votar e de escolher representantes para si e para os outros, é um gesto tipicamente autoritário, e lá no fundo gostariam de enfiar todo o rebanho dentro do mesmo cercado; felizmente, ainda restam minorias que se agrupam à volta do farrapo negro, a bandeira de Prometeu ou de Satanás!

Mas não há que se ser maniqueísta, dizer-se com ênfase que nós somos os bons e os outros os maus da fita. Dentro de cada bípede que pensa e sente, coabitam, por vezes tumultuosamente, o doutor Jekyll e o mister Hide. Que todo o ditador ou democrata (são sinónimos) da alta burguesia, do *«povo»*, do *«proletariado»* ou da posta do meio que, a páginas tantas da sua vida, não deu consigo a sonhar com a autêntica e genuína liberdade, me atire a primeira pedra...

Compreendendo que a liberdade, embora tenha uma base individual, já que todo o indivíduo é irredutível, como até a biologia ou a genética modernas no-lo confirmam, é também uma relação social, são ainda de Bakunine as seguintes e claras palavras, das mais belas que sobre o assunto se escreveram:

«Não sou verdadeiramente livre senão quando todos os seres humanos que me rodeiam, homens e mulheres, são igualmente livres. A liberdade de outrem, longe de ser um limite ou a negação da minha liberdade, dela é, pelo contrário, a condição necessária e a confirmação. Não me torno verdadeiramente livre senão pela liberdade dos

tifs, bien que mythiques, Bakounine ajoute: *«Songez à l'histoire de la femme de Barbe-Bleue, qui disposait d'un palais tout entier, avec une liberté pleine et entière d'aller partout, de tout voir et de tout toucher, sauf une misérable petite pièce que la volonté souveraine de son terrible mari lui interdisait d'ouvrir, sous peine de mort. Pourtant, délaissant toutes les splendeurs du palais, tout son être se focalisa sur cette misérable petite pièce; elle l'ouvrit, elle eut raison, car c'était un acte nécessaire de sa liberté, tandis que l'interdiction d'y pénétrer constituait une violation flagrante de cette liberté même. Il y a aussi l'histoire du péché d'Adam et Ève: l'interdiction de goûter au fruit de l'arbre de la connaissance, pour la seule raison que telle était la volonté du Seigneur, constituait, de la part du bon Dieu, un acte d'un despotisme effroyable; si nos premiers parents avaient obéi, le genre humain tout entier aurait été plongé dans l'esclavage le plus humiliant. Leur désobéissance, à l'inverse, nous a émancipés et sauvés. Ce fut, mythiquement parlant, le premier acte de la liberté humaine» («Fédéralisme, socialisme et antithéologisme»).*

S'il existe des majorités démocratiques, respectables et irréprochables, qui se réclament du *«droit à la différence»* tout en omettant de voir que l'acte de voter et de choisir des représentants pour soi-même et pour autrui est un geste typiquement autoritaire, et qui, au fond, aimeraient rassembler tout le troupeau dans le même enclos, il subsiste heureusement des minorités qui se rallient au drapeau noir, l'étendard de Prométhée ou de Satan!

Mais point n'est besoin de faire preuve de manichéisme, en proclamant avec emphase que nous sommes les bons et les autres les méchants. Chez tout bipède doué de pensée et de sensibilité, Dr Jekyll et M. Hyde cohabitent parfois tumultueusement. Que le premier à jeter la pierre soit le dictateur ou le démocrate, qu'il soit issu de la grande bourgeoisie, du *«peuple»*, du *«prolétariat»* ou de la vaste classe moyenne, qui ne s'est jamais surpris, à un moment ou à un autre de sa vie, à rêver d'une liberté authentique et véritable...

En reconnaissant que la liberté, bien qu'ancrée dans l'individu (puisque chaque individu est irréductible, fait confirmé même par la biologie ou la génétique moderne), est aussi une relation sociale, nous trouvons ces paroles claires de Bakounine, parmi les plus belles jamais écrites sur le sujet:

«Je ne suis vraiment libre que lorsque tous les êtres humains qui m'entourent, hommes et femmes, sont tout aussi libres. La liberté d'autrui, loin d'être une limite ou une négation de ma propre liberté, en est au contraire la condition nécessaire et la confirmation. Je ne deviens vraiment libre

outros, de maneira que, quanto mais numerosos são os homens livres que me rodeiam, e quanto mais extensa e mais larga é a sua liberdade, tanto mais extensa e mais profunda se torna a minha. É, pelo contrário, a escravidão dos outros que põe uma barreira à minha liberdade ou, o que vem a dar no mesmo, é a sua bestialidade que é uma negação da minha humanidade, porque, uma vez mais, não posso dizer-me verdadeiramente livre senão quando a minha liberdade ou, o que quer dizer a mesma coisa, quando a minha dignidade de homem, o meu direito humano, que consiste em não obedecer a nenhum outro homem e a não determinar os meus actos senão em conformidade com as minhas próprias convicções, reflectidos pela consciência igualmente livre de todos, voltam a encontrar-se confirmados pelo assentimento de toda a gente. A minha liberdade pessoal, assim confirmada pela liberdade de todos, estende-se ao infinito...».

Quanto ao futuro, conquanto não fosse adivinho nem profeta, Bakunine via muito mais longe do que quanto o socialismo dito científico podia enxergar. Com a fina percepção que o caracterizava, previu e pôs-nos de sobreaviso contra todos os projectos liberticidas e o seu discurso encontra-se enxameado de fórmulas exemplares tipicamente libertárias. Limito-me, brevemente, a citar duas: *«A liberdade, sem o socialismo, não passa de privilégio e de injustiça; o socialismo, sem liberdade, não passa de escravatura e de brutalidade»*. Ou ainda: *«Que o futuro nos salve das consequências desastrosas e embrutecedoras do socialismo autoritário, doutrinário ou de Estado»*.

Apesar da sua formação substancialmente freudiana e marxista e de cortas ingenuidades ou ilusões que tinha sobre os estudantes, apresentados às vezes por si, e na ausência de um proletariado combativo, como uma espécie de classe social sobresselente, a quem tivesse sido passado o testemunho revolucionário; esquecendo-se que, por via de regra, não se é estudante a vida inteira e a estudantada, infelizmente, quer é manter a separação entre trabalho dito intelectual e trabalho dito manual, para, munida de diplomas e de muita *«prática»*, poder mandar os outros trabalhar (função política) e assim poder subir tranquilamente os degraus da pirâmide social, alcançando um bom estatuto e um rico tacho; Marcuse, mesmo assim, tem uma definição de liberdade que converge na direcção da nossa e que, muito intimamente, não enjeito: *«Só termos negativos podem exprimir essas formas novas, porque elas constituem uma negação das formas dominantes. Assim, ter a liberdade económica deveria significar estar liberto da economia, do constrangimento exercido pelas forças e pelas relações económicas, estar liberto da luta quotidiana pela existência, não mais ser obrigado a ganhar a vida. Ter a liberdade política deveria significar*

que par la liberté des autres; ainsi, plus le nombre de personnes libres autour de moi est grand, et plus leur liberté est étendue et vaste, plus la mienne devient étendue et profonde. À l'inverse, c'est l'esclavage d'autrui qui dresse une barrière devant ma liberté, ou, pour le dire autrement, c'est leur bestialité qui nie mon humanité, car, encore une fois, je ne peux me dire vraiment libre que si ma liberté (ou, ce qui revient au même, ma dignité d'être humain et mon droit humain, qui consiste à n'obéir à aucun autre homme et à déterminer mes actes uniquement selon mes propres convictions, telles que les reflète la conscience également libre de tous) est confirmée par l'assentiment de chacun. Ma liberté personnelle, ainsi confirmée par la liberté de tous, s'étend à l'infini...».

Quant à l'avenir, sans être ni devin ni prophète, Bakounine voyait bien au-delà des horizons du socialisme dit scientifique. Avec la lucidité pénétrante qui le caractérisait, il a pressenti et dénoncé tous les projets liberticides, et ses écrits regorgent de formules exemplaires, d'une essence profondément libertaire. J'en citerai brièvement deux: *«La liberté sans le socialisme n'est que privilège et injustice ; le socialisme sans la liberté n'est qu'esclavage et brutalité»*. Ou encore: *«Puisse l'avenir nous préserver des conséquences désastreuses et déshumanisantes du socialisme autoritaire, doctrinaire ou étatique»*.

Malgré sa formation largement imprégnée de freudisme et de marxisme, et certaines naïvetés ou illusions qu'il entretenait à l'égard des étudiants (qu'il dépeignait parfois, faute de prolétariat combatif, comme une sorte de classe sociale de réserve à qui le relais de la révolution avait été transmis), oubliant que l'on n'est pas étudiant pour toujours et que le milieu étudiant, malheureusement, cherche à maintenir la scission entre travail dit intellectuel et travail manuel afin de pouvoir, forts de leurs diplômes et d'une solide *«expérience pratique»*, commander aux autres de travailler (une fonction politique), et ainsi gravir confortablement les échelons de la pyramide sociale pour atteindre un statut élevé et une position lucrative, Marcuse propose néanmoins une définition de la liberté qui rejoint la nôtre, et que, au fond, je ne rejette pas: *« Seuls des termes négatifs peuvent exprimer ces formes nouvelles, car elles constituent une négation des formes dominantes. Ainsi, jouir de la liberté économique devrait signifier être libre à l'égard de l'économie, libre des contraintes imposées par les forces et les rapports économiques, libre de la lutte quotidienne pour l'existence, sans plus être contraint de gagner sa vie. Jouir de la liberté po-*

para os indivíduos que estão libertos da política, sobre a qual não têm controle efectivo. Ter a liberdade intelectual deveria significar que se restaurou o pensamento individual, actualmente afogado nas comunicações de massa, vítima do doutrinamento, significar que não há mais fazedores de "opinião pública" e não há mais opinião pública. Se estas propostas têm um tom irrealista, não é porque sejam utópicas, é porque as forças que se opõem à sua realização, são poderosas. Há para sustentar este combate contra a libertação uma arma eficaz e durável, é a fixação de necessidades materiais e intelectuais que perpetuam formas estafadas de luta pela existência».

Aprofundando o assunto e relativi-zando o combate *«épico»*, mais próximo da rixa de bêbedos do que da luta de titãs, que opunha o Leste ao Oeste, acrescentava: *«Não se pode dizer que o Inimigo é o comunismo actual ou que é o capitalismo actual: nos dois casos, o Inimigo é verdadeiramente o espectro da libertação» («O homem unidimensional»).*

Estamos, pois, a anos-luz, tanto das *«mais amplas liberdades»*, de que falava sem qualquer convicção o vosso ex-correlegionário Barreirinhas Cunhal, quanto da prosápia do nosso Mário Soares nacional, *«presidente de todos os portugueses»*, quando, qual *maitre d'hotel,* passa entre as mesas dos cidadãos com o cardápio das liberdade-zinhas constitucionais, apregoando: - *Liberdades à la carte!* É fartar, vilanagem! Bem ou mal passadas?

Pela parte que me cabe no banquete, sei demasiado bem o que liberdade de reunião, de associação ou de expressão, direitos sociais ou regalias económicas, entre outras iguarias consignadas no diploma máximo do nosso inefável *Estado de Direito* e em textos anexos e apensos, querem dizer: são as migalhas do festim, por vezes arrancadas à custa de duras lutas, e que os poderosos, os expoliadores e os representantes do *«gado eleitoral»*, segundo a expressão de Albert Libertad, ainda não conseguiram escamotear ao populacho, mas estão sempre prontos a regulamentar e a cercear, preenchendo as numerosas lacunas da lei, enredando-nos numa teia legislativa descorçoante e atrelando-nos, por fim, ao carro do Estado, com conselhos de concertação social, comissões paritárias e outras minas

litique devrait signifier, pour les individus, être libres à l'égard de la politique, une politique sur laquelle ils n'exercent aucun contrôle réel. Jouir de la liberté intellectuelle devrait signifier la restauration de la pensée individuelle, actuellement noyée par les communications de masse et victime de l'endoctrinement, et marquer la fin tant des fabricants "d'opinion publique" que de l'opinion publique elle-même. Si ces propositions semblent irréalistes, ce n'est pas parce qu'elles sont utopiques, mais parce que les forces qui s'opposent à leur réalisation sont puissantes. Il existe une arme efficace et durable pour soutenir cette résistance à la libération: la fixation sur des besoins matériels et intellectuels qui perpétuent des formes épuisées de la lutte pour l'existence».

Approfondissant le sujet et relativisant cette lutte *«épique»,* qui opposait l'Est à l'Ouest mais ressemblait davantage à une bagarre de poivrots qu'à un choc de titans, il ajoutait: *«On ne peut dire que l'Ennemi soit le communisme actuel ou le capitalisme actuel: dans les deux cas, l'Ennemi est véritablement le spectre de la libération» (L'Homme unidimensionnel).*

Nous sommes donc à des années-lumière, aussi bien des *«libertés les plus larges»* dont parlait sans la moindre conviction votre ancien compagnon de parti Barreirinhas Cunhal, que de la grandiloquence de notre Mário Soares national — *«président de tous les Portugais»* — lorsqu'il circule, tel un maître d'hôtel, entre les tables des citoyens avec la carte des *«petites libertés»* constitutionnelles, en vantant: *«Des libertés à la carte ! Servez-vous, la canaille! Cuites à point ou saignantes?».*

Pour ce qui me revient de ce banquet, je sais très bien ce que signifient la liberté de réunion, d'association ou d'expression, les droits sociaux ou les avantages économiques, parmi d'autres mets inscrits dans la loi fondamentale de notre ineffable *État de droit* ainsi que dans les textes qui s'y rattachent: ce sont les miettes du festin, parfois arrachées au prix de luttes acharnées, que les puissants, les spoliateurs et les représentants du *«bétail électoral»* (selon l'expression d'Albert Libertad) n'ont pas encore réussi à soustraire à la populace, mais qu'ils sont toujours prêts à réglementer et à restreindre. Ils comblent les nombreuses lacunes de la loi, nous emprisonnent dans un écheveau législatif décourageant et nous attellent, en fin de compte, au char de l'État via des conseils de concertation sociale, des commissions paritaires

---

(*) Àlvaro Barreirinhas Cunhal (1913-2005), Secretário-Geral do *Partido comunista português*. (Nota A.M.).

(**) Mário Soares (1924-2017), social-democrata português, deputado, presidente da república... (Nota A.M.).

(***) Albert Libertad (pseudónimo de Joseph Albert) (1875-1908), anarquista individualista francês. (Nota A.M.).

(*) Àlvaro Barreirinhas Cunhal (1913-2005), Secrétaire général du *Parti communiste portugais. (Note A.M.).*

(**) Mário Soares (1924-2017), social-démocrate portugais, député, président de la république... *(Note A.M.).*

(***) Albert Libertad (Joseph Albert, dit) (1875-1908), anarchiste individualiste français. *(Note A.M.).*

e armadilhas. Ainda por cima, se houver azar, até isso pode ser reequacionado, como dizem os elegantes. Venha um estado de sítio ou um estado de emergência, rebente uma guerra (com a correspondente censura militar e a abertura da caça aos *«traidores»* antimilitaristas e pacifistas) ou estale um conflito social sério, e o lastro democrático é logo mandado pela borda fora. *«Portem-se bem, senão vem o papão da repressão»*, avisam-nos as almas piedosas. E se a repressão vier, de forma mais brutal do que aquilo que é habitual, a culpa obviamente não será da tropa ou da polícia, mas muito nossa, já que tudo provocámos irresponsavelmente e não fomos bem comportados. Frente à nossa provocação, os nossos anjos da guarda, coitadinhos!, armados até aos dentes, enchem-nos de bordoada ou pior ainda, a despeito de serem, como os cães, «os maiores amigos do homem» (com maiuscula ou com minúscula?).

Sempre foi assim. O caso da modelar e diáfana *1ª República portuguesa*, tão celebrada por peraltas políticos e outros janotas hodiernos, é ilustrativo. Quem participou activa e essencialmente nas jornadas revolucionárias de 4 e 5 de outubro de 1910, enquanto os chefes republicanos estavam escondidos debaixo da cama, aguardando para que lado penderia a balança, e Machado dos Santos, o único oficial insurrecto, e o seu séquito insignificante (9 sargentos, 200 soldados e 12 peças de artilharia) estavam imobilizados na Rotunda, foi a arraia-miúda, foram muito especialmente os anarquistas (Carlos da Fonseca, *«Para uma análise do movimento libertário e da sua história»*). Tomaram armas, construíram barricadas e lançaram bombas de fabrico artesanal. Pois bem, quando se constituiu o regime republicano, ao qual aderiram todos os arrivistas, para impedir que o poder caísse na rua e se perdesse nalgum cano de esgoto, as suas primeiras e preferidas vítimas foram também os anarquistas e os trabalhadores em geral. A *Casa sindical*, depois a U.O.N. (*União Operária Nacional*) e, por fim, a C.G.T. (*Confederação Geral do Trabalho*), todas de inspiração maioritariamente sindicalista revolucionária e anarco-sindicalista, tiveram uma vida atribulada em tudo equiparável à dos ulteriores tempos do fascismo. Prisões, deportações e até execuções foram a moeda corrente da *«retribuição»* republicana. No exercício do poder, os políticos jacobinos davam largas à sua sanha e provavam o que valiam, como bons precursores da ditadura saloia e clerical de Salazar. Fechando sindicatos, reprimindo greves e perdendo-se em jogos de bastidores e ridículas conspirações palacianas,

(*) António de Azevedo Machado Santos (ou simplesmente Machado Santos; 1875-1921): oficial da Marinha, maçon, republicano, deputado, conspirador permanente; fundou um *Partido republicano federalista*. *(Nota A.M.)*.

et autres pièges et chausse-trapes. Qui plus est, si l'on n'a pas de chance, tout cela peut même être *«réévalué»*, comme disent les gens distingués. Qu'il s'agisse d'un état de siège ou d'un état d'urgence, qu'une guerre éclate (avec la censure militaire qui l'accompagne et la chasse aux *«traîtres»* antimilitaristes et pacifistes) ou qu'un conflit social grave survienne, et les principes démocratiques sont aussitôt jetés par-dessus bord. *«Tenez-vous bien, sinon le croque-mitaine de la répression débarquera»*, nous avertissent les âmes charitables. Et si la répression survient, plus brutale que d'ordinaire, la faute n'en incombera évidemment ni à la troupe ni à la police, mais bien à nous: nous aurons tout provoqué par irresponsabilité et n'aurons pas été sages. Face à nos provocations, nos anges gardiens chéris!, armés jusqu'aux dents, nous roueront de coups ou pire encore, alors même qu'ils sont, tout comme les chiens, *« les meilleurs amis de l'homme»* (avec une majuscule ou une minuscule?).

Il en a toujours été ainsi. Le cas de la *Première République portugaise,* modèle de pureté et de transparence tant vanté par les politiciens fanfarons et autres dandys d'aujourd'hui, est révélateur. Ceux qui prirent une part active et essentielle aux journées révolutionnaires des 4 et 5 octobre 1910, - alors que les chefs républicains restaient cachés sous leur lit, attendant de voir de quel côté pencherait la balance, et que Machado dos Santos **(*)**, le seul officier insurgé, ainsi que sa troupe dérisoire (9 sergents, 200 soldats et 12 pièces d'artillerie), étaient bloqués à la Rotunda, - furent les gens du peuple, et tout particulièrement les anarchistes (Carlos da Fonseca, *«Pour une analyse du mouvement libertaire et de son histoire»*). Ils prirent les armes, érigèrent des barricades et lancèrent des bombes artisanales. Or, une fois le régime républicain établi, - régime auquel tous les arrivistes se rallièrent pour éviter que le pouvoir ne tombe dans la rue et ne finisse dans les égouts, - leurs premières victimes de prédilection furent précisément les anarchistes et les travailleurs en général. La *Casa sindical*, puis l'U.O.N. (*Union ouvrière nationale*) et enfin la C.G.T. (*Confédération générale du Travail*) — toutes d'inspiration majoritairement syndicaliste révolutionnaire et anarcho-syndicaliste, connurent une existence tourmentée, en tout point comparable à celle qu'elles subiraient plus tard sous le fascisme. Arrestations, déportations et même exécutions furent la monnaie courante de la *«reconnaissance»* républicaine. Une fois au pouvoir, les politiciens jacobins donnaient libre cours à leur fureur et révélaient leur vraie nature, dignes précurseurs de la dictature cléricale et rustre de Salazar. En fermant les syndicats, en réprimant les grèves et en se perdant dans des intrigues de coulisses et des complots de palais ridicules, des

(*) António de Azevedo Machado Santos (Machado Santos pour faire simple (1875-1921); officier de Marine, franc-maçon, républicain, député, conspirateur permanent, fonda un *Parti républicain fédéraliste*. *(Note A.M.)*.

homens como Afonso Costa **(*)**, o racha-sindicalistas, e até políticos de segunda ordem, como o papá do dr. Mário Soares **(**)**, ao porem em movimento a contra-revolução preventiva, preparavam, sem ter perfeitamente consciência disso, o momentâneo epílogo democrático...

Assim, rejeitadas inequivocamente as democracias e as ditaduras, bem como todas as formas que o Estado assume e todos os corpos intermédios situados entre o homem e a sua emancipação, talvez tenha chegado o momento de terminar esta exposição sobre a nossa concepção radical de liberdade, não sem especificar que, na nossa qualidade de anarquistas, temos um ideário libertário **(1)** sobre qualquer evolução ou mutação social. E

(*) Afonso Costa (1871-1937); advogado, republicano anticlerical; por diversas vezes ministro e chefe de governo. *(Nota de A.M.)*.

(**) João Soares (1878-1970); deputado, governador civil e ministro das Colónias. *(Nota de A.M.)*.

(1) Desde o século 19° que as palavras anarquista e libertário são praticamente sinónimos e, em meu entender, devemos lutar pela não amputação do nosso vocabulário, muito embora se possa preferir este termo àquele. Pela parte que me cabe, prefiro a palavra anarquista, pelo seu vigor negativo, à palavra libertário, embora não enjeite nenhuma e seja contra o empobrecimento do nosso ideário. O que já é escandaloso, no meio de tanta manobra desleal, é que certos vira-casacas de domínio público do estilo de um Eduardo Prado Coelho **(*)**, de um Villaverde Cabral **(**)** ou de um Carlos Espada **(***)**, na tentativa de forja gorada e acrobática de um neo-liberalismo pós-moderno, tentem laboriosamente introduzir uma cisão entre os dois supracitados termos, para melhor impingidela da vaporosa mercadoria «*liberal-libertária*». Deviam pôr-se a pau, porque é com desvios desta natureza que se acaba no Limoeiro **(****)**. Lá porque vigaristas notórios como os economistas americanos da escola de Chicago, que, se intitulam «*anarco-capitalistas*», têm conseguido escapar ao ergástulo, salvo quando são apanhados nalguma falência fraudulenta ou com a boca na botija, como Al Capone, não pensem que a impunidade é eterna.
O aviso risonho e desportivo, porque neste mundo salta-pocinhas o que é preciso é ser-se *cool* ou ser-se *in*, é até extensível a um mentecapto notório como Miguel Esteves Cardoso **(*****)**, um rapazinho monárquico, que também se diz, de vez em quando, libertário, porque, evidentemente, se o não dissesse, ficaríamos sem sabê-lo... Todos eles seguem, ao fim e ao cabo, a démarche historicamente anterior do marxismo dito libertário, que também queria pilhar onde pudesse. Mas o que é que o anarquismo tem que cativa gente tão vária e desvairada?!

(*) Eduardo Prado Coelho (1944–2007); professor; comunista português. *(Nota de A.M.)*.

(**) Manuel Villaverde Cabral (1940); professor; comunista português. *(Nota de A.M.)*.

(***) João Carlos Espada (1955); professor; consultor para assuntos políticos do Presidente Mário Soares (1986-1990) e do Presidente Aníbal Cavaco Silva (2006-2011). *(Nota de A.M.)*.

(****) Principal prisão de Lisboa do século 17 ao 19. *(Nota de A.M.)*.

(*****) Miguel Esteves Cardoso (1955); escritor e jornalista; monárquico e antieuropeísta, candidato a deputado ao *Parlamento europeu*, nas listas do *Partido popular monárquico*. *(Nota de A.M.)*.

hommes comme Afonso Costa **(*)** (le briseur de syndicats), et même des politiciens de second ordre, tel le père du Dr... Mário Soares **(**)**, en mettant en branle la contre-révolution préventive, préparait, sans en avoir une conscience parfaite, l'épilogue démocratique momentané...

Ainsi, après avoir rejeté sans équivoque les démocraties et les dictatures, tout comme les diverses formes que revêt l'État et les corps intermédiaires s'interposant entre l'individu et son émancipation, le moment est peut-être venu de clore cet exposé sur notre conception radicale de la liberté; non sans préciser qu'en tant qu'anarchistes, nous portons une vision libertaire **(1)** de toute évolution ou muta-

(*) Afonso Costa (1871-1937); avocat, républicain anti-clérical; souvent ministre et chef du gouvernement. *(Note A.M.)*.

(**) João Soares (1878-1970); député, gouverneur civil et ministre des Colonies. *(Note A.M.)*.

(1) Depuis le 19ème siècle, les mots «*anarchiste*» et «*libertaire*» sont pratiquement synonymes et, à mon sens, nous devons lutter pour éviter toute amputation de notre vocabulaire, même si l'on peut préférer l'un à l'autre. Pour ma part, je préfère le mot «*anarchiste*» en raison de sa vigueur négative au mot «*libertaire*», bien que je ne rejette ni l'un ni l'autre et que je m'oppose à l'appauvrissement de notre corpus idéologique. Ce qui est scandaleux, au milieu de tant de manœuvres déloyales, c'est que certains transfuges notoires, du genre Eduardo Prado Coelho, Villaverde Cabral ou Carlos Espada, dans une tentative aussi acrobatique que vaine de forger un «*néolibéralisme postmoderne*», s'évertuent laborieusement à introduire une scission entre ces deux termes afin de mieux fourguer la marchandise vaporeuse du «*libéral-libertaire*». Ils feraient bien de se méfier, car c'est à force de dérives de ce genre qu'on finit à Limoeiro **(****)**. Ce n'est pas parce que des escrocs notoires, comme les économistes américains de l'école de Chicago qui se disent «*anarcho-capitalistes*», ont réussi à échapper à la case prison, sauf lorsqu'ils sont pris la main dans le sac lors d'une faillite frauduleuse ou en flagrant délit, à la manière d'Al Capone, qu'il faut croire que l'impunité est éternelle.
Cet avertissement, lancé sur un ton enjoué et désinvolte, car dans ce monde de «saute-ruisseaux» en quête de «cool» ou de «branchitude», il faut être dans le vent —, vaut aussi pour un écervelé notoire comme Miguel Esteves Cardoso, ce jeune monarchiste qui se prétend, à l'occasion, «*libertaire*» — car, évidemment, s'il ne le disait pas, nous l'ignorerions... Au bout du compte, ils emboîtent tous le pas à la démarche historiquement antérieure du marxisme dit «*libertaire*», qui cherchait lui aussi à piller tout ce qu'il pouvait. Mais qu'est-ce que l'anarchisme a donc pour séduire des gens aussi divers et déraisonnables ?!

(*) Eduardo Prado Coelho (1944–2007); professeur; communiste portugais. (Note A.M.).

(**) Manuel Villaverde Cabral (1940) ; professeur; communiste portugais. (Note A.M.).

(***) João Carlos Espada (1955); professeur ; conseiller politique du président Mário Soares (1986-1990) et du président Aníbal Cavaco Silva (2006-2011). *(Note A.M.)*.

(****) Prison principale de Lisbonne du 17ème au 19ème siècle. *(Note A.M.)*.

(*****) Miguel Esteves Cardoso (1955); écrivain et journaliste; monarchiste et anti-européen, candidat au *Parlement européen* sur les listes du *Parti populaire monarchiste*. *(Note A.M.)*.

vemos então no caso limite da *Revolução social* uma formidável libertação, mental e física, individual e colec-tiva, de medos ancestrais, de tabus, de superstições, de crendices (como a crença, por exemplo, no metafísico princípio de autoridade), de preconceitos, de recalcamentos, de coibições de si próprio e de coerções.

Algo para onde não se pode ir, carregando consigo o triste e alienante militantismo e miserabilismo das organizações de tipo marxista-leninista, ou como o boi para o matadouro, ou como o carcereiro para a prisão. Algo em que os fins são libertadores e os meios também o são logo ab initio, constituindo o nexo, o nó íntimo e ético entre fins e meios a grande regra da nossa praxis; até porque, necessariamente, os fins já têm que estar presentes no âmago dos próprios meios, não podendo alguém querer a tal sociedade (ou associação) sem classes e sem Estado do futuro, através de meios que provoquem previamente a nova divisão da sociedade em novas classes e fortaleçam o Estado. Algo em que não podemos começar por meter os indivíduos na cadeia (golpe militar do 28 de Maio de 1926), para depois virmos soltar alguns quarenta e oito anos mais tarde (golpe militar do 25 de Abril de 1974), enquanto o povinho aplaudia ou, cabisbaixo, agradecia, com o chapéu na mão. Algo, enfim, o menos sangrento e violento possível, até porque preferimos o vinho tinto à hemoglobina e sabemos demasiado bem que a violência de cada dia é um fenómeno da sociedade arquista; na conformidade, a contra-violência dos oprimidos não pode exceder o nível da autodefesa e consiste na força que o escravo tem que exercer para rebentar as grilhetas que o aprisionam. Uma longa luta, um longo processo, se quiserdes, que atravessa o nosso quotidiano e é levado por diante pelos seres vivos de aqui e de agora, em seu próprio nome e não com o espírito religioso de sacrifício de quem se bate apenas pelas gerações vindouras, as quais aliás não nos passaram qualquer procuração. Esse longo processo consiste tanto nos pequenos recontros quanto nas grandes batalhas, com as inevitáveis correlações de forças, só ele nos permitindo a aquisição duma vontade bem temperada, o exercício da ginástica revolucionária e a teorização da nossa própria prática. Essa longa luta libertária não visa nem a conquista de reformas ilusórias, já que a *Revolução social* não é redutível a um mero conjunto de reformas acumuladas, nem a não menos ilusória conquista do poder. Como não somos «*entristas*», travamo-la fora da esfera do mando e estamos virados contra ela. «*Paz aos homens e guerra às instituições!*», dizia Anselmo Lorenzo. E nós fazemos nossas as suas palavras. De resto, não constitui um acaso que vejamos na tomada da Bastilha, de todas as Bastil-

(*) Anselmo Lorenzo (1841-1914); um dos fundadores da secção regional ibérica da *Associação Internacional dos Trabalhadores* em 1868. *(Nota A.M.)*

tion sociale. Nous voyons alors, dans le cas extrême de la *Révolution sociale*, une formidable libération, mentale et physique, individuelle et collective, à l'égard des peurs ancestrales, des tabous, des superstitions, des croyances (telle, par exemple, la foi dans le principe métaphysique d'autorité), des préjugés, des refoulements, de l'autocensure et des coercitions.

Il ne s'agit pas d'une voie vers laquelle on se dirige en emportant avec soi le triste et aliénant militantisme et le misérabilisme des organisations marxistes-léninistes, comme on mène un bœuf à l'abattoir ou un geôlier à la prison. Il s'agit d'une voie où les fins et les moyens sont libérateurs dès le départ, constituant le lien, le nœud intime et éthique entre fins et moyens, la grande règle de notre pratique; car, nécessairement, les fins doivent déjà être présentes au cœur même des moyens, et nul ne saurait souhaiter une société (ou association) future sans classes et sans État par des moyens qui, au préalable, provoquent une nouvelle division de la société en nouvelles classes et renforcent l'État. Il ne s'agit pas d'une voie que l'on entreprend en emprisonnant des individus (coup d'État militaire du 28 mai 1926), pour les libérer quarante-huit ans plus tard (coup d'État militaire du 25 avril 1974), sous les applaudissements du peuple ou, la tête baissée, en nous remerciant, chapeau à la main. En somme, quelque chose d'aussi pacifique et sans effusion de sang que possible, d'autant plus que nous préférons le vin rouge à l'hémoglobine et que nous savons pertinemment que la violence quotidienne est un phénomène propre à la société «*archique*»; par conséquent, la contre-violence des opprimés ne saurait excéder le niveau de la légitime défense et consiste en la force que l'esclave doit déployer pour briser les chaînes qui l'emprisonnent. Un long combat, un long processus, si vous voulez, qui traverse notre quotidien et est mené par les êtres vivants d'ici et maintenant, en leur propre nom et non avec l'esprit de sacrifice religieux de ceux qui ne se battent que pour les générations futures, lesquelles, soit dit en passant, ne nous ont donné aucun mandat. Ce long processus est fait de petites rencontres et de grandes batailles, avec les inévitables rapports de force, nous permettant d'acquérir une volonté aguerrie, de pratiquer une gymnastique révolutionnaire et de théoriser notre propre pratique. Ce long combat pour la liberté ne vise ni la conquête de réformes illusoires, car la *Révolution sociale* ne se réduit pas à une simple accumulation de réformes, ni la conquête, non moins illusoire, du pouvoir. N'étant pas des «*entristes*», nous luttons en dehors de la sphère du commandement et nous nous y opposons. «*La paix aux hommes et la guerre aux institutions!*», disait Anselmo Lorenzo. Et nous faisons nôtres ses paroles. De plus, ce n'est pas un hasard si nous voyons dans la prise de la Bastille, de toutes les bastilles, - politiques, juridiques, re-

(*) Anselmo Lorenzo (1841-1914); l'un des fondateurs de la section régionale ibérique de l'*Association internationale des Travailleurs* en 1868. *(Note A.M.)*.

has políticas, jurídicas, religiosas, sexuais, económicas, sociais ou redundantemente carcerais, um símbolo das nossas aspirações. Não se pode mesmo construir algo de qualitativamente diferente, substituindo a *Okhrana* pela *Tcheka*, o *Exército branco* pelo *Exército vermelho*, o Ministro do Czar pelo Comissário do Povo, o kulak pelo aparatchik ou o mercado pelo Gosplan. Nem mandando queimar, como Staline, «*A função do orgasmo*» e outras obras de Wilhelm Reich...

---

ligieuses, sexuelles, économiques, sociales, ou encore, redondamment, carcérales, - un symbole de nos aspirations. On ne peut pas construire quelque chose de fondamentalement différent en remplaçant l'*Okhrana* par la *Tchéka*, l'*Armée blanche* par l'*Armée rouge*, le ministre du tsar par le commissaire du peuple, le koulak par l'apparatchik ou le marché par le Gosplan. Ni en faisant brûler, comme le fit Staline, «La Fonction de l'orgasme» et d'autres ouvrages de Wilhelm Reich...

(*) Wilhelm Reich (1897-1957); alemão nascido, americano falecido; médico, psiquiatra, psicanalista; durante algum tempo comunista (1930-1933), expulso; de certa forma, o teórico do marxismo feudal; suas obras foram queimadas tanto pelos nazis como pelos comunistas russos, e pelos americanos em 1956. *(Nota de A.M.)*.

(*) Wilhelm Reich (1897-1957); né allemand, mort américain; médecin, psychiatre, psychanalyste; un temps communiste (1930-1933), exclu; en quelque sorte le théoricien du feudo-marxisme; ses ouvrages furent brûlés tant par les nazis que par les communistes russes, et les américains en 1956. *(Note A.M.)*.

SOBRE A IGUALDADE, O COMUNISMO E INDIVIDUALISMO LIBERTÁRIOS E AS NOSSAS CONCEPÇÕES ORGANIZATIVAS

Passemos agora, o mais rapidamente possível, à problemática igualitária. Como sabemos que não se pode atacar eficazmente o Capital sem se atacar o Estado, do mesmo modo que nos nossos dias não se pode combater eficazmente o Estado sem se combater o Capital, também temos uma teoria radical sobre a igualdade que considerareis possivelmente *«abstracta»*. Começamos, por exemplo, por rechaçar a famosa igualdade diante da lei, única forma de *«igualdade»* que a sociedade burguesa nos permite e até nos impõe. Permite-nos porque bem sabe que, ao substituir a propriedade feudal pela sua forma mais moderna de propriedade (uma baseada na desigualdade jurídica dos vários escalões de súbditos e cortesãos, a outra, na igualdade meramente jurídica dos cidadãos), está muito simplesmente a acautelar os seus interesses e a defendê-los da investida dos seus pares contra os seus títulos de propriedade. E impõe-nos porque também não ignora que essa famigerada *«igualdade»*, além de não nos explicar o que é realmente a lei e quem realmente a faz, consagra apenas o princípio, sobretudo para os desprovidos dos referidos títulos, de que todos devemos comer pela mesma tabela, salvando-se naturalmente os mais hábeis, os que não se deixaram apanhar e os que têm melhores advogados...

A seguir, na minha opinião e em nome da igualdade palpável, também acho que são de rechaçar as vossas ideias sobre o interesse geral, ideias aliás em que secundais muito mais do que o que pensais a ideologia das franjas mais hirsutas da burguesia. Mais uma vez, dou-vos dois exemplos, ainda que um só bastasse e os exemplos não tenham que, forçosamente, ser dados aos pares. Na obra: *«Quando os lobos uivam»*, apreendida pela censura de Salazar, o libertário Aquilino R*ibeiro* conta-nos, baseando-se numa história real, como viviam os camponeses de certas zonas montanhosas das Beiras. Arrancando o magro sustento de ínfimas courelas individuais, esses montanheses completavam essa economia familiar de subsistência com a lenha, caça e outros frutos que iam buscar aos terrenos baldios, às terras comunitárias. Claro está que, embora eu não proponha o caso que estou a descrever muito sumariamente como modelo e menos ainda lhe reconheça uma validade universal, não posso deixar de convir que, ao viverem em autarquia (no sentido original do termo e não no que lhe dá, deturpando-o, a administração local dos nossos dias,

(*) Aquilino Gomes Ribeiro (1885-1963); importante escritor português da primeira metade do século 20; anarquista. *(Nota de A.M.)*

- 8 -

SUR L'ÉGALITÉ, LES COMMUNISME ET INDIVIDUALISME LIBERTAIRE ET NOS CONCEPTIONS ORGANISATIONNELLES

Abordons maintenant, aussi rapidement que possible, le problème égalitaire. Sachant qu'on ne peut attaquer efficacement le Capital sans attaquer l'État, de même qu'on ne peut combattre efficacement l'État sans combattre le Capital, nous proposons une théorie radicale de l'égalité, que vous pourriez qualifier d'*«abstraite»*. Nous commençons, par exemple, par rejeter la fameuse égalité devant la loi, seule forme d'*«égalité»* que la société bourgeoise tolère et nous impose même. Elle la tolère car elle sait pertinemment qu'en substituant la propriété féodale par sa forme de propriété plus moderne (l'une fondée sur l'inégalité juridique des différents rangs de sujets et de courtisans, l'autre sur la simple égalité juridique des citoyens), elle sauvegarde tout simplement ses intérêts et les défend contre les contestations de ses pairs à l'encontre de ses titres de propriété. Et elle nous l'impose car elle reconnaît aussi que cette fameuse *«égalité»*, outre le fait qu'elle n'explique pas ce qu'est réellement la loi et qui la fait réellement, ne fait que consacrer le principe, surtout pour ceux qui ne possèdent pas les qualifications susmentionnées, selon lequel nous devrions tous manger à la même table, en réservant naturellement les plus rusés, ceux qui n'ont pas été pris et ceux qui ont de meilleurs avocats...

Ensuite, à mon avis et au nom d'une égalité tangible, je pense également que vos idées sur l'intérêt général devraient être rejetées, idées dans lesquelles vous soutenez l'idéologie des franges les plus hirsutes de la bourgeoisie bien plus que vous ne le pensez. Je vous donnerai à nouveau deux exemples, bien qu'un seul suffise et qu'il ne soit pas nécessaire de les présenter par paires. Dans son ouvrage: *«Quand hurlent les loups»*, saisi par la censure de Salazar, le libertaire Aquilino Ribeiro nous raconte, d'après une histoire vraie, la vie des paysans de certaines régions montagneuses de Beiras. En tirant de maigres ressources de minuscules parcelles de terre individuelles, ces habitants des montagnes complétaient leur économie de subsistance familiale grâce au bois de chauffage, au gibier et aux autres produits qu'ils ramassaient sur les terrains vagues et les terres communes. Il est clair que, même si je ne propose pas le cas que je décris très brièvement comme un modèle, et encore moins que je reconnais sa validité universelle, je ne peux nier que, vivant en autarcie (au sens originel du terme et non au sens déformé que

(*) Aquilino Gomes Ribeiro (1885-1963); écrivain portugais majeur de la première partie du 20ème siècle; anarchiste. *(Note A.M.)*

com todos os seus pequenos déspotas municipais, administradores corruptos e especuladores), ao gozarem de uma certa autonomia, pois pelo menos estavam longe do poder central e dos circuitos capitalistas dominantes, esses camponeses viviam muito melhor do que o que viveriam a seguir. «*A seguir*», foi quando o *Estado novo* (mamarracho antiquíssimo que, como o *Estado bolchevista*, assumira a sucessão do chamado *Estado liberal* e do seu proverbial «*laissez faire*», «*laissez passer*», ou da autocracia czarista, o que vem a dar substancialmente no mesmo!), colocando o supracitado interesse geral - no que tem de mais vago, abstracto, opressivo e desumanizante - acima dos interesses demasiado corriqueiros da comunidade aldeã, decidiu vedar tudo, florestar a esmo e criar mais um perímetro florestal, no quadro do ordenamento geral e hipotético do território. Deste modo, o que era de alguns (as terras comunitárias), passava a ser idealmente de todos (ou, pelo menos, dos seus representantes), não sobrando nada para ninguém. Espantosa equação!

Deitemos agora uma olhadela a outro caso, também exemplar, mas muito mais amplo, descrito por Voline, Ciliga, Ida Mett e tantos outros. A Rússia sempre fora, se não «*o país mais revoltado do mundo*» (Boris Suvarine), pelo menos o país que conhecera, de 1600 a 1800, quatro grandes insurreições camponesas: as imensas *jacqueries* de Bolotnikov, de Stenka Razine, de Bulavin e de Pugachev. De nada serve idealizá-las, nem aqui vou romanceá-las ou assumir em relação a elas uma atitude romântica; mas, ainda que tais tropismos elementares não visassem a supressão do sistema social por inteiro, porquanto a inteligência dos seus actores ainda não se elevara a esse grau de «*abstracção*», pelo menos atiravam-se ao «*inimigo imediato: a nobreza fundiária, a aristocracia urbana e a administração venal*» (Voline). De tudo isso resultaram, apesar do peso das propriedades do czar, «*o primeiro proprietário*», e da existência dos pomestchiks, os latifundiários, as tradições comunitárias de vida e comunidades reais como a *obchtchina* ou o *artel*, onde vigoravam curiosas regras não escritas como a *krugovaia poruka (a responsabilidade solidária)*. O fenómeno era tão interessante que o populista russo Mikhailovsky perguntava a Marx e Engels, deixando-os completamente embaraçados, se esse fenómeno comunitário do mir não podia ser aproveitado para a edificação socialista futura, permitindo que se saltassem «*etapas*», segundo a expressão dos ciclistas e microcéfalos da escola lenino-stalinista, e sobretudo se evitassem aos povos de todas as Rússias os horrores da proletarização e da acumulação capitalista primitiva.

Ora foi precisamente nessa acumulação (e delapidação) que, em nome do sacrossanto interesse geral, se lançaram comissariocracia e seus subor-

lui donne l'administration locale actuelle, avec tous ses petits despotes municipaux, ses administrateurs corrompus et ses spéculateurs), jouissant d'une certaine autonomie, puisqu'ils étaient au moins loin du pouvoir central et des circuits capitalistes dominants, ces paysans vivaient bien mieux qu'ils ne le feraient plus tard. «*Ensuite*», c'est lorsque l'*Estado novo* (une monstruosité antique qui, comme l'*État bolchevique*, avait assumé la succession du soi-disant *État libéral* et de son proverbial «*laissez-faire*», «*laissez passer*», ou l'autocratie tsariste, ce qui revient essentiellement à la même chose!), plaçant l'intérêt général susmentionné - dans ses aspects les plus vagues, les plus abstraits, les plus oppressifs et les plus déshumanisants - au-dessus des intérêts trop prosaïques de la communauté villageoise, décida de tout clôturer, de reboiser sans discernement et de créer un nouveau périmètre forestier, dans le cadre de la planification territoriale générale et hypothétique. Ainsi, ce qui appartenait à quelques-uns (les terres communes) devenait idéalement la propriété de tous (ou du moins de leurs représentants), ne laissant rien à personne. Une équation étonnante!

Examinons maintenant un autre cas, également exemplaire, mais beaucoup plus vaste, décrit par Voline, Ciliga, Ida Mett et tant d'autres. La Russie avait toujours été, sinon «*le pays le plus rebelle du monde*» (Boris Suvarine), du moins celui qui avait connu, de 1600 à 1800, quatre grandes révoltes paysannes: les immenses jacqueries de Bolotnikov, Stenka Razine, Boulavine et Pougatchev. Il est vain de les idéaliser, et je ne les romancerai pas ici ni n'adopterai une attitude romantique à leur égard; mais, même si ces tropismes élémentaires ne visaient pas la suppression de l'ensemble du système social, puisque l'intelligence de leurs acteurs n'avait pas encore atteint ce degré d'«*abstraction*», ils s'attaquaient du moins à «*l'ennemi immédiat: la noblesse foncière, l'aristocratie urbaine et l'administration corrompue*» (Voline). Malgré le poids des propriétés du tsar, «*le premier propriétaire*», et l'existence des pomeschiks, les propriétaires terriens, tout cela a engendré des traditions de vie communautaires et de véritables communautés telles que l'*obshchina* ou l'*artel*, où prévalaient d'étranges règles non écrites comme la *krugovaia poruka (responsabilité partagée)*. Ce phénomène était si intéressant que le populiste russe Mikhaïlovski demanda à Marx et Engels, les laissant complètement embarrassés, si ce phénomène communautaire du *mir* ne pouvait pas être utilisé pour la construction socialiste future, permettant de sauter des «*étapes*», selon l'expression des cyclistes et des microcéphales de l'école léninо-stalinienne, et surtout, d'épargner aux peuples de toutes les Russies les horreurs de la prolétarisation et de l'accumulation capitaliste primitive.

Or, c'est précisément sur cette accumulation (et ce gaspillage) que se sont jetés, - au nom du sacro-saint intérêt général, - la commissariocra-

dinados, assimilados e apaniguados, piores que a associação de malfeitores do pinhal de Azambuja e prescindindo o mais possível dos prestimosos serviços da burguesia empresarial e financeira; conquanto, por vezes, estivessem dispostos a partilhar o bolo com gente «*decente*» como ela (caso da N.E.P. e muitos outros a seguir), só não indo mais longe porque o capitalismo liberal tinha os seus pruridos e não gostava de tutelas «*revolucionárias*». Quanto aos camponeses e operários, a loiça era outra: não se podia permitir que esses malandros embrutecidos pelo trabalho colocassem os seus mesquinhos interesses particulares acima de tudo; urgia que imolassem todos esses particularismos no altar de um só interesse e vamos lá ver se adivinhais qual ele é... o interesse geral, é claro! E a dinâmica, por assim dizer, era tal que Voline vai ao ponto de narrar o insuportável, que também era, curiosamente, o trivial: fazia um frio de rachar e as pessoas estavam tão aterrorizadas, programadas e condicionadas que, autoreprimindo-se, preferiam morrer enregeladas a ir para os bosques apanhar lenha «*colectiva*»... A iniciativa individual e popular estava morta. Nesse caso, como espantar-se que, em tempos mais recentes e perestroikistas, depois de não terem resolvido durante dezenas de anos de exercício exclusivo do poder um único problema, os vários partidos comunistas, envergonhados com as suas exacções ou escandalizados com a própria inépcia, prefiram até mudar de nome ou entregar o poder à Igreja, como na Polónia, sem que os soldados do Papa tenham que disparar um só tiro? Deve ser mais uma demonstração de estoicismo bolchevista!

Nos dois excelsos exemplos apresentados, em que valores sempre mais altos se alevantavam e os que amam a humanidade abstracta demonstraram que gostam de torturar os homens concretos, como diria Stirner, depreende-se que o «*comunismo*» do *Estado novo* é comparável ao «*comunismo*» do *Estado bolchevista*. Um e outro proclamam, do alto do seu império, que têm interesses gerais a defender e, ao tonitruarem que constituem, respectivamente, a ala direita e a ala esquerda do Estado e do Capital, querem apenas dizer-nos que querem evitar que o sistema ande para aí de pécochinho, ou que tropece e caia.

Pelo contrário, a concepção que os anarquistas têm de um comunismo a que sempre chamaram libertário, e pelo qual sempre maioritariamente se bateram, nada tem que ver com interesses tão superiores e sobranceiros. Como não se sentem investidos de nenhuma missão histórica ou messiânica e há muito se capacitaram que o comunismo libertário é apenas a outra vertente do que chamam o individualismo libertário, - uma vez que o indivíduo é o verdadeiro epicentro das relações sociais desalienadas, meio e fim em si mesmo, sujeito e objecto do devir, o que até a psicologia e a

tie et ses subordonnés, assimilés et affidés (pires encore que l'association de malfaiteurs de la pinède d'Azambuja), tout en se passant autant que possible des services précieux de la bourgeoisie entrepreneuriale et financière; bien qu'ils fussent parfois disposés à partager le gâteau avec des gens «*convenables*» comme elle (comme ce fut le cas pour la NEP et bien d'autres épisodes ultérieurs), ils n'allaient pas plus loin car le capitalisme libéral avait ses réticences et n'appréciait guère les tutelles «*révolutionnaires*». Quant aux paysans et aux ouvriers, c'était une autre paire de manches: on ne pouvait tolérer que ces vauriens, abrutis par le travail, fissent passer leurs mesquins intérêts particuliers avant tout le reste; il fallait de toute urgence qu'ils sacrifient ces particularismes sur l'autel d'un intérêt unique, - et devinez un peu lequel... l'intérêt général, bien entendu! La dynamique, - si l'on peut dire, était telle que Voline va jusqu'à raconter l'insupportable, qui était aussi, curieusement, le banal: il faisait un froid de canard et les gens étaient si terrorisés, programmés et conditionnés qu'ils s'autocensuraient, préférant mourir gelés plutôt que d'aller ramasser du bois «*collectif*» dans les bois... L'initiative individuelle et populaire était morte. Dès lors, comment s'étonner qu'à une époque plus récente, celle de la perestroïka, après n'avoir résolu le moindre problème en des décennies d'exercice exclusif du pouvoir, les divers partis communistes, - honteux de leurs exactions ou scandalisés par leur propre incompétence, - préfèrent changer de nom ou céder le pouvoir à l'Église, comme en Pologne, sans que les soldats du Pape n'aient à tirer un seul coup de feu? Ce doit être là une nouvelle démonstration de stoïcisme bolchevique!

Des deux exemples éminents présentés, - où s'élevaient des valeurs toujours plus hautes et où ceux qui aiment l'humanité abstraite ont démontré qu'ils aiment torturer les hommes concrets, comme le dirait Stirner, - il ressort que le «*communisme*» de l'*Estado novo* est comparable au «*communisme*» de l'*État bolchevique*. L'un comme l'autre proclament, du haut de leur empire, qu'ils ont des intérêts généraux à défendre; et lorsqu'ils tonnent pour affirmer qu'ils constituent, respectivement, l'aile droite et l'aile gauche de l'État et du Capital, ils veulent simplement nous dire qu'ils cherchent à éviter que le système ne boite ou qu'il ne trébuche et ne s'effondre.

En revanche, la conception qu'ont les anarchistes d'un communisme, - qu'ils ont toujours qualifié de libertaire et pour lequel ils se sont majoritairement battus, - n'a rien à voir avec de tels intérêts supérieurs et hautains. Comme ils ne se sentent investis d'aucune mission historique ou messianique et qu'ils ont depuis longtemps compris que le communisme libertaire n'est que l'autre versant de ce qu'ils appellent l'individualisme libertaire, - l'individu étant le véritable épicentre des relations sociales désaliénées, à la fois moyen et fin en soi, sujet et objet du devenir, ce que confirment même

psicanálise nos confirmam (não me refiro, evidentemente, aos profissionais do divan, da lobotomia ou da lavagem ao cérebro, dos testes psicotécnicos ou dos quocientes de minteligência), - acham que só se pode ser plenamente comunista, se se for plenamente individualista. Além disso, desconfiam de qualquer esquema uniforme e totalizante. Ainda que achem belo e operacional o velho lema *«de cada um segundo as suas capacidades e a cada um segundo as suas necessidades»*, o que leva apenas a que cada indivíduo (por definição, diferente do vizinho e fora de qualquer espírito competitivo) dê o que pode e receba aquilo de que necessita, abstraindo de qualquer contabilidade mesquinha e de qualquer proporcionalidade; acham também que é com o barro grosseiro de aqui e de agora, com o bípede convencido e invariante, que tem que se agir. Assim, desde que se evite o escolho do salariato e se impeça que qualquer pessoa ponha na prática alguém a trabalhar por conta de outrem, têm uma filosofia igualitária, mas não uniformizante, que lhes permite concluir que, consoante as comunidades e as regiões, a propriedade, que, dentro do sistema, é apenas um regime, pode e deve revestir várias formas perfeitamente susceptíveis de evolução, fungíveis e reversíveis: individualista, cooperativa, conselhista, colectivista, comunalista ou comunista. É que os anarquistas, seguindo na peugada de Kropotkine e Élisée Reclus, que foram grandes geógrafos, aliam ao conhecimento histórico e a uma memória fresca, uma teoria espacial do anarquismo. Como qualquer ser semovente, sentiram debaixo dos pés uma Terra que não é chata nem plana, mas cheia de acidentes e redonda. Dentro dessa óptica, compreenderam a realidade e a necessidade do pluralismo. Um pluralismo, bem entendido, que nada tem que ver com o esquema pluripartidário de vários partidos políticos tirados a papel químico, nem com a pluralidade das posições sociais, isto é, com o facto de uns estarem na mó de cima, outros na mó de baixo e outros ainda nas classes médias. Um pluralismo, com certeza, que, neutralizados os Estados e o capitalismo, apenas consistiria na pluralidade de opiniões e de formações sociais equivalentes, disseminadas no espaço geográfico.

Dando uma breve achega histórica ao termo comunista, talvez venha a talho de foice lembrar que:

1- Na época da *Associação internacional de Trabalhadores*, também conhecida por *Primeira Internacional* (fundada, oficialmente, em Londres, em 1864, mas tendo o 1.° Congresso Geral, em 1866, em Genebra), Karl Marx, Friedrich Engels e os seus adeptos alemães intitulavam-se comunistas; enquanto os anarquistas (Bakunine, James Guillaume, etc...), com quem estavam a maioria das secções e federações (a espanhola, a italiana, a francesa, a suíça do Jura, etc...), se intitulavam apenas so-

la psychologie et la psychanalyse (je ne parle pas, évidemment, des professionnels du divan, de la lobotomie ou du lavage de cerveau, des tests psychotechniques ou des quotients intellectuels), - ils estiment que l'on ne peut être pleinement communiste qu'en étant pleinement individualiste. De plus, ils se méfient de tout schéma uniforme et totalisant. Tout en trouvant belle et opérationnelle la vieille devise *«de chacun selon ses capacités, à chacun selon ses besoins»*, - qui implique simplement que chaque individu (par définition différent de son voisin et étranger à tout esprit de compétition) donne ce qu'il peut et reçoive ce dont il a besoin, sans s'encombrer de comptabilité mesquine ni de proportionnalité, - ils estiment aussi qu'il faut agir avec la matière première du *«ici et maintenant»*, avec ce bipède convaincu et immuable. Ainsi, pour peu que l'on évite l'écueil du salariat et que l'on empêche quiconque de faire travailler autrui pour son propre compte, ils adoptent une philosophie égalitaire mais non uniformisante; celle-ci leur permet de conclure que, selon les communautés et les régions, la propriété, - qui, au sein du système, n'est qu'un régime, - peut et doit revêtir diverses formes parfaitement susceptibles d'évoluer, d'être interchangeables ou réversibles: individualiste, coopérative, conseilliste, collectiviste, communaliste ou communiste. C'est que les anarchistes, dans le sillage de Kropotkine et d'Élisée Reclus, - tous deux grands géographes, - conjuguent connaissances historiques et mémoire vive avec une théorie spatiale de l'anarchisme. En tant qu'êtres capables de se mouvoir, ils ont senti sous leurs pieds une Terre qui n'est ni plate ni lisse, mais ronde et accidentée. Dans cette optique, ils ont compris la réalité et la nécessité du pluralisme. Un pluralisme, bien entendu, qui n'a rien à voir avec le schéma du multipartisme, - ces partis politiques calqués les uns sur les autres, - ni avec la pluralité des positions sociales, c'est-à-dire le fait que certains occupent le haut du pavé, d'autres le bas de l'échelle, tandis que d'autres encore appartiennent aux classes moyennes. Un pluralisme, certes, qui, - une fois neutralisés les États et le capitalisme, - consisterait uniquement en une pluralité d'opinions et de formations sociales équivalentes, disséminées dans l'espace géographique.

Pour apporter un bref éclairage historique sur le terme *«communiste»*, il convient peut-être de rappeler que:

1- À l'époque de l'*Association internationale des Travailleurs*, également connue sous le nom de *Première Internationale* (fondée officiellement à Londres en 1864, mais dont le premier congrès général eut lieu à Genève en 1866), Karl Marx, Friedrich Engels et leurs partisans allemands se qualifiaient de communistes, tandis que les anarchistes (Bakounine, James Guillaume, etc...), - auxquels se ralliaient la majorité des sections et fédérations (espagnole, italienne, française, suisse du Jura, etc...), - se disaient simplement socialistes

cialistas antiautoritários, libertários ou socialistas revolucionários. Em vez de comunistas e por oposição ao comunismo autoritário do pacato e burguês dr. MARX, os anarquistas preferiam dizer-se também colectivistas. É que já então fazia furor a famosa polémica: organização centralizada ou federação livre? Participação nas lutas eleitorais ou abstenção activa? Parlamentarismo ou acção directa e propaganda pelo acto? *Ditadura do proletariado* e *Estado popular* ou livre federação das comunas? Pontificando no *Conselho geral* londrino e com o proverbial mau carácter, MARX, ao ver que o controle das federações lhe escapava totalmente, não hesitava diante das manobras mais desleais e das acusações mais caluniosas: cozinhava maiorias fictícias, queria que o *Conselho geral* fosse algo mais do que um simples telefone da associação, multiplicava as exclusões, acusava BAKUNINE, - evadido das cadeias czaristas, - de ser um agente da polícia russa e, pensando desferir um golpe mortal na organização, transferia nominalmente a sua sede para os Estados-unidos. Claro que, sem lhe pedirem autorização, as federações rebeldes continuaram a reunir-se normalmente... (James GUILLAUME, «*A Internacional - Documentos e recordações*»).

2- Durante a vigência da *Segunda Internacional*, formalmente criada em 1889 e da qual todos os anarquistas são logo excluídos, sendo até alguns molestados e maltratados fisicamente no congresso constitutivo e chegando-se a proibir-lhes o acesso à tribuna, dá-se uma previsível inversão das designações: os marxistas e seus aliados reformistas e possibilistas começam a rotular-se colectivistas, socialistas e sociais-democratas; enquanto os anarquistas (MALATESTA, KROPOTKINE) inscrevem no seu programa a realização completa e sem ambiguidades do comunismo libertário. Insistiam no adjectivo porque, embora soubessem que o comunismo autêntico nada tem que ver com o delírio autocrático, não queriam ser confundidos com os raros sobreviventes do comunismo autoritário de matriz marxista. E durante largos anos foram os únicos a brandir o «estandarte» do comunismo. É que os sociais-democratas, - como o velho Engels (cada vez mais achacado e reformista), o ortodoxo KAUTSKY (que então ainda não era «*renegado*», como mais tarde dirá LÉNINE) e o revisionista BERNSTEIN (que será uma espécie de executor testamentário de ENGELS), - não podiam assustar as massas nem as massinhas e, menos ainda, acagaçar o eleitorado. Com o espírito «*tolerante*» que os caracterizava (e continua a animar socialistas e sociais-democratas dos nossos dias), faziam logo do nado-morto dessa *Internacional* a negação prática do genuíno espírito internacionalista, transformando-a num clube privado, em que os chefes mandavam em tudo e traçavam a régua e esquadro as tácticas e estratégias politiqueiras, e a colossal social-democracia alemã, qual filho primogénito e representante do nacionalismo mais forte, dava cartas e marcava pontos.

antiautoritaires, libertaires ou socialistes révolutionnaires. Plutôt que «*communistes*», et par opposition au communisme autoritaire du très bourgeois et paisible Dr MARX, les anarchistes préféraient se définir comme collectivistes. C'est qu'à l'époque, la célèbre polémique faisait rage: organisation centralisée ou fédération libre? Participation aux luttes électorales ou abstention active? Parlementarisme ou action directe et propagande par le fait? *Dictature du prolétariat* et *État populaire* ou libre fédération des communes? Pontifiant au sein du Conseil général de Londres et fort de son mauvais caractère légendaire, MARX, voyant le contrôle des fédérations lui échapper totalement, ne reculait ni devant les manœuvres les plus déloyales ni devant les accusations les plus calomnieuses: il fabriquait des majorités fictives, voulait que le *Conseil général* fût bien plus qu'un simple organe de liaison de l'association, multipliait les exclusions, accusait Bakounine, - évadé des geôles tsaristes, - d'être un agent de la police russe et, croyant porter un coup fatal à l'organisation, en transférait nominalement le siège aux États-unis. Bien entendu, sans demander d'autorisation, les fédérations rebelles continuèrent à se réunir normalement... (James GUILLAUME, «*L'Internationale - Documents et souvenirs*»).

2-Durant la période d'activité de la *Deuxième Internationale*, - officiellement créée en 1889 et dont tous les anarchistes sont aussitôt exclus, certains étant même molestés et brutalisés physiquement lors du congrès constitutif, voire privés d'accès à la tribune, - on assiste à une inversion prévisible des étiquettes: les marxistes ainsi que leurs alliés réformistes et possibilistes commencent à se qualifier de collectivistes, de socialistes et de sociaux-démocrates, tandis que les anarchistes (MALATESTA, KROPOTKINE) inscrivent à leur programme la réalisation intégrale et sans ambiguïté du communisme libertaire. Ils tenaient à cet adjectif car, tout en sachant que le communisme authentique n'a rien à voir avec le délire autocratique, ils ne voulaient pas être confondus avec les rares survivants du communisme autoritaire d'obédience marxiste. Et, durant de longues années, ils furent les seuls à brandir l'«*étendard*» du communisme. C'est que les sociaux-démocrates, - tels le vieux ENGELS (de plus en plus souffrant et réformiste), l'orthodoxe KAUTSKY (qui n'était pas encore le «*renégat*» que LÉNINE dénoncera plus tard) et le révisionniste BERNSTEIN (qui agira en quelque sorte comme l'exécuteur testamentaire d'ENGELS), - ne pouvaient ni effrayer les masses (ni les «*petites masses*») ni, moins encore, intimider l'électorat. Fidèles à cet esprit «*tolérant*» qui les caractérisait (et qui continue d'animer les socialistes et sociaux-démocrates d'aujourd'hui), ils firent aussitôt de l'avortement de cette *Internationale* la négation pratique du véritable esprit internationaliste, la transformant en un club privé où les chefs régissaient tout et définissaient, à la règle et à l'équerre, des tactiques et stratégies politiciennes, tandis que la colossale social-démocratie allemande, - tel un fils aîné incarnant le nationalisme le plus puissant, - menait le jeu et marquait des points.

3- Com o advento da *Terceira Internacional* (criada à volta de 1918-1919, se incluirmos as discussões preliminares), Lénine, que entrementes mudara a etiqueta do seu partido de *social-democrata maioritário* ou *bolchevista* para *comunista*, decidiu abrir sucursais em todo o mundo, negando à sua maneira o já referido espírito internacionalista. Obedecendo mais uma vez ao seu velho oportunismo táctico, aproveitava-se do descrédito em que a *Segunda Internacional* caíra, inclusive pela sua participação na guerra de 14-18, e achava que todos os discípulos de Marx deviam voltar a chamar-se comunistas. Reafirmava-se campeão da unidade monolítica, como é de bom tom e apanágio de todos os «*comunistas*», mas queria abrir cisões em todos os partidos socialistas, e se possível enganar com a nova designação alguns anarco-sindicalistas incautos e de entusiasmos fáceis, reservando para si e seus asseclas a parte do leão.

4- A História é, porém, fértil em sarcasmos. Depois do falhanço da derrapagem controlada em que a «*perestroika*» e a «*glasnost*» queriam consistir, os comunistas autoritários querem voltar de novo à forma primeira, sentindo que, pela parte que lhes toca, nunca foram efectivamente comunistas e que, para eles, é tudo uma questão de rótulos. Com efeito, em que país que escravizaram e sugaram durante décadas, fizeram alguma vez alguma distribuição de bens, segundo o princípio elementarmente comunista «*a cada um segundo as suas necessidades*»? E em que sítio alguma vez praticaram a norma justiceira «*a terra a quem a trabalha*», ou «*a mina aos mineiros*», de resto de inspiração anarco-sindicahsta, a não ser como um slogan? Por isso mesmo, ante a debandada geral, em que, por exemplo, os partidos comunistas do leste europeu voltaram a autodenominar-se *socialistas* e o *partido comunista italiano* escolheu o apelido tão giro de «*partido democrático de esquerda*»; não deixa de ser saboroso que os anarquistas, sem qualquer complexo de culpa, já que não se lhes pode assacar ou endossar crimes que não cometeram, continuem a insistir na sua vertente comunista libertária. É que não são como os vigaristas, não precisam de se esconder sob nome falso, nem de seguir modas, substituindo a foice e o martelo pelo *Black and Decker*...

Mas a nossa concepção de igualdade não se esgota aqui. Também a praticamos neste preciso momento no seio das nossas organizações: do grupo de afinidade à federação de grupos, do sindicato anarco-sindicalista à confederação, do comité de fábrica ao soviete, banindo todo o tipo de relações não simétricas ou não horizontais entre nós. Demasiado bem o sentimos na carne, no nosso contacto quotidiano com o mundo exterior: só homens iguais (e livres), fora de qualquer estrutura hierárquica e de qualquer relação de comando-obediência,

3- Avec l'avènement de la *Troisième Internationale* (créée vers 1918-1919, si l'on inclut les discussions préliminaires), Lénine, - qui avait entretemps changé l'étiquette de son parti, passant de «*social-démocrate majoritaire*» ou «*bolchevique*» à «*communiste*», - décida d'ouvrir des succursales dans le monde entier, niant à sa manière l'esprit internationaliste susmentionné. Obéissant une fois de plus à son vieil opportunisme tactique, il tirait parti du discrédit dans lequel était tombée la *Deuxième Internationale,* notamment en raison de sa participation à la guerre de 14-18, et estimait que tous les disciples de Marx devaient à nouveau se dire communistes. Il se posait en champion de l'unité monolithique, - comme il est d'usage et propre à tous les «*communistes*», - tout en cherchant à provoquer des scissions au sein de tous les partis socialistes et, si possible, à tromper grâce à cette nouvelle appellation quelques anarcho-syndicalistes imprudents et prompts à l'enthousiasme, tout en se réservant, à lui et à ses acolytes, la part du lion.

4- L'histoire est toutefois fertile en sarcasmes. Après l'échec de ce dérapage contrôlé que devaient constituer la «*perestroïka*» et la «*glasnost*», les communistes autoritaires veulent revenir à la forme initiale, sentant bien que, pour leur part, ils n'ont jamais été réellement communistes et que tout n'est pour eux qu'une question d'étiquettes. En effet, dans quel pays qu'ils ont asservi et saigné à blanc pendant des décennies ont-ils jamais procédé à une quelconque répartition des biens selon le principe élémentaire du communisme: «*à chacun selon ses besoins*»? Et où ont-ils jamais mis en pratique la règle de justice «*la terre à ceux qui la travaillent*» ou «*la mine aux mineurs*», - d'inspiration anarcho-syndicaliste, au demeurant, - autrement que sous forme de slogan? C'est précisément pour cela que, face à la débandade générale, - où, par exemple, les partis communistes d'Europe de l'Est ont repris l'appellation de «*socialistes*» et où le *Parti communiste italien* a choisi le nom plutôt joli de «*Parti démocratique de gauche*», - il est réjouissant de voir les anarchistes continuer à revendiquer leur courant communiste libertaire, sans le moindre complexe de culpabilité, puisqu'on ne saurait leur imputer des crimes qu'ils n'ont pas commis. Ils ne sont pas des imposteurs: ils n'ont nul besoin de se cacher sous un faux nom ni de suivre les modes en remplaçant la faucille et le marteau par une perceuse *Black & Decker*...

Mais notre conception de l'égalité ne s'arrête pas là. Nous la pratiquons aussi, à l'instant même, au sein de nos organisations: du groupe d'affinité à la fédération de groupes, du syndicat anarcho-syndicaliste à la confédération, du comité d'usine au soviet, en bannissant toute relation asymétrique ou non horizontale entre nous. Nous en faisons l'expérience concrète dans nos rapports quotidiens avec le monde extérieur: seuls des individus égaux (et libres), affranchis de toute structure hiérarchique et de tout rapport de commandement à obéissance,

podem ser responsáveis; caso contrário, cai-se na consabida irresponsabilidade dos criminosos de guerra que apenas executavam ordens de que até discordavam, vindas lá muito de cima. Não vamos, portanto, na fita da dicotomia entre organizadores e organizados, controleiros e executantes, postos emissores e postos receptores. Não reproduzimos entre nós aquilo que combatemos no exterior; queremos, pelo contrário, projectar para o exterior aquilo que já vigora entre nós. E as nossas organizações reflectem precisamente essa dinâmica: não são coletes de forças feitos por quem organiza e para quem se deixa organizar. São auto-orqanizações.

É tão verdade o que acima é dito sobre a nossa filosofia associativa, que até organizações nossas como os sindicatos de tipo anarco-sindicalista (que nada têm em comum com a actual polícia do trabalho e sua gestão do tal «*capital mais precioso*», baseada no compromisso permanente e na manipulação da miséria assalariada) aplicaram os nossos princípios; apesar das dificuldades inerentes a associações muito mais numerosas do que o simples grupo específico de afinidade (a C.N.T. espanhola, por exemplo, chegou a ter cerca de dois milhões de adenintes, durante a guerra civil) e não constituídas apenas por anarquistas. Conseguiram evitar, não obstante, os escolhos da burocratização e não tinham funcionários permanentes nem dirigentes estipendiados e inamovíveis. Tinham presentes as advertências que, entre outros, Luigi Fabbri fizera: «*Anarquistas somos e continuamos a sê-lo como antes, com as nossas vastas e complexas finalidades, com os nossos métodos de luta individual e colectiva pela revolução, sem exceptuarmos nenhum. Aceitamos o sindicalismo como um método de luta e de ginástica revolucionária do proletariado, meio conducente à revolução expro-priadora, não em si mesmo um fim. Mas o fim não deve fazer-nos descurar um dos melhores meios, como o meio não deve fazer-nos descurar, por excelente que seja, nem os restantes meios igualmente úteis, nem o objectivo final: a anarquia*» («*Sindicalismo e anarquia*»). Ou Malatesta, na sua celebérrima polémica com Pierre Monatte, em 1907, em Amsterdão, em pleno *Congresso anarquista internacional*: «*Que a acção sindical comporta perigos, isso é o que urge nem sequer sonharmos em negar. O maior desses perigos reside, certamente, na aceitação, por parte do militante, de funções sindicais, sobretudo quando estas forem remuneradas.* [...] *O funcionário constitui, dentro do movimento operário, um perigo que só ao parlamentarismo é comparável: um e outro levam à corrupção e da corrupção à morte não vai uma grande distância.* [...] *Eu deplorava outrora que os companheiros se isolassem do movimento operário. Hoje deploro que muitos de nós, caindo no excesso contrário, se deixem absorver por esse mesmo movimento. Re-*

peuvent être responsables; autrement, on tombe dans l'irresponsabilité bien connue des criminels de guerre qui se contentaient d'exécuter, - des ordres venus d'en haut, - parfois même en désaccord avec eux. Nous ne tombons donc pas dans le piège de la dichotomie entre organisateurs et organisés, entre ceux qui contrôlent et ceux qui exécutent, entre émetteurs et récepteurs. Nous ne reproduisons pas en notre sein ce que nous combattons à l'extérieur; nous voulons, au contraire, projeter vers l'extérieur ce qui prévaut déjà parmi nous. Nos organisations reflètent précisément cette dynamique: ce ne sont pas des carcans conçus par des organisateurs pour ceux qui se laissent organiser. Ce sont des formes d'auto-organisation.

Ce qui a été dit plus haut au sujet de notre philosophie associative est si vrai que même certaines de nos organisations, comme les syndicats d'obédience anarcho-syndicaliste (qui n'ont rien à voir avec la police du travail actuelle et sa gestion de ce «*capital le plus précieux*», fondée sur le compromis permanent et la manipulation de la misère salariée), ont appliqué nos principes; et ce, malgré les difficultés inhérentes à des associations bien plus vastes que le simple groupe d'affinité (la C.N.T. espagnole, par exemple, a compté jusqu'à près de deux millions d'adhérents pendant la guerre civile) et qui n'étaient pas composées uniquement d'anarchistes. Elles ont néanmoins su éviter les écueils de la bureaucratisation et ne disposaient ni de permanents ni de dirigeants salariés inamovibles. Elles gardaient à l'esprit les avertissements formulés, entre autres, par Luigi Fabbri: «*Nous sommes anarchistes et continuons de l'être comme par le passé, avec nos objectifs vastes et complexes, avec nos méthodes de lutte individuelle et collective pour la révolution, sans en exclure aucune. Nous acceptons le syndicalisme comme une méthode de lutte et d'exercice révolutionnaire pour le prolétariat, un moyen menant à la révolution expropriatrice, et non comme une fin en soi. Mais la finalité ne doit pas nous faire négliger l'un des meilleurs moyens, tout comme le moyen, - aussi excellent soit-il, -ne doit nous faire négliger ni les autres moyens tout aussi utiles, ni l'objectif ultime: l'anarchie*» («*Syndicalisme et anarchie*»). Ou encore Malatesta, lors de sa célèbre polémique avec Pierre Monatte en 1907 à Amsterdam, en plein *Congrès anarchiste international*: «*Que l'action syndicale comporte des risques, il ne viendrait à l'idée de personne de le nier. Le plus grand de ces risques réside assurément dans l'acceptation, par le militant, de fonctions syndicales, surtout lorsqu'elles sont rémunérées.* [...] *Le fonctionnaire représente, au sein du mouvement ouvrier, un danger comparable seulement au parlementarisme: l'un comme l'autre mènent à la corruption, et de la corruption à la mort, il n'y a qu'un pas.* [...] *Je déplorais autrefois que les compagnons s'isolent du mouvement ouvrier. Aujourd'hui, je déplore que beaucoup d'entre nous, tombant dans l'excès inverse, se laissent absorber par ce même mouvement. Je répète une fois de*

pito uma vez mais que a organização operária, a greve, a greve geral, a acção directa, o boicote, a sabotagem e a própria insurreição armada não são mais que meios. A anarquia é o fim».

De idêntico modo e no que mais directamente respeita à chamada teoria económica ou à sua crítica, também não é fruto do acaso que o substracto igualitário esteja sempre explícita ou implicitamente presente na reflexão acrata, não sendo culpa nossa que o proletário auto-didacta PROUDHON tenha abordado a temática da mais-valia muito antes de MARX e tenha escrito *«O que é a propriedade?»* (1840) vinte sete anos antes de MARX publicar o livro primeiro de *«O capital»* (1867). Com uma diferença grande, no entanto: enquanto MARX precisava de certa teoria do valor como ponto de partida, teoria que mais tarde KROPOTKINE considerará um simples acto de fé, sem qualquer base científica; PROUDHON não precisará da mesma ou não da mesma forma para chegar à mais-valia, bastando-lhe partir do fenómeno da exploração das forças coiectivas, as quais produzem muito mais do que a simples adição das forças individuais em que se decompõem, havendo contudo nos dois casos exactamente a mesma retribuição. Diz PROUDHON: *«Duzentos granadeiros levantaram nalgumas horas o obelisco de Lucsor sobre a base; supõe-se que um só homem, em duzentos dias, teria chegado ao termo do trabalho? No entanto, segundo as contas do capitalista, a soma dos salários teria sido a mesma»*. E quando PROUDHON o dizia, não precisava de utilizar a linguagem rebarbativa, abstracta e metafísica do autor da pouco original e repetitiva compilação denominada *«Das Kapital»*. Sobre essa linguagem, dirá ainda KROPOTKINE: *«As incursões de MARX no domínio da expressão quantitativa e das fórmulas algébricas são ridículas. Demonstram a sua incompetência total para pensar concretamente e quantitativamente. Ri muito com N. TSINGER* **(*)** *sobre as fórmulas que Marx desenvolvia, sem mesmo se aperceber do ridículo em que cairia, aos olhos dos matemáticos habituados à ideia das unidades de medida»* (Suplemento às *«Memórias de um revolucionário»*). Mas, fazendo tábua rasa desse estilo sabichão e dessa linguagem pedante, já começam a aparecer marxistas que, na esteira de GUÉRIN **(**)**e olhando apenas para certa problemática abordada, começam a murmurar que, sem PROUDHON, MARX não teria sido possível, bem como a silenciar o velho epíteto acrítico e quase maquinal de *«pequeno burguês»*.

plus que l'organisation ouvrière, la grève, la grève générale, l'action directe, le boycott, le sabotage et l'insurrection armée elle-même ne sont que des moyens. L'anarchie est le but».

De même, et pour ce qui touche plus directement à la théorie économique proprement dite ou à sa critique, ce n'est pas non plus le fruit du hasard si le substrat égalitaire est toujours présent, explicitement ou implicitement, dans la réflexion libertaire; et ce n'est pas notre faute si le prolétaire autodidacte PROUDHON a abordé le thème de la plus-value bien avant MARX et a écrit *«Qu'est-ce que la propriété?»* (1840) vingt-sept ans avant que MARX ne publie le premier livre du *«Capital»* (1867). Avec une différence majeure, toutefois: alors que MARX avait besoin d'une certaine théorie de la valeur comme point de départ, - théorie que KROPOTKINE considérera plus tard comme un simple acte de foi, dépourvu de toute base scientifique, - PROUDHON n'en avait pas besoin, du moins pas de la même manière, pour parvenir au concept de plus-value; il lui suffisait de partir du phénomène de l'exploitation des forces collectives, lesquelles produisent bien plus que la simple addition des forces individuelles dont elles sont composées, alors même que, dans les deux cas, la rétribution est exactement la même. PROUDHON déclare: *«Deux cents grenadiers ont dressé l'obélisque de Louxor sur son socle en quelques heures; peut-on supposer qu'un seul homme, en deux cents jours, serait venu à bout de ce travail? Toutefois, selon les calculs du capitaliste, la somme des salaires aurait été la même»*. Et lorsqu'il affirmait cela, PROUDHON n'avait nul besoin d'employer le langage rébarbatif, abstrait et métaphysique de l'auteur de cette compilation peu originale et répétitive intitulée *«Das Kapital»*. À propos de ce langage, KROPOTKINE dira d'ailleurs: *«Les incursions de MARX dans le domaine de l'expression quantitative et des formules algébriques sont ridicules. Elles démontrent son incompétence totale à penser de manière concrète et quantitative. J'ai beaucoup ri avec N. TSINGER* **(*)** *des formules que MARX élaborait, sans même se rendre compte du ridicule dans lequel il tombait aux yeux des mathématiciens habitués à la notion d'unités de mesure»* (Supplément aux *Mémoires d'un révolutionnaire*). Mais, faisant abstraction de ce style pédant et de ce langage prétentieux, on voit déjà apparaître des marxistes qui, dans le sillage de GUÉRIN **(**)** et en se concentrant uniquement sur certaines problématiques abordées, commencent à murmurer que MARX n'aurait pas été possible sans PROUDHON, tout en cessant d'employer la vieille étiquette acritique et quasi machinale de *«petit-bourgeois»*.

(*) Provavelmente: Nikolai Vasilyevich TSINGER, ou ZINGER (1866-1923); botânico russo de ascendência alemã, briologista; professor; autor de obras sobre agricultura e silvicultura. *(Segundo: https://fr.wiki7.org). (Nota de A.M.).*

(**) Daniel GUÉRIN (1904-1988); escritor francês marxista que se considerava libertário. *(Nota de A.M.).*

(*) Vraisemblablement: Nikolai Vasilyevich TSINGER, ou ZINGER (1866-1923); botaniste russe d'ascendance allemande, bryologiste; professeur; traite de l'agriculture et de la sylviculture. *(Selon: https://fr.wiki7.org). (Note A.M.).*

(*) Daniel GUÉRIN (1904-1988); écrivain français marxiste ui se voulait libertaire. *(Note A.M.).*

Também não é culpa nossa que KROPOTKINE tenha escrito «*O salariato*», capítulo de «*A conquista do pão*», falando como um comunista libertário da sua abolição e pondo a nu a mola real da exploração capitalista, ao mesmo tempo que tinha na linha de mira os artifícios dos já citados colectivistas, isto é, dos marxistas do seu tempo; os quais, muito ufanos e todos pimpões, querendo manter certas desigualdades antigas e criar novas desigualdades, falavam capciosamente de «*salários justos*», de «*salários colectivistas*» e de outras aberrações caucionadas pela teoria do valor e pelos seus falazes e impossíveis instrumentos de medida.

Como se vê, com estas bases teóricas e uma prática coerente e conforme, só podíamos mesmo ser partidários inequívocos da igualdade!

Quanto ao gosto ou paixão muito moralizantezinha que teríamos pela utopia e à nossa pretensa incapacidade ou falta de jeiteira para indicar ao rebanho perdido ou tresmalhado a saída desta Bastilha burguesa, só me resta tentar contestar esses dois derradeiros pontos que, pelo simples enunciado se vê, ao fim e ao cabo, valem por três: o problema moral, a questão utópica e o problema da chamada fase de transição.

Ce n'est pas non plus de notre faute si KROPOTKINE a écrit «*Le Salariat*», - chapitre de «*La Conquête du pain*», - en prônant, en tant que communiste libertaire, l'abolition de ce système et en mettant à nu le ressort véritable de l'exploitation capitaliste, tout en prenant pour cible les artifices des collectivistes susmentionnés, - c'est-à-dire les marxistes de son époque; ceux-ci, tout fiers et imbus d'eux-mêmes, désireux de maintenir certaines inégalités anciennes et d'en créer de nouvelles, parlaient de manière fallacieuse de «*salaires justes*», de «*salaires collectivistes*» et d'autres aberrations cautionnées par la théorie de la valeur ainsi que par ses instruments de mesure aussi fallacieux qu'impossibles.

Comme on le voit, avec de telles bases théoriques et une pratique cohérente et conforme, nous ne pouvions qu'être des partisans résolus de l'égalité!

Quant au goût, - ou à cette passion aux relents moralisateurs, - que l'on nous prête pour l'utopie, ainsi qu'à notre prétendue incapacité ou maladresse à indiquer au troupeau égaré ou dispersé la sortie de cette Bastille bourgeoise, il ne me reste qu'à contester ces deux derniers points qui, à y regarder de plus près, en valent en réalité trois: le problème moral, la question de l'utopie et le problème de ladite phase de transition.

SOBRE A ÉTICA

É verdade, temos uma ética, não somos de modo algum desprovidos daquilo que, para certos cínicos e mundanos de pacotilha ou de salão, é uma fraqueza, mas para nós constitui uma força muito especial. Na conformidade, a amoralidade que certos peralvilhos andam por aí a alardear, no intuito fútil ou pueril de chocar o burguês ou quem de direito, é uma pura aberração. Pois se até alguns casos-limite como os de SACHER MASOCH ou do marquês de SADE provam que estes, em última instância, tinham uma ética, a que os mais destacados autores da escola de Francoforte ou *«teoria crítica da sociedade»* chamariam *«moral sexual»* (REICH); é de certeza porque o homem é aquilo a que podemos chamar um animal moral, a despeito da influência deletéria da sociedade autoritária e capitalista... E já que de animais estamos a falar, também está cientificamente provado que os bichos têm a sua ética e não desconhecem a entreajuda (KROPOTKINE, *«O apoio mútuo»*), não podendo nenhuma espécie sobreviver, se só houvesse competição e cada indivíduo fosse o lobo do outro. Diz-nos ainda a ciência moderna, conquanto a fronteira entre o que se convencionou chamar o Bem e o Mal seja movediça (inclusive dentro de cada um de nós), tenha sido mistificada pelas religiões e haja que introduzir uma boa dose de relativismo dentro de tudo isso, que as tendências *abelistas* **(***)** são muito mais profundas do que as inclinações *caínicas* **(****)** e que a tirania, se bem que aparentemente aceite pela servidão voluntária e pelos mecanismos de recalcamento, interiorização e sublimação autorepressiva, não matou o desafio de Prometeu...

A nossa ética, claro está, não é a do sacrifício estúpido e a da falta de alegria de viver, tristes predicados da moral judaico-cristã, nem tem qualquer parentesco com a de quantos dormiram na cama da religião, como diria STIRNER. É o produto duma longa introspecção, convivência e emancipação men-

(*) Leopold von SACHER-MASOCH (1836–1895): Escritor austríaco, cujo apelido deu origem à palavra *«masoquismo». (Nota A.M.).*

(**) Donatien de SADE (1740–1814): Escritor francês e criminoso sexual, cujo apelido deu origem à palavra *«sadismo». (Nota A.M.)*

(***) O capacitismo é um sistema de valores sociais que considera a pessoa considerada *«apta»*, sem deficiência, como a norma social. *(Nota A.M. de acordo com a Wikipédia).*

(****) Provavelmente uma alusão à figura mítica de Caim, que é considerado o primeiro indivíduo a nascer na Terra e, além disso, o primeiro assassino (do seu irmão Abel). *(Nota A.M.).*

SUR L'ÉTHIQUE

Il est vrai que nous avons une éthique; nous ne sommes nullement dépourvus de ce qui, pour certains cyniques et mondains de pacotille ou de salon, est une faiblesse, mais qui constitue pour nous une force toute particulière. Par conséquent, l'amoralité que certains dandys affichent ostensiblement, dans la vaine ou puérile tentative de choquer la bourgeoisie ou les autorités, est une pure aberration. Car même des cas extrêmes comme ceux de SACHER-MASOCH **(*)** ou du Marquis de SADE **(**)** prouvent qu'ils possédaient, en fin de compte, une éthique, que les auteurs les plus éminents de l'École de Francfort ou de la *«théorie critique de la société»* appelleraient *«morale sexuelle»* (REICH). C'est assurément parce que l'homme est ce que l'on pourrait appeler un animal moral, malgré l'influence néfaste des sociétés autoritaires et capitalistes… Et puisqu'il s'agit d'animaux, il est également scientifiquement prouvé qu'ils possèdent leur propre éthique et sont conscients de l'entraide (KROPOTKINE, *«L'Entraide»*), et aucune espèce ne pourrait survivre dans un monde de compétition où chaque individu serait le loup de l'autre. La science moderne nous apprend aussi, bien que la frontière entre ce que l'on appelle communément le Bien et le Mal soit fluide (même en chacun de nous), qu'elle ait été mystifiée par les religions, et qu'une bonne dose de relativisme soit nécessaire à ce sujet, que les tendances validistes **(***)** sont bien plus profondes que les inclinations caïnes **(****)** et que la tyrannie, bien qu'apparemment acceptée par le biais de la servitude volontaire et des mécanismes de répression, d'intériorisation et de sublimation auto-répressive, n'a pas étouffé le défi de Prométhée…

Notre éthique, bien sûr, n'est pas celle du sacrifice insensé et du manque de joie de vivre, tristes attributs de la morale judéo-chrétienne, et elle n'a rien à voir avec celle de ceux qui, comme le dirait Stirner, se sont aveuglés dans le sommeil de la religion. Elle est le fruit d'une longue introspection, de la coexistence et d'une émancipation intellec-

(*) Leopold von SACHER-MASOCH, (1836-1895); littérateur autrichien dont le patronyme servit à créer le mot *«masochisme». (Note A.M.).*

(**) Donatien de SADE, (1740-1814): littérateur français, et criminel sexuel dont le patronyme servit à créer le mot *«sadisme». (Note A.M.).*

(***) *Le validisme,* ou *capacitisme,* est un système de valeurs sociales faisant de la personne dite *«valide»,* sans handicap, la norme sociale. *(Note A.M. selon Wikipedia).*

(****) Allusion vraisemblable au personnage mythique de Caïn, qui serait le premier individu né sur Terre, et de surcroît le premier assassin (de son frère Abel). *(Note A.M.).*

tal, produto evidentemente não acabado nem codificado uma vez por todas, já que as nossas ideias não são rígidas e têm grande ductilidade; produto eminentemente histórico e humano, mas dispondo dum corpus muito mais estável de regras não escritas, de que aqui só posso e quero apresentar as ténues e sumárias linhas gerais, através de sucessivas achegas ilustrativas.

Antes de mais, é sintomático que as outras escolas laicas do socialismo, - nem sequer vale a pena que nos debrucemos sobre o deprimente «*socialismo*» cristão ou muçulmano, com as suas ilusórias comunidades de crentes!, - brilhem pela ausência de referências éticas, tenham imensas lacunas escancaradas ou contributos altamente duvidosos, como os de MORGAN («*A sociedade primitiva*») e de ENGELS («*A origem da família, da propriedade e do estado*») sobre a família monogâmica ou nuclear, fruto da opressiva sociedade patriarcal e flanqueada por instituições mais sorrateiras como o adultério e a prostituição, é certo, mas por ambos considerada como um conseguido e acabado artefacto social.

ENGELS, criticando os seus lados mauzinhos e apenas os seus excessos, vai ao ponto de a considerar emporcalhada pela burguesia e pelo seu matrimónio interesseiro, mas perfeitamente susceptível de ser salva pelo cavaleiro andante proletário e pelo seu mais excelso matrimónio, onde os interesses não estão em jogo. Tudo isso é fazer, quanto a mim, tábua rasa do papel dessa família na construção geral do Estado hodierno que vê nela preciosos esteios; bem como tábua rasa do papel dessa família na génese da propriedade privada e sua transmissão por herança. Esse núcleo familiar, com o poder paterno centralizado nas mãos dum só ou repartido por ambos os cônjuges, não passa dum grupo predador, duma célula terrorista ou duma pequena mafia, consoante as posses, certamente muito aconchegado neste mundo inóspito e competitivo (aos de casa muita coisa é permitida, aos de fora nem por isso!) e, se pudesse, até se arrogaria o direito de vida e morte sobre os filhos, como nos velhos tempos do paterfamilias romano...

No meio deste ambiente ingrato, a que vem o pobre proleta? Para Engels, vem instilar sangue novo, vermelho e plebeu na família monogâmica, salvando-a da decomposição e da falta de amor, mediante o tal matrimónio ingenuamente canonizado. Na minha opinião, de nada serve opor matrimónio burguês a matrimónio proletário, exactamente como fazeis, a propósito do Estado proletário versus Estado burguês. Por muita simpatia que nos mereçam a causa e a luta dos oprimidos e dos explorados, nas quais de resto participamos, ainda que só falando em nosso nome, não podemos deixar de ver no proletariado uma categoria alienada e uma força apenas negativa, cujo fito mais ou menos consciente deve

tuelle; un fruit manifestement ni achevé ni codifié une fois pour toutes, puisque nos idées ne sont pas figées et font preuve d'une grande souplesse; un produit éminemment historique et humain, mais doté d'un corpus de règles non écrites beaucoup plus stable, dont je ne peux présenter ici que les contours généraux, encore imparfaits, à travers des contributions successives.

Tout d'abord, il est révélateur que les autres écoles laïques du socialisme, - il est même inutile de s'attarder sur le déprimant «*socialisme*» chrétien ou musulman, avec ses communautés illusoires de croyants!, - soient marquées par une absence de références éthiques, présentent d'immenses lacunes ou des contributions très douteuses, telles que celles de MORGAN («*La Société primitive*») et d'Engels («*L'Origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*») sur la famille monogame ou nucléaire, un produit de la société patriarcale oppressive et flanquée d'institutions plus insidieuses telles que l'adultère et la prostitution, certes, mais considérée par les deux comme un artefact social accompli et achevé.

ENGELS, critiquant ses aspects pervers et ses seuls excès, va jusqu'à la considérer souillée par la bourgeoisie et ses mariages intéressés, mais parfaitement susceptible d'être sauvée par le chevalier errant prolétarien et son mariage des plus sublimes, où les intérêts ne sont pas en jeu. Tout cela, à mon avis, revient à occulter le rôle de cette famille dans la construction de l'État moderne, qui voit en elle des piliers précieux; ainsi qu'à occulter son rôle dans la genèse de la propriété privée et sa transmission par héritage. Ce noyau familial, où le pouvoir paternel est centralisé entre les mains d'un seul conjoint ou partagé par les deux, n'est rien de plus qu'un groupe prédateur, une cellule terroriste ou une petite mafia, selon ses possessions, certainement très à l'aise dans ce monde inhospitalier et compétitif (beaucoup de choses sont permises à ceux qui font partie de la famille, beaucoup moins à ceux qui sont à l'extérieur!), et, s'il le pouvait, il s'arrogerait même le droit de vie et de mort sur ses enfants, comme au temps du paterfamilias romain...

Au sein de ce climat d'ingratitude, quel est le rôle du pauvre prolétair? Pour Engels, c'est d'insuffler un sang nouveau, rouge et plébéien à la famille monogame, la sauvant ainsi de la décadence et du manque d'amour, grâce à ce mariage naïvement canonisé. À mon avis, il est vain d'opposer le mariage bourgeois au mariage prolétarien, tout comme vous le faites entre l'État prolétarien et l'État bourgeois. Quelle que soit la sympathie que nous puissions avoir pour la cause et la lutte des opprimés et des exploités, auxquelles nous participons d'ailleurs, ne serait-ce qu'en notre nom propre, nous ne pouvons manquer de voir dans le prolétariat une catégorie aliénée et une force purement négative, dont

ser a negação de si próprio, ao negar na globalidade a sociedade em que vive. Deixai-vos, pois, de «*operáriolatrias*», como diria Camilo Berneri, e ponde de lado o pesadelo sinistramente ideal da proletarização do mundo. O objectivo efectivamente inovador situa-se nos antípodas de toda essa retórica estafada: abolição da condição proletária e criação duma verdadeira ética não decalcada da falta de ética dominante. Lembrai-vos de que, já na antiga Roma, proletário era apenas aquele que tinha uma prole numerosa, membro da 6.ª classe, e que, dada a sua situação de miséria, não pagava impostos, clamando em altos brados por pão e circo. Satisfazendo essa reivindicação de tipo sindical-reformista, com o Torres-Couto (*) da época sentado à mesa dos lacaios do imperador, constituirá um projecto revolucionário a transformação do mundo numa imensa arena e numa grande padaria? Lembrai-vos igualmente de que, já no século passado. Flora Tristan (**) dizia que, reproduzindo todas as taras do meio, o proletário ainda conseguia ter alguém em casa a quem oprimir: a sua mulher. Neste caso, esta passava a ser a proletária do proletário...

Voltando às coisas sérias, dizia eu que a escola acrata sempre se definiu em relação a uma ética, como o atestam as obras de Kropotkine «*A moral anarquista*» ou «*A ética*», nas quais transparece que a nossa moral não é uma moral de encomenda e ultrapassa completamente os interesses de qualquer classe. Nesses livros pouco lidos, mas imensa e desenvoltamente extrapolados sobretudo por quem os não leu, é ainda sublinhado que a base de qualquer ética digna desse nome, despida de qualquer ganga mística ou transcendental, é a necessidade profundamente humana de cada indivíduo não ser desconsiderado e ser aceite por todos os outros como um igual; sendo igualmente frisada a naturalidade com que, num ambiente não adverso e com as regras do jogo não viciadas, não sentindo na pele nenhuma pressão social exorbitante ou asfixiante, o mesmíssimo indivíduo dá e gosta de dar muito mais do que o que espera alguma vez receber. Tudo factores que, abreviando, os economistas não tomam em consideração, os contabilistas não contabilizam, os campeões da estatística não anotam e os merceeiros não embrulham em papel gorduroso, para a dona de casa meter no cabaz e levar para o doce lar!

Mas o nosso pensamento deontológico não fica por aqui. Numa obra com inflexões mais individualistas e menos comunistas do que a de Kropotkine,

(*) Será esta uma alusão a José Manuel Torres Couto, membro do *Parlamento Europeu* por Portugal de 1994 a 1999? *(Nota A.M.)*.

(**) Flora Tristan (1803–1844), escritora, pensadora, ativista socialista e feminista francesa. *(Nota A.M.)*

le but plus ou moins conscient est la négation de soi-même, en niant intégralement la société dans laquelle il vit. Dès lors, abandonnez votre «*culte des travailleurs*», comme dirait Camilo Berneri, et mettez de côté le sinistre cauchemar idéal de la prolétarisation du monde. L'objectif véritablement novateur se situe à l'opposé de toute cette rhétorique éculée: l'abolition de la condition prolétarienne et la création d'une véritable éthique, non calquée sur l'absence d'éthique dominante. Rappelons-nous que, même dans la Rome antique, un prolétaire n'était qu'un homme ayant une nombreuse descendance, membre de la 6ème classe, qui, vu sa misère, ne payait pas d'impôts et réclamait à grands cris du pain et des jeux. Satisfaire cette revendication syndicalo-réformiste, avec le Torres-Couto (*) de l'époque assis à la table des courtisans de l'empereur, transformer le monde en une immense arène et une grande boulangerie constituerait-il un projet révolutionnaire? Rappelons-nous aussi que, même au siècle dernier, Flora Tristan (**) affirmait que, reproduisant tous les vices du milieu, le prolétaire trouvait encore quelqu'un à opprimer chez lui : sa femme. Dès lors, elle devenait la prolétaire du prolétaire…

Pour revenir à des sujets plus sérieux, comme je le disais, l'école anarchiste s'est toujours définie par rapport à l'éthique, comme en témoignent les ouvrages de Kropotkine, «*La morale anarchiste*» ou «*L'Éthique*», où il apparaît clairement que notre morale n'est pas une morale sur mesure et transcendant totalement les intérêts de toute classe. Dans ces livres peu lus, mais abondamment et librement interprétés, notamment par ceux qui ne les ont pas lus, il est également souligné que le fondement de toute éthique digne de ce nom, dépouillée de tout artifice mystique ou transcendantal, réside dans le besoin profondément humain de chaque individu de ne pas être ignoré et d'être accepté par tous comme un égal; il est tout aussi important de souligner avec quelle facilité, dans un environnement bienveillant et avec des règles du jeu équitables, sans subir de pression sociale excessive ou étouffante, cet individu donne et prend plaisir à donner bien plus qu'il n'espère recevoir. Autant de facteurs que, pour résumer, les économistes ne prennent pas en compte, les comptables ne tiennent pas compte, les champions des statistiques ne recensent pas, et les épiciers n'emballent pas dans du papier gras, pour que la ménagère les mette dans son panier et les emporte chez elle!

Mais notre réflexion déontologique ne s'arrête pas là. Dans un ouvrage aux accents plus individualistes et moins communistes que celui de Kropotkine,

(*) S'agit-il d'une allusion à José Manuel Torres Couto: député du Portugal au *Parlement européen* de 1994 à 1999? *(Note A.M.)*.

(**) Flora Tristan, (1803-1844); écrivaine, penseuse, militante socialiste et féministe française. *(Note A.M.)*.

mas igualmente apreciada nos meios libertários, «*Esboço duma moral sem obrigação nem sanção*» (1884), Marie-Jean Guyau, que já publicara ainda muito jovem «*A moral de Epicuro e as suas relações com as doutrinas contemporâneas*» e depois «*A moral inglesa contemporânea*», fala-nos muito simplesmente da vida esfuziante e transbordante de energia e que, para a derramar para o campo ético, não precisa nem da noção de obrigação nem duma sanção exterior ao próprio indivíduo.

Até Max Stirner, cujas diatribes aparentemente amorais ou imorais ainda hoje perturbam os pobres de espírito (e foram, por vezes, canhestramente retomadas por um Nietzsche muito mais confuso e contraditório), tem um pensamento ético. 0 seu egoísmo e a sua célebre «*associação de egoístas*», radicalmente opostos ao pesadelo societário em que vamos vegetando e definhando, de jeito nenhum se opõem ao altruísmo mais ostensivo. Em última análise, o altruísmo não passa duma forma encapotada de egoísmo, já que o homem, até quando dá, está sempre a promover os seus interesses. Esses interesses é que podem ser de natureza mais ideal e certamente superiores aos interesses grosseirões e obscenos que o capitalismo e a sua bolsa de valores nos querem inculcar...

E no artigo «*O falso princípio da nossa educação*» (1842), Stirner fustiga quantos querem bem criar (expressão comum aos professores e aos criadores de gado!) as meninas e os meninos, assassinando-lhes as forças vitais, a vontade e os mecanismos volitivos, o espírito de desobediência e a «*maldade*» intrínseca; numa palavra, moldando-os na forma ou no curral donde sai o gado ovino, preparando-os para a não-vida ou para a sobrevida, já que, depois da escola, costuma vir a caserna, o emprego (há que ganhar a vida, perdendo-al), o casamento institucional e monogâmico, a criação da nova geração, a velhice, a reforma e a morte... Mas que imoralidade! E continuando a dirigir-se a todos esses ocultadores da consciência de si que, com a opacidade da sua ininteligência, não passam de fabricantes de escravos, gnomos ou títeres, acrescenta: «*Todas as formas de vaidade ligada ao interesse pessoal, todas as formas de cupidez, de corrida aos empregos, de submissão mecânica e servil, de duplicidade tocam pela porta, tanto do detentor de um vasto saber quanto pela do de uma elegante cultura clássica*». Ficava, destarte, desnudada a horrorosa fatuidade e a nulidade moral da intelectualidade cada vez mais especializada da nossa praça, cujo objectivo na vidinha é saber cada vez mais de cada vez menos, sendo seu ideal tudo saber sobre nada...

Faz também parte da tradição libertária bem assimilada, bem digerida, falar sem complexos culpabilizantes de amor, erotismo, atracção física e in-

mais tout aussi apprécié dans les milieux libertaires, «*Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction*» (1884), Marie-Jean Guyau, qui avait déjà publié très jeune «*La morale d'Épicure et ses rapports avec les doctrines contemporaines*» et plus tard «*La morale anglaise contemporaine*», parle avec une grande simplicité de la vie énergétique exubérante et débordante qui, pour être canalisée dans le champ éthique, n'a besoin ni de la notion d'obligation ni d'une sanction extérieure à l'individu lui-même.

Même Max Stirner, dont les diatribes apparemment amorales, voire immorales, continuent de troubler les esprits simples (et furent parfois maladroitement reprises par un Nietzsche bien plus confus et contradictoire), possède une pensée éthique. Son égoïsme et sa fameuse «*association des égoïstes*», radicalement opposés au cauchemar social dans lequel nous végétons et languissons, ne s'opposent nullement à l'altruisme le plus ostentatoire. En fin de compte, l'altruisme n'est rien d'autre qu'une forme déguisée d'égoïsme, puisque l'homme, dans la mesure de ses moyens, défend toujours ses intérêts. Ces intérêts peuvent être d'une nature plus idéale et certainement supérieurs aux intérêts grossiers et obscènes que le capitalisme et son marché boursier cherchent à nous inculquer…

Dans son article «*Le faux principe de notre éducation*» (1842), Stirner s'en prend violemment à ceux qui prétendent vouloir bien élever (expression courante chez les enseignants et les éleveurs!) les filles et les garçons, étouffant ainsi leur vitalité, leur volonté et leurs mécanismes de volition, leur esprit de désobéissance et leur «*mal*» intrinsèque; en un mot, les modelant à l'image des moutons, les préparant à la non-vie ou à la simple survie, car après l'école viennent généralement la caserne, le travail (il faut gagner sa vie, au risque de la perdre), le mariage institutionnel et monogame, l'éducation de la génération suivante, la vieillesse, la retraite et la mort… Quelle immoralité! Et s'adressant toujours à ceux qui dissimulent leur conscience et qui, par leur opacité, ne sont que des fabricants d'esclaves, de gnomes ou de marionnettes, il ajoute: «*Toutes les formes de vanité liées à l'intérêt personnel, toutes les formes d'avidité, de course à l'emploi, de soumission mécanique et servile, de duplicité, frappent à la porte, aussi bien à celle du détenteur d'un vaste savoir que de celle d'une élégante culture classique*». Ainsi, l'horrible fatuité et la nullité morale de l'intelligentsia de plus en plus spécialisée de notre société étaient mises à nu, dont l'objectif dans la vie est d'en savoir toujours plus sur toujours moins, leur idéal étant de tout savoir sur rien…

Il fait également partie de la tradition libertaire, bien assimilée et digérée, de parler sans culpabilité d'amour, d'érotisme, d'attirance physique et intel-

telectual, se possível interligadas, ou também de simpatia ou de prazer, que são temas altamente morais e de maneira alguma pornográficos; cabendo a honra a Émile ARMAND e outros anarquistas, ao falarem de amor livre, de livre união ou de *«camaradagem amorosa»*, de ter sido os primeiros na abordagem do assunto, muito antes de HORKHEIMER, ADORNO, REICH ou MARCUSE, entre outros expoentes da escola de Francoforte, se debruçarem sobre a família, a *«economia sexual»*, a *«moral sexual»* ou *«eros e civilização»*. E como eram neomalthusianos, falavam abertamente do amor sem filhos, para que não fosse fornecida mais carne para canhão ou para a fábrica.

Neste particular, só PROUDHON, sem qualquer dúvida o anarquista mais conservador sobre a questão, tem posições mais contestáveis e, à luz da nossa ética, precisamente por isso mais imorais. A sua misoginia levava-o a falar do homem, *«potência de acção»*, e da mulher, *«potência de sedução»*, reduzindo esta última a uma incrível dicotomia: ou cortesã ou dona de casa. Atirava-se também ao pobre Charles FOURIER **(*****)**, considerado por KROPOTKINE um precursor das teorias libertárias, mas a quem o pudibundo PROUDHON chamava «pornocrata». Tem, contudo, uma frase que lhe salva um tanto ou quanto a face, qualquer exame superficial corrobora (nem tem que ser feito pelo médico!), nos permite pôr ao lado da igualdade o conceito interessantíssimo de equivalência, - misto de igualdade e de *«direito à diferença»*, como hoje se diz, - e vos cito em substância: *«o homem e a mulher não são de maneira alguma iguais, são equivalentes!»*. Os supracitados tropeções púdico-esca-brosos de PROUDHON encontraram logo, no entanto, a resposta merecida, dentro do campo acrata, pela pena de Joseph DÉJACQUE **(******)**: *«Escute, mestre PROUD-*

lectuelle, si possible interconnectées, ou encore de sympathie ou de plaisir, thèmes hautement moraux et nullement pornographiques. L'honneur revient à Émile ARMAND **(*)** et aux autres anarchistes qui, en parlant d'amour libre, d'union libre ou de *«camaraderie amoureuse»*, furent les premiers à aborder ce sujet, bien avant HORKHEIMER **(**)**, ADORNO **(***)**, REICH ou MARCUSE **(****)**, entre autres représentants de l'École de Francfort, qui se concentraient sur la famille, *«l'économie sexuelle»*, la *«morale sexuelle* ou *«Éros et civilisation»*. Et, néo-malthusiens, ils parlaient ouvertement d'un amour sans enfants, afin de ne plus fournir de chair à canon ni de nourriture pour l'usine.

À cet égard, seul PROUDHON **(*****)**, sans doute l'anarchiste le plus conservateur sur la question, a des positions plus contestables et, à la lumière de notre éthique, précisément pour cette raison plus immorales. Sa misogynie l'amène à parler de l'homme, *«pouvoir d'action»*, et de la femme, *«pouvoir de séduction»*, réduisant cette dernière à une incroyable dichotomie: soit courtisane, soit femme au foyer. Il s'en est également pris au pauvre Charles FOURIER **(*****)**, considéré par KROPOTKINE comme un précurseur des théories libertaires, mais que le prude PROUDHON qualifiait de *«pornocrate»*. Il y a pourtant une phrase qui lui sauve un peu la face, tout examen superficiel le confirme (il n'est même pas nécessaire que ce soit un médecin!), permet de mettre à côté de l'égalité la très intéressante notion d'équivalence, - un mélange d'égalité et de *«droit à la différence»*, comme on dit aujourd'hui, - et je vous cite en substance: *«les hommes et les femmes ne sont en aucun cas égaux, ils sont équivalents!»*. Les trébuchements éhontés évoqués de PROUDHON trouvèrent cependant bientôt la réponse qu'ils méritaient, au sein du camp acratique, à travers la plume de Joseph DÉJACQUE **(******)**: *«Écoutez, maître PROUDHON, ne parlez pas*

(*) Lucien Ernest JUIN, conhecido por Émile ARMAND, (1872-1962); libertário individualista de obediência cristão, antimilitarista e defensor da liberdade sexual. *(Nota A.M.)*.

(**) Max HORKHEIMER (1895–1973); filósofo e sociólogo alemão; diretor do *Instituto de investigação social*, precursor da *Escola de Frankfurt*. (Nota A.M.)

(***) Theodor Ludwig WIESENGRUND, mais tarde Theodor ADORNO (1903–1969); filósofo, sociólogo, compositor e musicólogo alemão, mais tarde norte-americano; marxista; membro da *Escola de Frankfurt*. *(Nota A.M.)*

(****) Herbert MARCUSE (1898–1979); filósofo e sociólogo alemão, mais tarde americano; marxista; membro da *Escola de Frankfurt*. *(Nota A.M.)*.

(*****) Pierre-Joseph PROUDHON (1809-1865): jornalista, economista, filósofo, precursor do anarquismo. *(Nota A.M.)*.

(******) Charles FOURIER (1772-1837): filósofo francês, criador dos falanstérios. *(Nota A.M.)*.

(*******) Joseph DÉJACQUE (1821-1865); anarquista; criador do termo *«libertário»*; publicou o panfleto: *«Sobre os ser humano, masculino e feminino - Carta a P. J. Proudhon»* em 1857, durante o exilio em Nova-Orleães. *(Nota A.M.)*.

(*) Lucien Ernest JUIN, dit Émile ARMAND, (1872-1962);libertaire individualiste de tendance chrétienne, antimilitariste et défenseur de la liberté sexuelle. *(Note A.M)*.

(**) Max HORKHEIMER, (1895-1973); philosophe, sociologue allemand; directeur de l'*Institut de recherche sociale* ancêtre de l'*École de Francfort*. *(Note A.M)*.

(***) Theodor Ludwig WIESENGRUND, devenu Theodor ADORNO, (1903-1969); philosophe, sociologue, compositeur et musicologue allemand, puis américain; marxiste; de l'*École de Francfort*. *(Note A.M)*.

(****) Herbert MARCUSE, (1898-1979); philosophe, sociologue; allemand puis américain; marxiste; de l'*École de Francfort*. *(Note A.M)*.

(*****) Pierre-Joseph PROUDHON, (1809-1865); journaliste, économiste, philosophe, précurseur de l'anarchisme. *(Note A.M.)*.

(******) Charles FOURIER, (1772-1837); philosophe français, créateur des phalanstères. *(Note A.M.)*.

(*******) Joseph DÉJACQUE, (1821-1865): anarchiste; créateur du terme *«libertaire»*; publia le pamphlet: *«De l'être humain, mâle et femelle - Lettre à P. J. Proudhon»*, en 1857 en exil à La Nouvelle-Orléans. *(Note A.M.)*.

HON, não fale da mulher ou, antes de falar dela, estude-a; vá para a escola. Não se diga anarquista ou então seja anarquista até ao fim. Fale-nos, se quiser, do desconhecido e do conhecido, de Deus que é o mal, da Propriedade que é roubo. Mas quando nos falar do homem, não faça dele uma divindade autocrática, porque eu logo lhe respondo: o homem é o mal!». Diga-se, contudo, em abono da verdade, que, na prática, MARX ainda era pior do que o seu rival PROUDHON: fazia um filho à criada, não o reconhecia e endossava-o ao amigo ENGELS, velho solteirão; dava conselhos às filhas que fariam rir um chimpanzé; não gostava do genro, Paul LAFARGUE **(*)**, que era meridional, e mais de uma vez deixou transparecer o seu racismo latente; etc..., etc...

De igual modo me ocorre lembrar-vos que, muito antes de Michel FOUCAULT **(**)** e do seu estudo das instituições repressivas como o asilo, o manicómio ou a prisão, elaborando a seu modo o que alguns académicos apodam de «*neo-anarquismo*»; já KROPOTKINE, sem necessidade de se socorrer de um calão autocomplacente para uso de iniciados ou de sucumbir ao encanto das modas, se debruçara sobre esse tenebroso submundo, sobre esse universo carcerário baseado no internamento e na exclusão, condenando-o em absoluto como terapêutica e como metodologia («*A minha vida nas prisões russas e francesas*»). Para ele, a prisão não resolvia nada e só agravava as maleitas que dizia combater, uma vez que sempre foi a escola do crime, na qual se podo entrar por um pequeno delito e donde se acaba por sair como um ver dadeiro polivalente, com várias especializações. Para os anarquistas, do qualquer forma, - e também nisto o seu pensamento ético se distinguo do qualquer outra corrente, - sempre foi sintomática essa maneira bárbara que a sociedade tem de se autodefender, ao fim e ao cubo, de si própria e daquilo que ela mesma gerou, o que constitui um evidente erro de lógica e um transparente círculo vicioso. Ao combater o crime com um crime ainda maior, - privar quem quer que seja da sua liberdade de movimentos e retirá-lo da circulação, como se tivesse morrido, - esta sociedade profundamente doente, cheia de tiques e de taras, que usa duma autoridade que, por definição, constitui um abuso legal, institucional e pretensamente «*legítimo*», está a confessar muita coisa.

Confessa que:

- combate apenas os efeitos e não as causas, porque, se combatesse mesmo as causas, estaria a abrir demasiado o próprio jogo, a descobrir a care-

(*) Paul LAFARGUE (1842–1911); jornalista, escritor e político socialista francês; marxista e genro de Karl MARX; sua mãe era uma mulata dominicana. *(Nota A.M.)*

(**) Michel FOUCAULT (1926–1984); filósofo francês. *(Nota A.M.)*

de la femme ou, avant de parler d'elle, étudiez-la; aller à l'école. Ne vous dites pas anarchiste et ne soyez pas anarchiste jusqu'à la fin. Parlez-nous, si vous voulez, de l'inconnu et du connu, de Dieu qui est mauvais, de la Propriété qui est vol. Mais quand vous nous parlez de l'homme, n'en faites pas une divinité autocratique, car je vous le dis tout de suite: l'homme est mauvais!». Disons cependant, pour l'amour de la vérité, que, dans la pratique, MARX était encore pire que son rival PROUDHON: il donna un fils à sa servante, ne le reconnut pas et le donna à son ami ENGELS, un vieux célibataire; il donnait à ses filles des conseils qui feraient rire un chimpanzé; il n'aimait pas son gendre, Paul LAFARGUE **(*)**, qui était sudiste et a plus d'une fois laissé transparaître son racisme latent ; etc..., etc...

De même, je tiens à rappeler que, bien avant Michel FOUCAULT **(**)** et son étude des institutions répressives telles que les asiles, les hôpitaux psychiatriques ou les prisons, élaborant à sa manière ce que certains universitaires appellent le «*néo-anarchisme*», KROPOTKINE, sans avoir besoin de recourir à un jargon complaisant réservé aux initiés ni de céder aux modes, s'était déjà intéressé à ce monde souterrain obscur, à cet univers carcéral fondé sur l'internement et l'exclusion, le condamnant catégoriquement comme thérapie et méthode («*Ma vie dans les prisons russes et françaises*»). Pour lui, la prison ne résolvait rien et ne faisait qu'aggraver les maux qu'elle prétendait combattre, puisqu'elle était toujours l'école du crime, où l'on entrait pour un délit mineur et d'où l'on ressortait comme un véritable touche-à-tout, aux spécialisations diverses. Pour les anarchistes, en tout cas, – et en cela aussi leur pensée éthique diffère de celle de tout autre courant, - cette manière barbare dont la société se défend, en fin de compte et de manière excessive, contre elle-même et contre ce qu'elle a engendré, a toujours été symptomatique, constituant une erreur logique manifeste et un cercle vicieux flagrant. En combattant le crime par un crime encore plus grave, – en privant quiconque de sa liberté de circulation et en le mettant hors d'état de nuire comme s'il était mort, – cette société profondément malade, pleine de tics et de défauts, qui utilise une autorité qui, par définition, constitue un abus légal, institutionnel et soi-disant «*légitime*», fait de lourds aveux.

Il avoue que:

- il ne combat que les effets et non les causes, car s'il s'attaquait véritablement aux causes, il dévoilerait trop son propre jeu, exposant les failles des

(*) Paul LAFARGUE, (1842-1911); journaliste, écrivain et homme politique socialiste; marxiste et gendre de Karl MARX; sa mère était une mulâtre dominicaine. *(Note A.M.)*.

(**) Michel FOUCAULT, (1926-1984); philosophe français. *(Note A.M.)*.

ca dos mecanismos de domínio e exploração e positivamente a suicidar-se;

- os grandes criminosos e os grandes salteadores são apenas fulanos que já chegaram demasiado tarde a um mundo em que as posições-chave já estavam ocupadas pelos grandes capitalistas, como dizia MALATESTA, sendo a lógica do grande banditismo apenas a lógica do capitalismo virada às avessas;

- as cadeias estão cheias de pequenos e desajeitados delinquentes, enquanto fora das grades pululam os grandes expolia-dores e expropriadores, muitas vezes bem instalados no carro do Estado ou na gestão tecno-burocrática das empresas mais competitivas;

- o crime organizado que, em larga escala, substituiu a delinquência artesanal, pauta a sua conduta pela da gestão das grandes multinacionais e, no fundo, apenas é ou quer ser um Estado dentro do Estado;

- nos países maiores, onde a polícia é mais forte e está mais ferreamente estruturada (refiro-me aos Estados-unidos, à União soviética ou à China), é precisamente onde campeia a maior e mais dura criminalidade, o que constitui uma afirmação muito mais ousada do que enunciar apenas o inverso e nos elucida verdadeiramente quanto à interpenetração entre as forças pretorianas e os poderosos do mundo do delito e da transgressão (as mais das vezes, nem se sabe quem trabalha para quem!) e quanto à verdadeira natureza ou condição humana, chamai-lhe como quiserdes, quando colocada em posição de proeminência ou de domínio...

Outro exemplo da perversidade social reinante prende-se ao fenómeno da droga e seus requintes. Alguns pobres rapazes e raparigas, provincianos de espírito e com os corpos precocemente debilitados e envelhecidos, pensam que constitui uma grande novidade e o nec plus ultra das *«emoções fortes»* e da *«emancipação mental»* o enveredar por esse caminho tantas vezes sem retorno dos *«paraísos artificiais»*. E alguns *«extra-lúcidos»*, com o espírito aparentemente tolerante que os caracteriza e gostam de alardear, mas nunca com a frontalidade necessária para atacar a sociedade realmente intolerante em que vivem, vêm-nos dizer que o consumo de drogas deve ser despenalizado, que a sua distribuição deve ser legalizada e regulamentada e, porque não?, a banalização do *«charro»* e da seringa ou da *«snifadela»* deve ser bem propagandeada. Pensam que estão a ser muito liberais ou *«libertários»*, o que para eles são sinónimos, e acham

(*) Errico MALATESTA, (1853-1932); publicista anarquista italiano. *(Nota A.M.)*.

mécanismes de domination et d'exploitation, et se suiciderait en quelque sorte;

- les grands criminels et les grands brigands ne sont que des individus arrivés trop tard dans un monde où les postes clés étaient déjà occupés par les grands capitalistes, comme le disait MALATESTA, la logique du grand banditisme n'étant autre que la logique du capitalisme inversée;

- les prisons regorgent de petits délinquants maladroits, tandis qu'en dehors des barreaux abondent les grands pillards et expropriateurs, souvent bien implantés dans les structures étatiques ou dans la direction technico-bureaucratique des entreprises les plus compétitives;

- le crime organisé, qui a largement remplacé la délinquance artisanale, fonde son comportement sur la gestion de grandes multinationales et, en substance, est ou aspire à être un État dans l'État;

- dans les grands pays, où la police est plus puissante et structurée (je pense notamment aux États-unis, à l'Union soviétique ou à la Chine), c'est précisément là que sévit la criminalité la plus grave et la plus brutale; cette affirmation est bien plus audacieuse que de simplement dire le contraire, et elle met en lumière l'imbrication des forces prétoriennes et des figures influentes du monde du crime et de la transgression (le plus souvent, on ignore même qui travaille pour qui!), ainsi que la véritable nature, ou la condition humaine, - quel que soit le nom qu'on lui donne, - lorsqu'elle accède à une position de pouvoir ou de domination...

Un autre exemple de la perversité sociale ambiante est lié au phénomène des drogues et à leurs dérivés. Certains jeunes gens pauvres, provinciaux d'esprit et au corps prématurément affaibli et vieilli, considèrent comme une grande nouveauté, le summum des *«émotions fortes»* et de *«l'émancipation mentale»*, de s'engager sur cette voie souvent irréversible des *«paradis artificiels»*. Et certains individus *«extra-lucides»*, avec cet esprit apparemment tolérant qui les caractérise et dont ils aiment se vanter, mais jamais avec la franchise nécessaire pour s'attaquer à la société véritablement intolérante dans laquelle ils vivent, nous disent que l'usage de drogues devrait être dépénalisé, que sa distribution devrait être légalisée et réglementée, et, pourquoi pas?, que la banalisation des *«joints»* et des seringues ou du *«sniffing»* devrait être largement diffusée. Ils pensent être trop libéraux ou *«libertaires»*, termes qu'ils considèrent comme synonymes, et trop tactiques: la fin de l'in-

(*) Errico MALATESTA, (1853-1932); publiciste anarchiste italien. *(Note A.M.)*.

que estão a ser muito tácticos: desaparecida a proibição, desapareceria, quase automaticamente, a tentação e o gosto pela transgressão. Na minha opinião, enganam-se tanto as vítimas de mais essa grave doença social quanto os que lhes dão uma espécie de apoio logístico; tanto umas como os outros vêem o problema com demasiada leviandade ou superficialidade e não vão ao fundo da questão. Claro que nós não queremos proibir o que quer que seja, nem queremos revogar, ainda que pontualmente, a famosa máxima de Maio de 68: *«é proibido proibir»*. Claro também, citando em substância La Rochefoucauld, que a única razão porque não temos um só vício, é precisamente porque temos vários e que nunca nos viria ao espírito a duplicidade jesuítica de exibir públicas virtudes e esconder vícios privados. Claro ainda, liminarmente, que não nos passa pela cabeça fazer campanha contra os malefícios do álcool ou do tabaco e de impedir quem quer que seja de beber, fumar ou tomar a sua bicazinha. Claro até, ineludivelmente, que cada um tem o direito de se suicidar ou ir suicidando como entender, dispondo directamente do seu corpo e da sua vida, sem passar procuração à sociedade para que seja ela a tratar do assunto. É preciso, contudo, ser-se muito cego para não se ver que: em matéria de *«novidade»*, a droga já é uma arma muito velha utilizada pelo império britânico para entorpecer e desmo-bilizar o povo chinês (a guerra do ópio) ou pelo exército norte-americano para liquidar os índios; terrível arma virada contra si mesmo por aquele que a empunha, cujos efeitos autodestruidores, autofágicos e associais foram descritos por um Tomás de Quincey **(**)** (*«Confissões de um comedor de ópio inglês»*, 1821) ou por um Charles Baudelaire **(***)** (*«Os paraísos artificiais»*, 1860) e massiçamente experimentados pela *beat generation* ou pelos hippies dos anos 50 ou 60, bem como pelos ídolos musicais da juventude, as galinhas poedeiras da música a metro.

E é aqui quo se situa o cerne da questão. Para além do negócio colossal que a droga representa, apenas comparável ao do ouro, petróleo e quejandos, esta sociedade fomenta-o, sobretudo, porque prefere matar os seus próprios filhos ou estropiá-los ou metê-los dentro do casulo do isolamento ou da abulia, o que vem a dar no mesmo, a que estes comecem para aí a questionar tudo e todos e se transformem em rebeldes. É por isso que, às vezes, se encontra mais facilmente droga dentro da prisão do que fora dela, para melhor se dar o golpe de misericórdia no animal. Quanto ao drogado médio, bicho encontradiço dentro ou fora das grades, por quem é usual sentir-se certa repugnância ao

(*) Tomás de Quincey, (1785-1859); escritor britânico. *(Nota A.M.)*.

(**) Charles Baudelaire (1821-1867); poeta francês. *(Nota A.M.)*.

terdiction ferait disparaître presque automatiquement la tentation et le goût de la transgression. À mon avis, tant les victimes de ce grave fléau social que ceux qui leur apportent un soutien matériel se trompent; les deux groupes abordent le problème avec une grande légèreté, voire une superficialité, sans en approfondir la question. Bien entendu, nous ne souhaitons rien interdire, ni remettre en cause, même temporairement, la fameuse maxime de Mai 68: *«il est interdit d'interdire»*. Bien entendu, pour paraphraser La Rochefoucauld, si nous n'avons pas un seul vice, c'est précisément parce que nous en avons plusieurs, et l'hypocrisie jésuite consistant à afficher des vertus publiques tout en dissimulant des vices privés ne nous viendrait jamais à l'esprit. Il est clair, d'emblée, qu'il ne nous est pas question de militer contre les méfaits de l'alcool ou du tabac ni d'empêcher quiconque de boire, de fumer ou de prendre un verre. Il est également indéniable que chacun a le droit de se suicider ou de continuer à se suicider comme bon lui semble, en disposant directement de son corps et de sa vie, sans donner à la société le pouvoir d'agir en conséquence. Il faudrait pourtant être bien aveugle pour ne pas voir que, du point de vue de la « nouveauté », les drogues sont déjà une arme très ancienne utilisée par l'Empire britannique pour engourdir et démobiliser le peuple chinois (la guerre de l'opium) ou par l'armée américaine pour exterminer les amérindiens; une arme terrible retournée contre elle-même par celui qui la manie, dont les effets autodestructeurs, autodestructeurs et antisociaux ont été décrits par Thomas de Quincey **(**)** (*«Confessions d'un mangeur d'opium anglais»*, 1821) ou par Charles Baudelaire **(***)** (*«Paradis artificiels»*, 1860) et massivement vécus par la *beat generation* ou les hippies des années 50 ou 60, ainsi que par les idoles musicales de la jeunesse, les poules aux œufs d'or de la musique rythmique.

C'est là que réside le cœur du problème. Au-delà du commerce colossal que représente la drogue, - comparable seulement à celui de l'or, du pétrole et autres denrées du même acabit, - la société l'encourage surtout parce qu'elle préfère tuer ses propres enfants, les mutiler, ou les enfermer dans la chrysalide de l'isolement ou de l'aboulie, - ce qui revient au même, - plutôt que de les voir tout remettre en question et se transformer en rebelles. C'est pourquoi l'on trouve parfois plus facilement de la drogue en prison qu'à l'extérieur: une façon d'asséner le coup de grâce à la bête. Quant au toxicomane moyen, - une espèce que l'on croise aussi bien derrière les barreaux qu'en liberté, et dont le portrait suscite souvent de la répugnance, alors

(*) Thomas de Quincey, (1785-1859); écrivain britannique. *(Note A.M.)*.

(**) Charles Baudelaire, (1821-1867); poète français. *(Note A.M.)*.

delinear-lhe o daguerreótipo, conquanto seja essencialmente digno de lástima; posso dizer que se especializou na opressão dos ainda mais fracos que ele, nos pequenos furtos sórdidos ou na traição dos próprios amigos, muito especialmente quando a hora da nova dose se aproxima... Droga de sociedade! Até o código de honra dos antigos ladrões se perdeu? Onde estão os antigos salteadores como MANDRIN (*), Robin Wood (**) ou Zé do TELHADO (***) que, segundo o imaginário popular, tinham por lema *«roubar aos ricos, para dar aos pobres»*? Terão sido substituídos pelos pilha-galinhas?

Consta que entre os primeiros a utilizar a famigerada fórmula: *«o fim justifica os meios»*, se contavam os jesuítas, membros da famosa *Companhia* criada por Inácio de LOYOLA (****) e autêntica legião do Papa, e os inquisidores que iam buscar ao *«manual»* de Nicolau EMÉRICO (*****) as receitas operacionais. Queimavam os corpos para salvar as almas e pensavam que a metodologia empregue podia ser atroz, mas desculpável, porque achavam que o objectivo era sublime. Dir-se-ia que na sociedade contemporânea se subiu mais uns degraus na escala da infâmia: o fim (manutenção do statu quo, seja por que preço for) é odioso e os meios também...

Essa fórmula consagrada teve desde então muitos seguidores. O burguês CAUSSIDIÈRE (******) que, deslumbrado com a actuação de BAKUNINE nos movimentos revolucionários do seu tempo, dizia mais ou menos o seguinte: *«Este homem é admirável, no primeiro dia de qualquer revolução, faria maravilhas, mas no segundo seria necessário metê-lo na prisão!»*. Como bom seguidor do postulado jesuítico-inquisitorial, devia querer dizer que os que participam nos tropismos emancipadores e os que,

(*) Louis MANDRIN, (1725-1755); contrabandista francês que operava na província de Dauphiné. *(Nota de A.M.)*.

(**) Personagem fictícia britânica, chamada Robin HOOD — ou seja, Robin *«encapuzado»*, isto é, *«o bandido»* —, que acabou por se tornar, sabe-se lá como?, Robin WOOD (Robin dos Bosques)! *(Nota de A.M.)*.

(***) José TEIXEIRA da SILVA, conhecido por José (ou Zé) do TELHADO, (1818-1875); militar e bandido português. *(Nota de A.M.)*.

(****) Inácio de LOYOLA, (1491-1556); teólogo basco-espanhol; fundador e primeiro superior-geral da COMPANHIA DE JESUS. *(Nota de A.M.)*.

(*****) Nicolau EIMERIC, (1320-1399); teólogo e inquisidor catalão. *(Nota de A.M.)*.

(******) Trata-se, muito provavelmente, de Marc CAUSSIDIÈRE (1807-1861), um revolucionário republicano francês, de orientação *"radical-socialista"*. Tendo-se iniciado como operário na indústria da seda em Lyon, foi, sucessivamente: corretor de mercadorias, jornalista, prefeito da polícia de Paris e deputado da *Assembleia Nacional Constituinte* de 1848; depois, exilou-se... Não há a certeza absoluta de que CARRAPATO esteja a fazer alusão a esta figura, mas... intuitivamente!!! *(Nota de A.M.)*.

qu'il inspire avant tout la pitié, - on peut dire qu'il s'est spécialisé dans l'oppression de plus faibles que lui, dans les petits vols sordides ou dans la trahison de ses propres amis, surtout à l'approche de la prochaine dose... Quelle société de merde! Le code d'honneur des anciens voleurs s'est-il donc perdu? Où sont passés les brigands d'autrefois, tels que MANDRIN (*), Robin des Bois (*) ou Zé do TELHADO (*), dont la devise, selon l'imaginaire populaire, était de *«voler les riches pour donner aux pauvres»*? Ont-ils été remplacés par de vulgaires petits voleurs de poules?

Il semblerait que, parmi les premiers à avoir eu recours à la célèbre formule: *«la fin justifie les moyens»*, on comptait les jésuites, -membres de la fameuse *Compagnie* fondée par Ignace de LOYOLA **(****)** et véritable légion du pape, - ainsi que les inquisiteurs, qui puisaient leurs recettes opérationnelles dans le *«manuel»* de Nicolas EYMERICH (*****). Ils brûlaient les corps pour sauver les âmes, estimant que, bien qu'atroce, la méthodologie employée restait excusable, car l'objectif, à leurs yeux, était sublime. On pourrait dire que, dans la société contemporaine, on a gravi quelques échelons supplémentaires sur l'échelle de l'infamie: la fin (le maintien du statu quo, quel qu'en soit le prix) est odieuse, et les moyens le sont tout autant...

Cette formule consacrée a trouvé, depuis, de nombreux adeptes. Le bourgeois CAUSSIDIÈRE, ébloui par l'action de BAKOUNINE au sein des mouvements révolutionnaires de son époque, déclarait en substance: *«Cet homme est admirable; au premier jour de n'importe quelle révolution, il ferait des merveilles, mais dès le deuxième, il faudrait l'enfermer en prison!»*. En bon adepte du postulat jésuitico-inquisitorial, je dirais que ceux qui participent aux élans émancipateurs et ceux qui, lors des

(*) Louis MANDRIN, (1725-1755); contrebandier français opérant dans la province du Dauphiné. *(Note A.M.)*.

(**) Personnage fictif britannique, nommé Robin HOOD, soit Robin L'ENCAGOULÉ, c'est-à-dire *«le brigand»*, devenu, comment?, Robin WOOD (Robin des Bois)! *(Note A.M.)*.

(***) José TEIXEIRA da SILVA, dit José (ou Zé) do TELHADO, (1818-1875); militaire et bandit portugais. *(Note A.M.)*.

(****) Inácio de LOYOLA, (1491-1556); théologien basque-espagnol; fondateur et le premier supérieur général de la *Compagnie de Jésus.(Note A.M.)*.

(*****) Nicolau EIMERIC, (1320-1399); théologien et inquisiteur catalan.*(Note A.M.)*.

(******) Il s'agit vraisemblablement de Marc CAUSSIDIÈRE, (1807-1861); révolutionnaire républicain français, de type *«radical-socialiste»*; d'abord ouvrier dans la soierie à Lyon, il fut successivement: courtier en marchandises, journaliste, préfet de police de Paris, député de l'*Assemblée nationale constituante* de 1848; exilé... Aucune certitude ne permet de certifier que CARRAPATO fait allusion à ce personnage, mais, ... intuitivement!!! *(Note A.M.)*.

nos momentos de refluxo ou ressaca, depois tudo açambarcam, nunca são os mesmos. O inquietante e enigmático NETCHAÏEV **(*)**, sempre conspirador, membro de sociedades secretas reais ou imaginárias e verdadeiro autor ou, pelo menos, instigador das *«Regras em que se deve inspirar o revolucionário»* ou *«Catecismo revolucionário»* (1869), livrinho totalmente amoral. Na vida prática, aliás, manifestava o mais profundo desprezo pela vida, sua ou dos outros, aconselhava o assassinato dos próprios camaradas, sempre que necessário para o avanço da causa ou da organização, não excluía o roubo dos amigos, etc... O sempre ciumento e rancoroso dr. Karl MARX que, com uma certa cobiça pela glória de PROUDHON e um profundo despeito pelo muito que teoricamente lhe devia, a propósito da guerra franco-prussiana, que opunha Bismarck a Napoleão m e não era suasória a uma tomada de posição por ninguém em seu perfeito juízo, tinha o despudor e o maquiave-lismo de escrever: *«A França deve ser batida sem apelo nem agravo, pois, se a Prússia conseguir sair vitoriosa, o poder estatal passará a estar mais centralizado e o mesmo ocorrerá com todo o movimento operário da Alemanha. O poder da Alemanha trasladará o centro do movimento operário da França para a Alemanha. Basta comparar o movimento nestes dois países, de 1866 aos nossos dias, para se compreender a superioridade da classe operária alemã sobre a francesa, tanto em teoria como na organização, e a sua maior potência na conduta dos acontecimentos internacionais significará um triunfo da nossa doutrina sobre a de Proudhon...»* (Carta de Marx a Engels, 20 de Julho de 1870). Claro que o esmagamento da Comuna de Paris, em 1871, a derrota de um movimento essencialmente libertário, conquanto tivesse também as suas vertentes jacobinas ou blanquistas, e os colossais progressos inclusive eleitorais e parlamentares da social-democracia alemã viriam, de certo modo, dar razão aos *«irmãos MARX»*, no que respeita à trasladação de tão especiosos poder e centralização, e estariam na base da sua gloríola. Mas que baixeza, não é verdade? Há certas circunstâncias em que se prefere perder, a ser-se obrigado a ganhar!

Outro seguidor da supracitada fórmula mágica foi STALINE, ex-seminarista e sem dúvida um dos maiores assassinos da história do género humano, sendo os seus crimes lembrados ainda *«de aqui a mil anos»*, segundo a sugestiva expressão do insuspeito GROMYKO, nos primórdios da perestroika. Não gostava das biografias demasiado perfeitas e impolutas dos seus próprios camaradas, conhecia os pontos

phases de reflux ou de retour de balancier, finissent par tout accaparer, ne sont jamais les mêmes. Il y a l'inquiétant et énigmatique NETCHAÏEV, conspirateur invétéré, membre de sociétés secrètes — réelles ou imaginaires — et véritable auteur (ou, à tout le moins, instigateur) des« *Règles qui doivent guider le révolutionnaire»*, aussi connu sous le nom de *«Catéchisme révolutionnaire»* (1869), un petit ouvrage totalement amoral. Dans la pratique, d'ailleurs, il manifestait un mépris profond pour la vie, - la sienne comme celle d'autrui, - préconisait l'assassinat de ses propres camarades lorsque cela servait la cause ou l'organisation, et ne répugnait pas non plus à voler ses amis, etc... Il y a aussi le docteur Karl MARX, toujours jaloux et rancunier, - mû par une certaine convoitise à l'égard de la gloire de PROUDHON, - et par un profond dépit, compte tenu de tout ce qu'il lui devait sur le plan théorique, - il eut, au sujet de la guerre franco-prussienne (qui opposait BISMARCK à NAPOLÉON-3 et n'incitait guère, pour quiconque jouissant de toute sa raison, à prendre parti), l'impudence et le machiavélisme d'écrire: *«La France doit être battue sans appel ni recours ; car si la Prusse sort victorieuse, le pouvoir étatique s'en trouvera davantage centralisé, et il en ira de même pour l'ensemble du mouvement ouvrier en Allemagne. La puissance de l'Allemagne déplacera le centre du mouvement ouvrier, de la France vers l'Allemagne. Il suffit de comparer le mouvement dans ces deux pays, de 1866 à nos jours, pour comprendre la supériorité de la classe ouvrière allemande sur la française, tant sur le plan théorique que sur celui de l'organisation; et sa plus grande influence dans le cours des événements internationaux signifiera un triomphe de notre doctrine sur celle de Proudhon...»* (Lettre de MARX à ENGELS, 20 juillet 1870). Certes, l'écrasement de la Commune de Paris en 1871, - défaite d'un mouvement essentiellement libertaire, bien qu'il comportât aussi des composantes jacobines ou blanquistes, - ainsi que les progrès colossaux, y compris électoraux et parlementaires, de la social-démocratie allemande, allaient, d'une certaine manière, donner raison aux *«frères MARX»* quant à la pertinence d'une telle puissance et d'une telle centralisation, et constituer le fondement de leur petite gloire. Mais quelle bassesse, n'est-ce pas? Il est des circonstances où l'on préfère perdre plutôt que d'être contraint de gagner!

Un autre adepte de la formule magique susmentionnée fut STALINE, ancien séminariste et sans doute l'un des plus grands assassins de l'histoire du genre humain — des crimes dont on se souviendra encore *«dans mille ans»*, selon l'expression évocatrice du très peu suspect GROMYKO, aux prémices de la perestroïka. Il n'aimait guère les biographies trop parfaites et immaculées de ses propres camarades;

(*) Serguei NETCHAIEV (1847-1882); niilista russo, adepto do terrorismo. *(Nota de A.M.)*.

(**) Andrei GROMYKO (1909-1989); ministro dos Negócios estrangeiros da *União Soviética* e, mais tarde, presidente do Presidium do *Soviete supremo*. *(Nota de A.M.)*.

(*) Sergueï NETCHAÏEV, (1847-1882); nihiliste russe, partisan du terrorisme. *(Note A.M.)*.

(**) Andreï GROMYKO, (1909-1989); ministre des Affaires étrangères de l'*Union soviétique* puis président du præsidium du *Soviet suprême*. *(Note A.M.)*.

fracos de cada um deles e tinha «*dossiers*» completos sobre todos, para melhor os manipular e deles se desenvencilhar no momento azado e gizado. Ainda por cima, gostava de mudar de executantes a meio da corrida, endossando, aos que eram ceifados e já nem podiam levantar as pestanas para se defender, as culpas pelos «*desvios*». No fundo, inspirava-se em dois conselhos que MAQUIAVEL **(*)** dera aos príncipes dos enclaves florentinos, duas regras altamente práticas, de que cito apenas o conteúdo: - «*Para que possas minimamente ser aceite pelos teus súbditos e vassalos, centraliza para ti o mérito das medidas mais populares; quanto às medidas mais impopulares, descentraliza para os teus subordinados o seu demérito!*». Ou ainda: - «*Quando tiveres que te vingar de alguém, vinga-te de tal maneira que ele fique caído por terra e não possa mais levantar-se; porque as pessoas desforram-se das pequenas ofensas e das grandes já não podem tirar desforço!*» E LÉNINE não tinha nem um pragmatismo nem uma metodologia qualitativamente diferentes. Em 21 de dezembro de 1920, escrevia-lhe o velho KROPOTKINE: «*Os Izvestia e a Pravda publicaram uma declaração informando que o poder soviético decidiu tomar como reféns os socialistas revolucionários dos grupos de SAVINKOF e TCHERNOF, os guardas brancos do ''Centro nacionalista e táctico'' e os oficiais de WRANGEL; e que, se houvesse atentados cometidos contra chefes soviéticos, os reféns seriam ''implacavelmente exterminados''. É verdade que não se encontrou ninguém entre vós para lembrar aos seus camaradas e convencê-los de que semelhantes medidas representam um retorno aos piores momentos da Idade Média e das guerras religiosas, -e são indignas de pessoas encarregadas de criar uma sociedade futura sobre bases comunistas e que com tais medidas não se pode caminhar para o comunismo? Não se encontrou ninguém para explicar o que é um refém?*».

Pelos vistos, não se encontrou ninguém para explicar o que é intuitivo ou imanente ou demasiado óbvio, mas impenetrável aos espíritos obnubilados e politicantes, para quem tudo é táctico ou estra-

il connaissait les points faibles de chacun et possédait des dossiers complets sur tous, afin de mieux les manipuler et de s'en débarrasser au moment opportun, qu'il avait lui-même soigneusement préparé. Qui plus est, il aimait changer d'exécutants en pleine course, faisant porter la responsabilité des «*déviations*» à ceux qu'il éliminait, - lesquels, fauchés en plein élan, n'étaient même plus en état de lever les yeux pour se défendre. Au fond, il s'inspirait de deux conseils que MACHIAVEL **(*)** avait prodigués aux princes des cités italiennes, - deux règles hautement pragmatiques, dont je ne citerai ici que la teneur: «*Pour être tant soit peu accepté par tes sujets et tes vassaux, attribue-toi le mérite des mesures les plus populaires; quant aux mesures les plus impopulaires, rejette la responsabilité sur tes subordonnés!*». Ou encore: «*Lorsque tu dois te venger de quelqu'un, fais en sorte qu'il soit terrassé, incapable de se relever; car si les hommes se vengent des petites offenses, ils sont dans l'impossibilité de se venger des grandes!*». LÉNINE, pour sa part, ne faisait preuve ni d'un pragmatisme ni d'une méthodologie qualitativement différents. Le 21 décembre 1920, le vieux KROPOTKINE **(**)** lui écrivait: «*Les Izvestia et la Pravda ont publié une déclaration informant que le pouvoir soviétique a décidé de prendre en otages les socialistes-révolutionnaires des groupes de SAVINKOV* **(***)** *et TCHERNOV* **(****)**, *les gardes blancs du ''Centre national et tactique'', ainsi que les officiers de WRANGEL* **(*****)**; *et que, si des attentats étaient commis contre des dirigeants soviétiques, les otages seraient ''impitoyablement exterminés''. Est-il vrai qu'il ne s'est trouvé personne parmi vous pour rappeler à ses camarades, - et les convaincre, - que de telles mesures constituent un retour aux pires heures du Moyen-âge et des guerres de religion, qu'elles sont indignes de personnes chargées de bâtir une société future sur des bases communistes, et qu'avec de tels procédés, on ne saurait avancer vers le communisme ? Ne s'est-il trouvé personne pour expliquer ce qu'est un otage?*».

Apparemment, personne n'a été trouvé pour expliquer ce qui est pourtant intuitif, immanent, voire par trop évident, - mais qui demeure impénétrable pour les esprits obscurcis et politiciens, pour qui tout relève de la tactique ou de la stratégie,

---

(*) Nicolau MAQUIAVEL (1469-1527); político italiano, de cujo apelido deriva o termo «*maquiavelismo*». *(Nota de A.M.)*.

(**) Piotr KROPOTKINE (1842-1921); anarquista russo. *(Nota de A.M.)*.

(***) Boris SAVINKOV (1879-1925); um dos responsáveis pela organização de combate do *Partido Socialista Revolucionário* russo. *(Nota de A.M.)*.

(****) Viktor TCHERNOV (1873-1952); um dos principais dirigentes do *Partido Socialista Revolucionário* russo. *(Nota de A.M.)*.

(****) Peter von WRANGEL, ou Piotr barão WRANGEL (1878-1928); general russo, comandante-chefe dos exércitos brancos durante a guerra civil russa. *(Nota de A.M.)*.

(*) Nicolas MACHIAVEL, (1469-1527); homme politique italien du patronyme duquel est issu le terme «*machiavélisme*». *(Note A.M.)*.

(**) Pierre KROPOTKINE, (1842-1921); anarchiste russe *(Note A.M.)*.

(***) Boris SAVINKOV, (1879-1925); l'un des responsables de l'organisation de combat du *Parti socialiste révolutionnaire* russe. *(Note A.M.)*.

(****) Victor TCHERNOV, (1873-1952); l'un des principaux responsables du *Parti socialiste révolutionnaire* russe. *(Note A.M.)*.

(****) Peter von WRANGEL, dit Piotr baron WRANGEL (1878-1928); général russe, commandant en chef des armées blanches durant la guerre civile russe. *(Note A.M.)*.

tégico, incluindo um aperto de mão. Para lhes explicar, muito resumidamente, que a responsabilidade é individual e não colectiva, o que seria uma monstruosidade ética, não se podendo pedir contas a ascendentes, descendentes ou colaterais pelos actos cometidos por cada qual (história do lobo e do cordeiro); ainda que cada um de nós tenha a sua dose de responsabilidade pelo mundo em que vivemos, em geral directamente proporcional à subserviência e muda aquiescência de cada indivíduo. Mas essa responsabilidade, consubstanciada tanto em actos como em omissões, não pode ser sancionada nem punida por lei, nem levar ninguém à prisão ou diante do pelotão de fuzilamento. Fica entregue à consciência, ao tribunal íntimo de cada indivíduo. Para lhes explicar, dizia eu, a Lénine e capangas, mas também aos nazis (veja-se o caso de *«uma aldeia chamada Lídice»*), aos nacionalistas bascos, aos nacionalistas irlandeses, aos nacionalistas palestinianos, aos israelitas que reprimem a *Intifada*, aos maluquinhos de Alá ou aos fanáticos do xiismo (a lista está longe de ser exaustiva), que o mundo está exausto e saturado de violências autoritárias e assimiláveis, desencadeadas tanto pelos Estados existentes como pelos que querem construir novos Estados...

Estamos a anos-luz, na minha opinião, da violência tantas vezes imputada aos anarquistas por *«críticos»* malevolentes ou por mascarradores de papel impresso mal intencionados. Peguemos, para começar, nos atentados efectuados na *belle époque*, assim chamada pelos elegantes, por Ravachol, Émile Henry ou Vaillant, por Sante Caserio (matando Sadi Carnot, presidente da república francesa), por Gaetano Bresci (matando o rei Humberto da Itália), por Paulino Palias contra o general Martinez Campos (um dos principais responsáveis pelos crimes e torturas perpetrados na terrível prisão catalã de Montjuich) ou por Angiolillo contra Cánovas del Castillo, presidente do conselho de ministros espanhol **(**)**. Foram actos perfeitamente individualizados ou praticados por pequenos grupos, foram puros produtos duma época cínica e altamente repressiva, diferentemente apreciados, aliás, pela totalidade do movimento libertário. Os seus autores materiais, no entanto, assumiram-nos com grande dignidade, não se desculparam com inexistentes ordens vindas de cima e enfrentaram o tribunal,

jusqu'à une simple poignée de main. Pour leur expliquer, très brièvement, que la responsabilité est individuelle et non collective, - ce qui constituerait une monstruosité éthique, car on ne saurait demander des comptes aux ascendants, descendants ou collatéraux pour les actes commis par chacun (c'est l'histoire du loup et de l'agneau); même si chacun d'entre nous porte une part de responsabilité dans le monde où nous vivons, une part généralement directement proportionnelle à la servilité et au consentement tacite de chaque individu. Mais cette responsabilité, qui se manifeste tant par des actes que par des omissions, ne peut être ni sanctionnée ni punie par la loi; elle ne saurait conduire quiconque en prison ni devant un peloton d'exécution. Elle relève de la conscience, du tribunal intérieur de chaque individu. Pour leur expliquer, - à Lénine et à ses sbires, mais aussi aux nazis (songez au cas du *«village nommé Lidice»*), aux nationalistes basques, irlandais ou palestiniens, aux israéliens qui répriment l'*Intifada*, aux fous d'Allah ou aux fanatiques du chiisme (la liste est loin d'être exhaustive), - que le monde est épuisé, saturé de violences autoritaires et de violences de même nature, déclenchées aussi bien par des États existants que par ceux qui aspirent à en bâtir de nouveaux...

Nous sommes, à mon avis, à des années-lumière de la violence si souvent attribuée aux anarchistes par des *«critiques»* malveillants ou par des agitateurs de pacotille. Prenons, pour commencer, les attentats perpétrés durant la *Belle Époque*, comme l'appellent les gens de goût, par Ravachol, Émile Henry ou Vaillant, par Sante Caserio (qui assassina Sadi Carnot, président de la République française), par Gaetano Bresci (qui assassina le roi Humbert d'Italie), par Paulino Pállas contre le général Martínez Campos (l'un des principaux responsables des crimes et des tortures commis dans l'horrible prison catalane de Montjuïc) ou par Angiolillo contre Cánovas del Castillo, président du Conseil des ministres espagnol **(**)**. Il s'agissait d'actes parfaitement individuels ou commis par de petits groupes, purs produits d'une époque cynique et profondément répressive, perçue, de surcroît, différemment par l'ensemble du mouvement libertaire. Cependant, les auteurs de ces actes ont fait face à ces accusations avec une grande dignité, sans invoquer d'excuses fondées sur des ordres inexistants venus d'en haut, et en affrontant les tri-

---

(*) Aldeia checa inteiramente destruída pelos nazis em 1942 em represália a um ato de resistência; análogo a Oradour-sur-Glane, em França. *(Note A.M.)*.

(**) François Koënigstein, conhecido por Ravachol (francês, 1859 – guilhotinado em 1892); Émile Henry (francês, 1872 – guilhotinado em 1894); Auguste Vaillant (francês, 1861 – guilhotinado em 1894); Sante Caserio (italiano, 1873 – guilhotinado em 1894); Gaetano Bresci (italiano, 1869 – encontrado enforcado na sua cela em 1901); Paulino Pállas (espanhol, 1862 – fuzilado em 1893); Michele Angiolillo (italiano, 1871 – executado por garrote em 1897). *(Nota de A.M.)*.

(*) Village tchèque entièrement détruit par les nazis en 1942 en représailles d'un acte de résistance; analogue à Oradour-sur-Glane en France. *(Note A.M.)*.

(**) François Koënigstein, dit Ravachol, (français, 1859-guillotiné en 1892); Émile Henry, (français, 1872-guillotiné en 1894); Auguste Vaillant, (français, 1861-guillotiné en 1894); Sante Caserio, (italien, 1873-guillotiné en 1894); Gaetano Bresci, (italien, 1869-retrouvé pendu dans sa cellule en 1901); Paulino Pállas, (espagnol, 1862-fusillé en 1893); Michele Angiolillo (italien, 1871-garotté en 1897). *(Note A.M.)*.

a prisão ou a morte. No imaginário popular, de qualquer forma, ainda pairam as sombras de Ravachol, cantando a canção dos hebertistas na marcha para o cadafalso, ou o grito de Sante Caserio frente à guilhotina: «*Coraggio, compagni, evviva l'anarchia!*» E alguém se lembraria de verter uma furtiva lágrima, oh quão hipócrita!, pelas putativas vítimas dos atentados frustrados contra Mussolini ou Salazar, respectivamente tentados por Schirru e Emídio Santana (*)? Pois bem, Schirru foi condenado à morte e logo executado, sem quase haver a formalidade de um julgamento, por algo que, bem vistas as coisas, nem tentativa se pode chamar, já que nenhum dispositivo chegara a ser montado; não sem primeiro atirar à cara dos verdugos que não tinha cúmplices, que arcava com tudo e que apenas lamentava não ter podido, ao liquidar Mussolini, limpar a face da terra de algumas dezenas de quilos de carne em mau estado de conservação. E Emídio Santana, mal fugiu para Inglaterra, foi logo estraditado pela democrática polícia inglesa, cumprindo larguíssimos anos de prisão nas Penitenciárias de Lisboa e Coimbra.

Já as provocações policiais aos círculos acratas não tinham qualquer preocupação deontológica e revestiam formas a que hoje chamaríamos «*fascistas*», muito embora fossem efectuadas por forças pretorianas de Estados que assim não se rotulavam. Enquanto os atentados anarquistas procuravam atacar a cabeça do Estado e não fazer vítimas inocentes, quando as coisas se tornavam intoleráveis; as provocações policiais procuravam matar indiscriminadamente e transferir o crime para outros, provando que o Estado é que é o grande terrorista. Três exemplos muito rápidos: em 1886, nos Estados-unidos, uma bomba misteriosa explode no mercado de Haymarket, fazendo vítimas. Os anarquistas e anarco-sindicalistas Schwab, Parsons, Spies, Neebe, Lingg, Fischer, Engel e Fielden (**) são inculpados à pressa. A seguir, quatro são executados e um suicida-se na cela. Anos depois, tem lugar uma revisão legal do processo e todos são reconhecidos inocentes. É a história dos chamados «*mártires de Chicago*» que, como sabeis, estão na origem da celebração do 1.° de Maio. Outro caso: em 1920, também nos Estados-unidos, no quadro da repressão da agitação social, os anarquistas ita-

(*) Michele Schirru (italiano, 1899–executado em 1931); Emídio Santana (português, 1906–1988), preso de 1937 a 1958. *(Nota A.M.)*.

(**) Michael Schwab (1853–1898), condenado a prisão perpétua, libertado e reabilitado em 1893; Albert Parsons (1848–1887), enforcado, reabilitado em 1893; August Spies (1855–1887), enforcado, reabilitado em 1893; Oscar Neebe (1850–1916), condenado a 15 anos de prisão, libertado e reabilitado em 1893; Louis Lingg (1864–1887), suicidou-se; Adolph Fischer (1858–1887), enforcado, reabilitado em 1893; George Engel (1836-1887), enforcado, reabilitado em 1893; Samuel Fielden (1847-1922), condenado a prisão perpétua, libertado e reabilitado em 1893. *(Nota A.M.)*.

bunaux, la prison ou la mort. Dans l'imaginaire collectif, pourtant, l'ombre de Ravachol plane encore, fredonnant le chant des *hébertistes* sur le chemin de l'échafaud, ou le cri de Sante Caserio devant la guillotine: «*Courage, camarades, vive l'anarchie!*». Et quelqu'un se souviendrait-il de verser une larme furtive, ô combien hypocrite!, pour les prétendues victimes des attentats manqués contre Mussolini ou Salazar, perpétrés respectivement par Schirru et Emídio Santana (*)? Or, Schirru fut condamné à mort et exécuté sur-le-champ, sans presque aucun procès, pour un acte qui, tout bien considéré, ne saurait même être qualifié de tentative, puisqu'aucun stratagème n'avait été mis en place; non sans avoir auparavant clamé au nez de ses bourreaux qu'il n'avait aucun complice, qu'il assumerait tous les frais et qu'il ne regrettait que de n'avoir pu, en éliminant Mussolini, faire disparaître de la surface de la terre quelques dizaines de kilos de chair mal conservée. Et Emídio Santana, dès qu'il s'enfuit en Angleterre, fut immédiatement arrêté par la police anglaise démocratique et purgea de très longues peines de prison dans les pénitenciers de Lisbonne et de Coimbra.

Les provocations policières contre les milieux anarchistes, cependant, étaient dépourvues de toute préoccupation déontologique et prenaient des formes que nous qualifierions aujourd'hui de «*fascistes*», bien qu'elles fussent perpétrées par les forces prétoriennes d'États qui ne se reconnaissaient pas comme tels. Tandis que les attaques anarchistes visaient le chef de l'État et non à faire des victimes innocentes lorsque la situation devenait intolérable, les provocations policières cherchaient à tuer sans distinction et à faire porter le chapeau à autrui, prouvant ainsi que l'État est le grand terroriste. Trois exemples frappants: en 1886, aux États-unis, une bombe d'origine inconnue explose à Haymarket, faisant des victimes. Les anarchistes et anarcho-syndicalistes Schwab, Parsons, Spies, Neebe, Lingg, Fischer, Engel et Fielden (**) sont rapidement inculpés. Quatre d'entre eux sont exécutés et un se suicide dans sa cellule. Des années plus tard, un réexamen du procès a lieu et tous sont innocentés. Voici l'histoire des soi-disant «*martyrs de Chicago*» qui, comme vous le savez, sont à l'origine de la célébration du 1er mai. Autre cas: en 1920, toujours aux États-unis, dans le contexte de la répression des troubles so-

(*) Michele Schirru (italien, 1899-fusillé en 1931); Emídio Santana (portuguais, 1906-1988), emprisonné de 1937 à 1958. *(Note A.M.)*.

(**) Michael Schwab (1853-1898), condamné à vie, libéré et réhabilité en 1893; Albert Parsons (1848-1887), pendu, réhabilité en 1893; August Spies (1855-1887), pendu, réhabilité en 1893; Oscar Neebe (1850-1916), condamné à 15 ans de prison, libéré et réhabilité en 1893; Louis Lingg (1864-1887), se suicide; Adolph Fischer (1858-1887), pendu, réhabilité en 1893; George Engel (1836-1887), pendu, réhabilité en 1893; Samuel Fielden (1847-1922), condamné à vie, libéré et réhabilité en 1893. *(Note A.M.)*.

lianos Sacco e Vanzetti **(*)** são capturados. Desta feita, a justiça norte-americana dá-se ao luxo de só os executar sete anos depois. Mais tarde, também são reconhecidos inocentes. Derradeiro exemplo, já mais recente: em 1969, em Milão, depois do atentado contra o *Banco da Agricultura,* a polícia, - tão inoperante quando se trata de crimes que ela própria ou os fascistas cometeram, como esse da *Piazza Fontana* ou o do comboio de Bolonha, ou quando se trata de lutar contra a Mafia, os delitos económicos do Vaticano ou os escândalos das lojas maçónicas, - deita a mão, muito lesta e lépida, aos anarquistas Giuseppe Pinelli e Pietro Valpedra. Logo a seguir, o ferroviário Pinelli é defenestrado e a polícia diz que, após considerar-se culpado, ele se suicidara. No entanto, algum tempo depois, Valpedra é posto em liberdade e ambos são ilibados.

Mas a má vontade contra nós continua, tal como a má fé, sendo essas duas irmãs gémeas frutos da falta de esclarecimento ou da confusão deliberada. Temos fama de violentos. Os entendidos na matéria dizem que o nosso vitalismo exacerbado só pode degenerar em desacato. E os que nem folhear um dicionário sabem, afirmam, peremptórios, que «*caos*» e «*anarquia*» são uma e a mesma coisa. Todos parecem esquecer ou ignorar que, logo para começar, Proudhon se dizia revolucionário e não desordeiro, anarquista, se bem que grande amigo da ordem, enquanto outros acratas (Elisée Reclus) acrescentam que a anarquia é apenas o grau superior e mais acabado da ordem. Violentos são os Estados, com os seus tribunais, as suas polícias, os seus exércitos, os seus asilos, manicómios ou prisões, todas essas instituições que, enfim, dizendo inspirar-se num Direito por elas criado, - Direito esse que mais não pretende que subjugar os fracos e os pobres, - se arrogam o monopólio do uso da força. Violentos são os grupos, partidos e organizações autoritárias que, cultivando os «*valores viris*» e metodologia machista, se hierarquizam de maneira paramilitar, quero aterrorizar os outros e não conseguem aterrorizar-se a si próprios, pr ticam atentados que nos fazem estremecer de indignação, captura reféns e montam a farsa dos «*tribunais populares*», constituindo a cs catura ou o decalque daquilo a que dizem opor-se.

Quanto aos que crêem na indispensabilidade de toda essa panóp terrorista, é só questioná-los com a pergunta sarcástica de Bakunine: «*Estado, portanto, como a Igreja, parte da suposição fundamental que homens são profundamente maus e que, entre-*

(*) Nicola Sacco (1891-1927), Bartolomeo Vanzetti (1888-1927), ambos electrocutados, reabilitados em 1977. *(Nota A.M.)*.

(**) Giuseppe Pinelli (1928-1969), ferroviário, membro da resistência e anarquista, atirado de uma janela; Pietro Valpedra (1933-2002), escritor e anarquista. *(Nota A.M.)*.

ciaux, les anarchistes italiens Sacco et Vanzetti **(*)** furent arrêtés. Cette fois, la justice américaine eut le luxe de ne les exécuter que sept ans plus tard. Par la suite, des innocents furent également reconnus coupables. Un dernier exemple, plus récent: en 1969, à Milan, après l'attaque contre la *Banque de l'Agriculture,* la police, - si inefficace face aux crimes commis par elle-même ou par les fascistes, comme celui de la *Piazza Fontana* ou l'attentat à la bombe dans le train de Bologne, ou encore lorsqu'il s'agit de lutter contre la Mafia, les crimes économiques du Vatican ou les scandales des loges maçonniques, - appréhendait rapidement et sans ménagement les anarchistes Giuseppe Pinelli et Pietro Valpedra. Peu après, Pinelli, cheminot, est jeté par la fenêtre. La police affirme qu'après avoir plaidé coupable, il s'est suicidé. Cependant, quelque temps plus tard, Valpedra est libéré et tous deux sont innocentés.

Mais la malveillance à notre égard persiste, de même que la mauvaise foi, ces deux fléaux étant le fruit d'une incompréhension ou d'une confusion délibérée. Nous avons la réputation d'être violents. Les experts en la matière affirment que notre vitalisme exacerbé ne peut que dégénérer en mépris. Et ceux qui ne savent même pas feuilleter un dictionnaire prétendent péremptoirement que «*chaos*» et «*anarchie*» sont synonymes. On semble oublier ou ignorer que, pour commencer, Proudhon se disait révolutionnaire et non agitateur, anarchiste, bien que grand défenseur de l'ordre, tandis que d'autres anarchistes (Élisée Reclus) ajoutent que l'anarchie n'est autre que le degré le plus élevé et le plus complet de l'ordre. Violents sont les États, avec leurs tribunaux, leurs polices, leurs armées, leurs asiles, leurs hôpitaux psychiatriques ou leurs prisons, toutes ces institutions qui, en somme, prétendant s'inspirer d'une Loi qu'ils ont eux-mêmes créée, - une Loi qui ne vise qu'à asservir les faibles et les pauvres, - s'arrogent le monopole de la force. Violents sont les groupes, partis et organisations autoritaires qui, cultivant des «*valeurs viriles*» et une méthodologie machiste, s'organisent en une sorte de hiérarchie paramilitaire, voulant terroriser autrui sans parvenir à se terroriser eux-mêmes, commettant des attentats qui nous font trembler d'indignation, prenant des otages et mettant en scène la farce des «*tribunaux populaires*», constituant la caricature ou la copie de ce qu'ils prétendent combattre.

Quant à ceux qui croient à l'indispensabilité de tout cet arsenal terroriste, il suffit de les interroger avec la question sarcastique de Bakounine: «*L'État, donc, comme l'Église, part du principe fondamental que les hommes sont fondamentalement*

(*) Nicola Sacco (1891-1927), Bartolomeo Vanzetti (1888-1927), tous deux électrocutés, réhabilités en 1977. *(Note A.M.)*.

(**) Giuseppe Pinelli (1928-1969), cheminot, résistant et anarchiste, défenestré; Pietro Valpedra (1933-2002), écrivain et anarchiste. *(Note A.M.)*.

gues à liberdade natural, esquartejariam uns aos outros e dariam a ver o espectáculo da m; atroz anarquia, em que os mais fortes desancariam ou explorariam mais fracos, exactamente o contrário, não é verdade?, do que acc tece nos Estados modelares de hoje»?! E aos que apenas crêem moral transcendental ou divina, para eles a única capaz de jugulai que chamam os «*baixos instintos*» ou as «*paixões grosseiras*», ven colação repetir-lhes algumas das conclusões éticas a eles cont postas por Kropotkine: «*Tal é a concepção moral de Guyau. Se procede de Epicuro, aprofundou-se fortemente depois; em vez da moral ''cálculo inteligente'', encontramos aqui uma moral natural, desi volvida no homem por causa da sua vida em sociedade, moral cuja existência foi compreendida por Bacon, Grotius, Espinosa, Goetl Augusto Comte, Darwin e, em parte, por Spencer, mas que não quer reconhecer até aos nossos dias os que preferem falar do homem coi dum ser que, conquanto criado ''à imagem de Deus'', é na realidade o escravo do diabo, que não pode ser levado a refrear a sua imoralidade natural, senão pelo chicote e pela prisão, na vida presente, e pelo medo do inferno, numa vida futura*». Sem embargo nenhum des pensadores e homens de acção acreditava em utopias à Rousse como a do «*bom selvagem*», e o último que citei até ia ao ponto dizer que, o que urgia, era impedir que, com a organização social e instituições vigentes, o homem ficasse ainda pior do que aquilo que possa, de facto, ser...

mauvais et que, livrés à leur liberté naturelle, ils s'entre-démembreraient et offriraient le spectacle d'une anarchie atroce, où les plus forts abuseraient ou exploiteraient les plus faibles, exactement l'inverse, n'est-ce pas, de ce qui se passe dans les États modèles d'aujourd'hui?». Et à ceux qui ne croient qu'à une morale transcendantale ou divine, seule à leurs yeux capable de dompter ce qu'ils appellent les «*instincts vils*» ou les «*passions grossières*», je voudrais rappeler quelques-unes des conclusions éthiques que leur soumet Kropotkine: «*Telle est la conception morale de Guyau. Si elle provient d'Épicure, elle s'est considérablement approfondie par la suite; au lieu de la morale du ''calcul intelligent'', on trouve ici une morale naturelle, développée chez l'homme par sa vie en société. Cette morale de l'existence a été comprise par Bacon, Grotius, Spinoza, Goethe, Auguste Comte, Darwin et, en partie, par Spenser, mais ceux qui préfèrent parler de l'homme comme d'un être qui, bien que créé ''à l'image de Dieu'', est en réalité un esclave du diable, que l'on ne peut contraindre à réprimer son immoralité naturelle que par le fouet et l'emprisonnement dans cette vie, et par la crainte de l'enfer dans une vie future*». Les utopies rousseauistes, comme celle du «*bon sauvage*», et le dernier que j'ai mentionné allait même jusqu'à dire que l'urgence était d'empêcher l'homme de se retrouver dans une situation encore pire qu'il ne le serait déjà, compte tenu de l'organisation sociale et des institutions actuelles...
